

# fundamentos

## NUMERO

JORGE AMADO

AFONSO SCHMIDT

PABLO NERUDA

JEAN RICHARD BLOCH



NUMERO ESPECIAL EM HOMENAGEM A STALIN

# fundamentos

ANO V — N.º 33 — 1953  
SETEMBRO DE 1953

DIRETOR PROPRIETARIO  
Rui Barbosa Cardoso

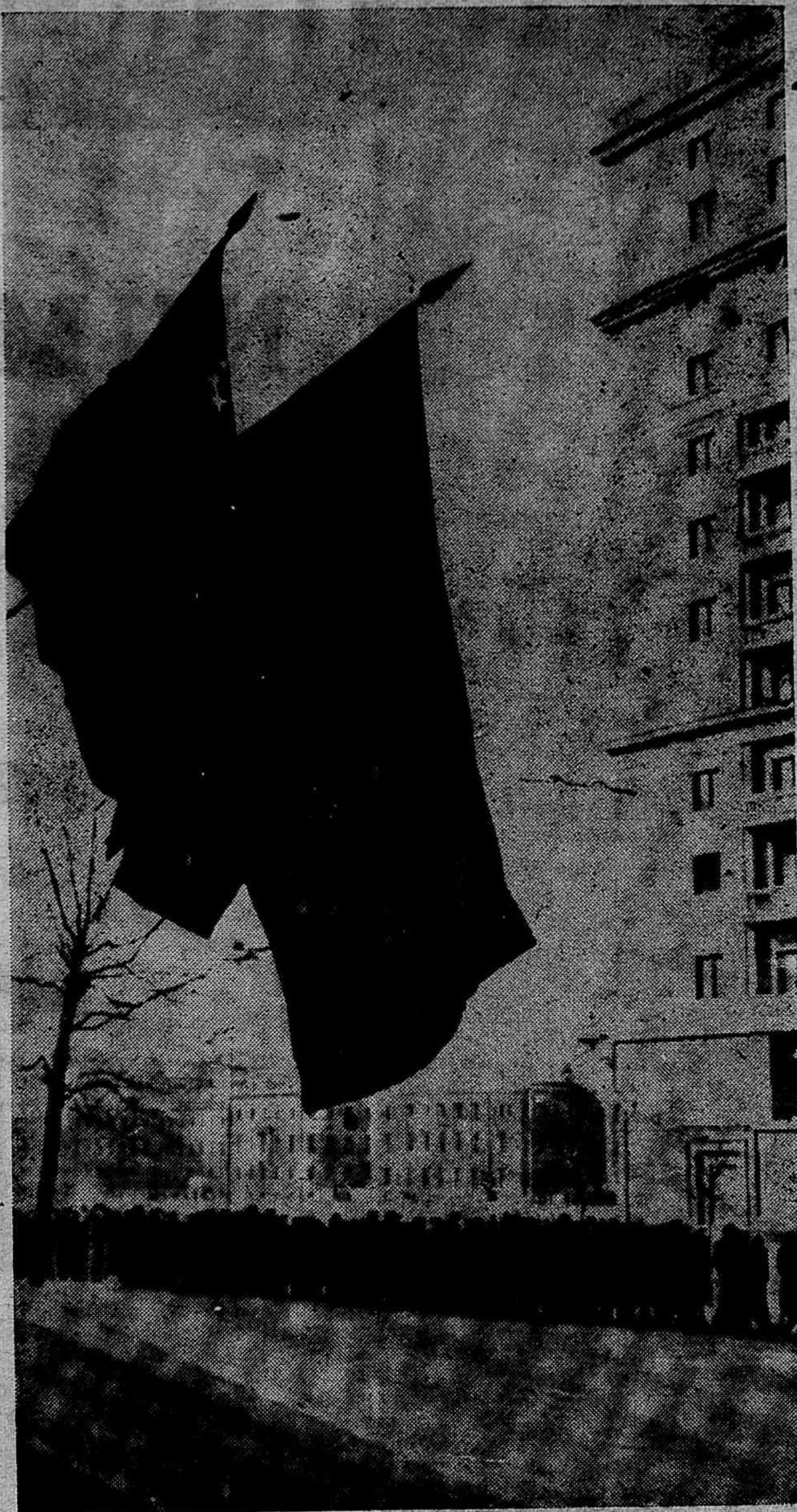
REDATOR CHEFE  
Afonso Schmidt

FUNDAMENTOS não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em trabalhos assinados. Não devolve originais.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —  
Av. Ipiranga, 570 — 1.º andar — Fone: 34-7388 — São Paulo — Brasil

## ÍNDICE

<i>Stalin Imortal</i>	
Jorge Amado .....	3
<i>O pão e as rosas</i>	
Afonso Schmidt .....	4
<i>Assimilar a Ciência</i>	
J. Stalin .....	4
<i>Artífice genial da cultura soviética</i>	
Artur Neves .....	5
<i>A abolição das contradições entre o trabalho intelectual e físico e a liquidação das diferenças entre eles</i>	
J. Stalin .....	6
<i>História de um monumento a Stalin</i>	9
<i>A intelectualidade paulista reverencia o nome de Stalin</i>	10
<i>Tu nos deste a honra, a bandeira, o Partido</i>	
Jacob Gorender .....	12
<i>Stalin e Fundamentos</i>	
STALIN	
Antonieta D. M. Silva .....	13
<i>Em sua morte</i>	
Pablo Neruda .....	14
STALIN	
Terezinha Almeida .....	16
<i>Poema a Stalin</i>	
Walter M. Sampaio .....	16
<i>Retrato de Stalin</i>	
Renina Katz .....	17
<i>Na Sala das Colunas da Casa dos Sindicatos</i>	
Boris Polevoi .....	18
<i>Adeus ao Camarada Stalin</i>	
Aluysio Sampaio .....	18
<i>A Vida Luminosa de Stalin</i>	20
<i>Cinco anos de luta</i>	
<i>O maior amigo do nosso povo</i>	
Luiz Carlos Prestes .....	25
<i>"A praça é do povo"</i>	
Gravura de Mário Gruber ..	26
<i>Stalin quer dizer paz</i>	
E. Sucupira Filho .....	28
<i>Ante o féretro de J. V. Stalin</i>	
Alexei Surkov .....	29
<i>O amigo dos escritores soviéticos</i>	
Jean Richard Bloch .....	30
<i>"Eu vi a guerra bacteriológica", do Prof. Samuel Pessoa</i>	31
<i>Nossa dor e nossa confiança</i>	
P. M. Lima .....	32
<i>Uma cultura nacional pela forma</i>	
J. Stalin .....	32
<i>Silvio Romero, folclorista</i>	
Astrojildo Pereira .....	33



Funerais de Stalin na União Soviética. O povo encaminha-se para prestar a última homenagem ao seu grande líder

<i>Vitória do Realismo — Arte jovem no Salão Nacional</i>	
Fernando Pedreira .....	35
<i>O assassinio legal dos Rosenberg</i>	
G. S. ....	37
<i>Paulino Rech, mestre de uma geração</i>	
Rômulo Argentiére .....	38
<i>A obra do teatro popular brasileiro: Trazer a arte nacional popular para o palco</i>	
Rep. de José A. Rodrigues ..	40
<i>Um belo par: Cangaceiro e Sinhá Moça</i>	
Bráulio Pedroso .....	42
<i>O cinema soviético a serviço da paz</i>	
Carlos Ortiz .....	44
<i>O Congresso Continental de Cultura — uma lição de otimismo e de paz</i>	
E. Sucupira Filho .....	45
<i>Resoluções do Congresso Continental de Cultura</i>	46
<i>Monteiro Lobato e a imprensa do povo</i>	
P. Motta Lima .....	48
<i>Livros e Revistas</i>	50

# STALIN IMORTAL

(Prêmio Internacional Stálin da Paz)

Jorge AMADO

**NOTA DA REDAÇÃO:** - Este artigo foi publicado pela "Gazeta Literária" de Moscou, para a qual foi especialmente escrito.

Vi os povos de quatro países - Brasil, Argentina, Chile e Paraguai — como que emudecidos e subitamente parados ante a notícia terrível, os corações como que a ponto de estalar de dor. E senti então, em toda a sua grandeza, a imortalidade de Stálin, a imortal força criadora de sua vida e de sua obra. Porque o instante de dor desesperada, de dor da criança que perdeu o pai amantíssimo e se sente orfã e abandonada e sem saber que fazer, esse instante de angústia e medo, foi um passageiro instante. Logo em seguida a dor imensa, sem medida e sem limites, para a qual não bastam as lágrimas nem os soluços, já não era dor desesperada nem estávamos orfãos, nem perdida estava a humanidade porque conosco continuava Stálin, à nossa frente, imortal. Vivo como vivo está Lenin, imortal.

Nascendo cada manhã com o raiar da aurora e a partida dos homens para o trabalho. Vigilante às noites, desde a Praça Vermelha, ao lado de Lénin, para que o sono dos homens não seja perturbado pelos lobos carneiros. Apenas se transportou do Kremlin para o centro mesmo da Praça que é o ardente coração do mundo. Seu corpo foi consumido pelo trabalho, para que sua Pátria seja feliz, para que a humanidade seja feliz. Mas sua presença continua, ele está entre nós, jamais o perderemos. Está entre nós, construindo com seu povo soviético o dia luminoso do comunismo, construindo com os povos do mundo o dia claro e harmonioso da paz. Está entre nós, imortal.

Primeiro foi nas ruas apristas de Buenos Aires e a notícia final ainda não havia sido divulgada. A multidão se comprimia ante as fachadas dos jornais, lendo e relendo os comunicados médicos, ainda na esperança de uma palavra otimista, ainda esperando que o gigante ferido se levantasse e que sua voz esclarecedora se fizesse ouvir mais uma vez. O rosto quase encostado aos vidros, chorava mansamente uma mulher pobre e mesmo antes de lermos o telegrama que estava sendo afixado numa tabuleta, nós demos conta, todos que ali estávamos, da desgraça sem par. Porque o manso choro da mulher pobre estrangulou-se num

soluço tão imenso, era todo o povo argentino que soluçava. Durante um instante foi um silêncio feito de pedra, de ausência subita e definitiva. A mulher se encostara completamente na parede como sem forças para manter-se de pé. Seus soluços se prolongavam pela crescente multidão, outros soluços nasciam como ondas num mar de desespero. Foi então que o homem magro, de barba por fazer, o ar de operário na face decidida e nas mãos calosas, com essa sua mão calosa e sólida tocou no ombro da mulher e disse, para ela e para nós todos, as palavras que transformaram a dor desesperada na dor consciente, sem medida e sem limites mas sem temor e sem angústia:

— Ele é imortal — disse o operário magro — Sua obra continua. Ontem, às primeiras notícias de sua enfermidade, tomei de um livro seu. Quem pode matar a sua obra? Ele deixou a paz em nossas mãos, o futuro da humanidade em nossas mãos. Ele agora está dentro de cada um de nós, vive dentro de cada um de nós. Há muito o que fazer, é preciso ganhar a paz.

Foi mais ou menos o que disse, somente jamais poderei transmitir todo o calor, toda a certeza, a força consoladora da sua voz, da sua verdade direta de operário, um entre as dezenas e dezenas de milhões de operários educados por Stálin, um operário da época staliniana. Mas tendo ainda ante meus olhos a face da mulher pobre, o corpo já firme sobre os pés, a boca repetindo:

— Ele é imortal!

O operário partiu, ia construir a paz.

E já não existia o desespero, conosco estava Stálin, imortal, ele nos confortava em nossa dor, dela nos levantava e nos dirigia ao trabalho. Imortal entre nós, imortal à nossa frente.

Vi o povo chileno, em Santiago, debruçado sobre a memória de Stálin. Era como se em quase todas as famílias houvesse um morto porque nas ruas os homens estavam de gravatas pretas e as mulheres levavam um signo qualquer de luto sobre si. Num grupo, um jovem comentava as sórdidas provocações da "Voz da América", a alegria bestial e inumana dos porta-vozes do imperialismo a imaginar-se que com o corpo de Stálin se enterrariam a União Soviética e o proletariado revolucionário. O jovem comentava numa revolta e então alguém lhe deu a ler o comunicado do Comitê Central do Partido e do Conselho de Ministros. Levou adiante a obra de Stálin, completá-la: ah! nada pode impedir que assim seja, que o proletariado o faça, que o mundo de amanhã se-

ja o mundo que Stálin arrancou da noite, cujas raízes ele plantou com Lénin, árvore que cresceu do seu trabalho! A alegria bestial dos inimigos do homem, dos lobos esfaimados, é tão descabida e sem razão que jurou ainda menos que a nossa dor desesperada do primeiro instante. Stálin imortal na sua obra, crescendo com ela nos dias de amanhã o rio Amazonas se chamará Stálin, Stálin se chamará amanhã o pico do Aconcagua na cordilheira dos Andes.

No aeroporto de Assunção alguém escrevera numa parede, em letras negras: "Stálin é imortal". O povo paraguaio sofre a opressão mais brutal. Certamente os pequenos tiranos guaranis abriram champanha ao ler a notícia trágica. Mas o povo perseguido e humilhado escreveu nas paredes a resposta, "Stálin é imortal".

Ah! o riso das feras logo se transformou num ranger de dentes quando até mesmo eles compreenderam a imortalidade de Stálin, presente em seu Partido, presente no seu povo inteiro, presente nos operários todos do mundo, nos trabalhadores inclinados sobre sua morte, jurando continuar sua obra.

Escrevo do Brasil, meu povo brasileiro repete num juramento as palavras de Prestés, do discípulo fiel de Stálin: "Jamais faremos a guerra contra a União Soviética."

Stálin nos ensinou o valor da paz e da amizade entre os povos, o valor da cultura, da alegria, do pão e da poesia, o valor do trabalho e a grandeza do homem. Stálin nos ensinou a não desesperar, a não temer, nos ensinou a beleza da luta e da vitória, nos elevou em nossa condição humana. Está dentro de nós, imortal.

Ainda hoje pela manhã eu o encontrei, vinte vezes o encontrei nessa manhã brasileira: junto com os partidários da paz reunidos em São Paulo, junto com as mulheres preparando suas assembleias, junto com os jovens que organizam o Festival Mundial da Juventude, junto com os operários em greve nas fábricas, com o povo de pé contra o Pacto Militar Brasil-Estados Unidos, de pé contra o envio de tropas para a Coreia. Vinte vezes o encontrei, imortal entre nós, nas cidades e nos campos do Brasil. Ele está onde a paz luta contra a guerra, onde a justiça luta contra a injustiça, onde os explorados lutam contra os exploradores, onde a cultura luta contra o obscurantismo, onde o dia de amanhã luta contra os restos da noite em agonia. No coração de cada um, nas páginas dos livros, nas armas coreanas, na beleza do novo mundo em construção, Stálin imortal!

Rio de Janeiro, março de 1953

# O PÃO E AS ROSAS

Em 1950, o mundo perguntou quais os maiores vultos da primeira metade do século. Nas respostas, mesmo de intelectuais ligados a correntes conservadoras, prevaleceu José Vissarionóvitch Djugachvili, que nasceu em Góri, na Geórgia, usou diversos pseudônimos e dominou a sua época com o nome de Stálin, que em russo quer dizer Aço.

Nunca um nome assentou tão bem. Hoje, estudando a sua figura, podemos melhor admirar-lhe toda a grandeza. Ele foi dos que não hesitaram, não tergiversaram, diante dos caminhos que se abriam à frente. Compreendeu logo que só o proletariado revolucionário é chamado pela história para libertar a humanidade e dar felicidade ao mundo. Viu claro e certo, quando isso se tornava difícil, pois nos dias de sua mocidade a martirizada Rússia dos tzares era varrida por verdadeiros ciclones ideológicos.

Quando veio ao mundo o filho do sapateiro de Góri, a Rússia era ainda aquela que, em falta de melhor documentação, encontramos nas páginas de Gogol, de Dostoiewsky e outros escritores do tempo. Uma terra imensa, variada, mas escassamente produtiva, pois era trabalhada pelos processos mais antigos, por camponeses, que ainda há pouco, tinham sido servos. O povo pautava a existência pelas normas da tradição, com um czar todopoderoso na terra e no céu, munido de "knut" de três correias, servido e desservido pelo clero oficial, pelos autocratas, pela burguesia ambiciosa e por uma polícia quase generalizada na qual se incluíam os porteiros e os numerosíssimos empregados públicos. No seio das massas oprimidas, sacudidas frequentemente por movimentos irreprimíveis de revolta, repontavam um poeta, um músico e um santo — logo devorados pela quase unanimidade do "niechvo", daquele que me importa, guindado à altura de uma doutrina.

Quando José Vissarionóvitch cursava o seminário de Tiflis, ainda rapazinho, deu-se um redemoinho na turba: os primeiros adeptos do parto da "inteligentzia" procuravam atrair a atenção de todos os que estavam em condições de servi-los. Mas o monólito da indiferença e do fatalismo era tão duro, tão impenetrável, que não pôde ser alterado nem mesmo na superfície, que era a intelectualidade, pela broca dos argumentos. Foi preciso despertar no povo aqueles, ódios subterrâneos, recalcados, aos quais o poeta Santos Chocano deveria chamar de "iras santas".

Nesse período sobrelevam-se Bakouline e Kropotkine. O primeiro fez-se apóstolo do anarquismo, da ação direta das massas; o segundo estabeleceu as bases do comunismo anárquico, isto é, de um regime utópico, sem autoridade nem hierarquia. A sombra desse idealismo flamante, desabrochou um individualismo exasperado que se tornaria conhecido no mundo inteiro pela designação de "nihilismo". Afirmava-se de boca para ouvido que era preciso arrasar o existente para em seu lugar construir um mundo novo sobre novas

bases. Então, começou o drama eslavo. Quem tinha no cérebro uma chaminada de sonho, procurou incendiar e destruir o que lhe ficava mais próximo. Os "nihilistas" matavam os autocratas, os clérigos e os burgueses; a polícia do czar, rica de traidores e espiões, prendia, enforcava, chacinava ou deportava para a Sibéria assustadora os Cristos de arrabalde, como se julgavam os ácratas.

No entanto, a verdadeira revolução já estava surgindo nos grupos revolucionários clandestinos, exilados na Transcaucásia. No seminário de Tiflis, o jovem José Viassarionóvitch já dirige círculos marxistas de estudantes. Pouco depois, em 1906, quando ainda não tinham sido de todo apagadas as manchas do sangue popular da Praça Vermelha, Stálin, numa folha ilegal publicada na Geórgia, chama à realidade os extraviados revolucionários mediante uma série de artigos a que deu o título geral de "Anarquismo ou socialismo?".

Até então os socialistas e outros grupos minoritários subestimavam a força dos trabalhadores. Mas surgiram dois gigantes do pensamento eslavo: o misticismo de Leão Tolstói e o realismo poético de Máximo Gorki. O primeiro falava à sensibilidade da classe média, o segundo veio revelar as imensas forças morais dos homens humildes que sofriam nas estepes, nas minas, nas fábricas de alcatrão, nas estradas de ferro e nos barcos atracados nos portos. A massa obreira travou contacto com suas obras através de círculos clandestinos de leitura alimentados por estudantes, artistas e abnegados vulgarizadores que procediam de outros meios.

O marxismo criava legiões de adeptos no seio do proletariado e do campesinato. O terreno estava preparado, a semente do "Manifesto" encontrava chão propício. E o trabalho se tornou

## AFONSO SCHMIDT

intenso, intensíssimo: Em 1903, Stálin, exilado na Sibéria, recebeu a primeira carta de Lênin. Ligaram-se para sempre, dentro do Partido Comunista (Bolchevique). E começou nesse dia uma nova fase para a libertação da Rússia e para as mais amplas e belas conquistas políticas do proletariado universal.

Como se vê, Stálin, o homem de aço, lesde o primeiro dia da sua atividade política, ainda na escola religiosa de Góri, não foi tentado por nenhuma das correntes revolucionárias e humanistas que deslumbravam, que tentavam, os jovens de sua idade. Começou marxista, de uma combatividade que ao homem comum parecerá acima das possibilidades humanas; morreu marxista, leninista, tendo acrescentado à doutrina duas coisas de imenso valor: meio século de experiências e um mundo novo onde, cumprindo a promessa de Engels, deveria haver pão e rosas para os trabalhadores do mundo.

Hoje, neste ano de 1953, de imensas e concretas realizações marxistas, a URSS é o único país do mundo onde o pão satisfaz a fome. A vida do seu povo tornou-se diferente, pois nela entrou um elemento novo: as rosas. Não apenas as dos jardins, das estâncias de férias e repouso dos operários e dos filhos dos operários, mas também as rosas de luz da cultura e da alegria de viver. Sem Stálin, o mundo de nossos dias talvez não passasse de uma fogueira; a guerra estaria consumindo, nas suas lavaredas, tudo o que de bom e alto o homem construiu sobre a terra. Glória pois a ele, o maior pacifista de todos os tempos. Haverá um elogio assaz forte para qualificar um homem que tantas e tão grandiosas coisas realizou em prol da humanidade? Não conheço. Limite-me a envolvê-lo naquilo que de mais nobre possui: o meu amor.

## ASSIMILAR A CIÊNCIA

JOSE STALIN

Extrato do discurso no VIII Congresso de Komsomol 16-5-928. Para edificar, é necessário saber, necessário assimilar a ciência; ora, para saber, é preciso aprender. Aprender com perseverança, com paciência. Aprender com todos, com os inimigos e com os amigos, sobretudo com os inimigos. Aprender cercando os dentes, sem temer a zombaria dos nossos inimigos sobre nossa ignorância, nosso atraso. Temos diante de nós uma fortaleza, esta fortaleza se chama ciência, com seus múltiplos ramos do conhecimento. Esta fortaleza nós devemos tomá-la custe o que custar. Esta fortaleza, a juventude deve tomá-la se quer construir a vida nova, se quer tornar-se verdadeiramente digna de substituir a velha guarda.

Não podemos mais nos contentar em formar quadros comunistas em geral, quadros bolcheviques em geral, que sabem tagarelar um pouco sobre não importa o que. O dile-

tantismo e o "eu sei tudo" são agora grilhões para nós. Precisamos agora de bolcheviques especialistas para a metalurgia, a tecelagem, os combustíveis, a química, a agricultura, os transportes, o comércio, a contabilidade, etc.

Necessitamos agora de grupos inteiros, de centenas e de milhares de novos quadros bolcheviques, que possam ser os mestres de seu trabalho nos domínios mais diversos da ciência. Sem o que não se pode nem pensar nos ritmos rápidos de edificação socialista de nosso país. Sem o que, não se pode nem pensar em alcançar e ultrapassar os países capitalistas avançados. Assimilar a ciência, forjar novos quadros bolcheviques especialistas em todos os domínios da ciência, aprender, aprender, aprender da maneira mais perseverante, tal é agora a tarefa. O que se precisa agora, camaradas, é que a juventude revolucionária ataque a ciência.

# O ARTIFICE GENIAL DA CULTURA SOVIÉTICA

Artur NEVES

*"Queremos fazer de todos os operários e camponeses homens cultos e instruídos, e o conseguiremos com o tempo"*  
— J. STALIN

Em seu informe magistral ao XIX Congresso do Partido Comunista da U. R. S. S. (1), G. Malenkov assinala os progressos verificados em todos os ramos da cultura soviética — na ciência, na literatura e nas artes — e mostra que esses progressos só foram possíveis graças ao desenvolvimento da produção socialista, que procura assegurar a satisfação máxima das necessidades materiais e culturais sempre crescentes da sociedade soviética.

O magnífico quadro de vitórias apresentado por Malenkov corresponde aos anseios e satisfaz os desejos mais otimistas de toda a humanidade, que hoje tem seus olhos e suas esperanças voltados para a gigantesca tarefa da construção do comunismo empreendida pelos povos soviéticos sob a sábia orientação do glorioso Partido de Lênin e Stálin.

Ao comemorarmos hoje as vitórias extraordinárias do sistema de vida e da cultura soviética, devemos saudar em primeiro lugar o nome glorioso e imortal de Stálin que, como companheiro e continuador de Lênin, conduziu com segurança, através de lutas e dificuldades de toda espécie, a nau do primeiro Estado socialista até a consolidação definitiva do poder soviético e à criação das condições materiais e subjetivas, que hoje permitem aos povos da U.R.S.S. a passagem gradativa do socialismo à etapa superior do comunismo. Stálin foi o artifice máximo dessas vitórias, o construtor incansável do socialismo, o guia seguro e vigilante dos povos soviéticos e dos trabalhadores do mundo inteiro em sua marcha para a vida nova e feliz do comunismo.

Nesta hora de retumbantes vitórias do socialismo, evocamos, pois, com saudade e respeito a figura de Stálin, como se ele ainda estivesse vivo e vigilante na torre do comando, qual o timoneiro seguro e sempre alerta descrito por Ehrenbourg: "Durante a tempestade, no mar, o capitão está ao leme. Os homens trabalham ou repousam, contemplam as estrelas ou lêem livros. Mas o capitão, face ao vento, perscruta as trevas. Sua responsabilidade é grande, grande é sua tarefa. Eu penso frequentemente no homem que assumiu uma carga imensa; penso nesse fardo, na coragem, na grandeza. Sopram muitos ventos sobre a terra. Os homens trabalham, plantam árvores, embalam seus filhos, lêem versos ou dormem em paz. E ele, ele está ao leme". (2)

o o o

Referindo-se à dedicação pessoal de Stálin a todo o trabalho ideológico e político do Partido e à edificação da cultura socialista, diz M. Suslov em seu discurso pronunciado no XIX Congresso do P. C. da U.R.S.S.: "É difícil designar um ramo da ciência, da cultura e da arte, um setor da frente ideológica onde não se sinta o papel do nosso grande guia e educador — que os inspira e os orienta — a influência benéfica de suas idéias geniais". (3)

O problema da educação das amplas massas de trabalhadores, da elevação de seu nível político e ideológico, o problema da formação de uma "consciência socialista entre os homens" foram preocupação constante e objetivos permanentes na atividade prática e teórica de Stálin, que via a revolução não como um processo espontâneo de desenvolvimento, mas como o resultado da ação consciente dos homens. Desenvolvendo e ampliando os ensinamentos de Lênin, Stálin encarava a tarefa da elevação do nível cultural e da educação das amplas massas de trabalhadores soviéticos como um dos requisitos essenciais para a consolidação do socialismo na U. R. S. S. e sua passagem gradativa para o comunismo. Foi compreendendo essa necessidade que, já em 1906, em seu trabalho "ANARQUISMO OU SOCIALISMO?", Stálin anunciava com clareza que "a sociedade socialista pressupõe forças produtivas suficientemente desenvolvidas e uma consciência entre os homens, sua educação socialista". (4)

O interesse permanente e vivo de Stálin pelo trabalho ideológico, de educação e propaganda política do Partido nascia da compreensão exata da enorme importância das novas idéias sociais e das novas instituições políticas na liquidação das velhas relações de produção, provinha de uma justa avaliação da importância do papel da "consciência política das massas" no processo revolucionário. Diz Stalin no seu estudo "Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico": "Do con-

flito entre as novas forças produtivas e as velhas relações de produção, das novas exigências econômicas da sociedade surgem novas idéias; estas novas idéias organizam e mobilizam as massas, as massas se fundem em um novo exército político, criam um novo Poder revolucionário e utilizam este Poder para liquidar pela força o velho regime estabelecido no campo das relações de produção e referendar o regime novo. O processo espontâneo do desenvolvimento cede lugar à ação consciente do homem, o desenvolvimento pacífico à transformação violenta, a evolução à revolução". (5)

Stálin, durante toda a sua vida dedicada ao Partido e à Revolução, procurou, através do domínio completo da ciência do marxismo, impulsionar o desenvolvimento das novas idéias do socialismo que, como ele mesmo afirmava, eram as únicas capazes de organizar e mobilizar as massas, e fundi-las num grande exército político. Continuando a obra de Marx, Engels e Lênin, à frente do Partido Comunista da U.R.S.S., Stálin foi o grande educador de massas que acelerou o processo de formação da consciência socialista. Foi o sábio genial que ampliou a base ideológica e dirigiu a edificação de toda a nova cultura que hoje floresce no país dos soviéticos e orienta a humanidade no caminho do comunismo. A contribuição pessoal de Stálin na edificação dessa cultura, que tem como alicerce a ciência do marxismo e como objetivo a felicidade do homem, é de valor incomensurável. É uma contribuição que se caracteriza pelo seu espírito de inovação e seu cunho de originalidade, decorrente da atitude criadora assumida por Stálin diante da ciência do marxismo-leninismo. Stálin afirmava que "O marxismo, como ciência, não pode permanecer no mesmo lugar. Desenvolve-se e aperfeiçoa-se. Em seu desenvolvimento, o marxismo não pode deixar de enriquecer-se de uma nova experiência e de novos conhecimentos; por conseguinte, algumas de suas formulações e de suas conclusões não podem deixar de se modificar com o decorrer do tempo, não podem deixar de ser substituídas por fórmulas e conclusões novas, que correspondem às novas tarefas históricas. O marxismo não admite conclusões e fórmulas imutáveis, obrigatórias para todas as épocas e períodos. O marxismo é o inimigo de todo dogmatismo". (6) Foi essa atitude criadora diante da ciência do marxismo que permitiu a Stálin desenvolver novos aspectos de suas teses principais e abrir novos e largos horizontes à cultura soviética, imprimindo-lhe um caráter inovador e revolucionário.

Entre as mais fecundas contribuições de Stálin à ciência do marxismo, base da cultura soviética, destaca-se o desenvolvimento a um nível superior das teses do materialismo dialético, levado a efeito por Stálin com o objetivo de armar o povo soviético e os trabalhadores de todo o mundo com a teoria científica do conhecimento. O filósofo soviético F. Jasjachy, referindo-se à contribuição de Stálin no domínio da teoria do conhecimento, faz a seguinte afirmação: "Em seu tempo, Marx aspirava apresentar uma exposição sistemática dos princípios fundamentais da dialética em duas ou três folhas impressas. Mas toda uma série de circunstâncias o impediram de cumprir esse desejo. Fê-lo o camarada Stálin. Seu trabalho "Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico" é uma exposição sistemática, concisa

5 de Março de 1953

pela forma e profunda pelo conteúdo, dos fundamentos do materialismo dialético e histórico. Esse trabalho staliniano arma espiritualmente nosso povo". (7)

Foi ainda a Stálin que coube desenvolver as teses leninistas sobre a revolução socialista e a possibilidade da construção do socialismo em um só país, bem como elaborar de maneira definitiva e completa a doutrina do Estado socialista, delineada por Lênin em "O Estado e a Revolução". A ele coube ainda a tarefa de compendiar numa síntese admirável — na HISTÓRIA DO P. C. (b) da U.R.S.S. — toda a gigantesca experiência histórica do Partido Comunista da U.R.S.S. e analisar os aspectos novos do desenvolvimento do marxismo na época do imperialismo e das revoluções proletárias.

Os trabalhos de Stálin sobre "O Marxismo e os problemas da linguística", aparecidos em 1950, vieram revelar facetas novas do seu trabalho criador no campo da ciência. Analisando essas novas contribuições de Stálin, diz Malenkov: "Os princípios fundamentais da teoria marxista sobre o ca-

ráter de necessidade das leis do desenvolvimento são conduzidos a um nível mais elevado. As questões relativas à infra-estrutura econômica e à super-estrutura da sociedade, às forças produtivas e às relações de produção foram aí elaboradas a fundo. A doutrina do materialismo dialético e do materialismo histórico como base teórica do comunismo foi desenvolvida e conduzida para a frente". E Malenkov mostra em seguida a importância dessas novas teses de Stálin no desenvolvimento da ciência e da cultura em geral: "O camarada Stálin descobriu o papel da língua como instrumento do desenvolvimento da sociedade, mostrou as perspectivas de desenvolvimento das culturas e das línguas nacionais. Tendo enriquecido com teses novas a ciência do marxismo-leninismo, o camarada Stálin abriu nesta obra novas perspectivas ao progresso de todos os ramos do conhecimento". (8)

Mas a contribuição mais importante e decisiva de Stálin ao desenvolvimento da ciência marxista é consequentemente da cultura socialista é, sem dúvida, a que ele nos dá com sua nova obra clássica — OS PROBLEMAS ECONÔMICOS DO SOCIALISMO NA U.R.S.S. (9) Foram as teses desse fecundo trabalho de Stálin que orientaram as discussões do XIX Congresso do Partido Comunista da U.R.S.S. e foi à luz dos novos ensinamentos nele contidos que esse vitorioso Congresso pôde chegar a conclusões e resoluções que marcam uma nova etapa no desenvolvimento do socialismo na União Soviética e na luta revolucionária dos trabalhadores e dos povos do mundo inteiro. Comentando esse trabalho de Stálin sobre a economia da U.R.S.S., diz M. Suslov no discurso já citado: "o camarada Stálin nos deu uma análise completa e muito aprofundada dos problemas mais importantes da economia política e, em primeiro lugar, dos problemas relativos à passagem progressiva da sociedade soviética do socialismo ao comunismo. O camarada Stálin projetou a viva luz da ciência marxista-leninista sobre os meios e os métodos a empregar para edificar o comunismo e, assim, trouxe uma ajuda gigantesca a nosso Partido, a todos os construtores da sociedade comunista, a todo o movimento operário internacional". (10)

É nessa obra admirável que Stalin formula de maneira genial, com clareza verdadeiramente staliniana, as leis econômicas fundamentais do capitalismo moderno e do socialismo por ele descobertas, mostrando o caráter de oposição e antagonismo e a divergência profunda no processo de de-

envolvimento e nos objetivos dos dois sistemas econômicos. Explica Stálin que, enquanto no regime capitalista a sua lei econômica fundamental exige "a garantia do lucro máximo capitalista, por meio da exploração, ruína e pauperização da maioria da população de um dado país; por meio da escravização e pilhagem sistemática dos povos de outros países, particularmente dos países atrasados; e finalmente, por meio de guerras e da militarização da economia nacional utilizada para garantir os lucros máximos", no regime socialista, as características essenciais e as exigências de sua lei econômica fundamental são "a garantia da máxima satisfação das necessidades materiais, sempre crescentes de toda a sociedade, por meio do ininterrupto aumento e aperfeiçoamento da produção socialista, à base de uma técnica superior". Malenkov, em seu informe ao XIX Congresso, mostra que a descoberta pelo camarada Stálin dessas leis fundamentais vem desfechar um golpe esmagador em todos os apologistas do capitalismo. "Essas leis fundamentais provam, diz Malenkov, que se, na sociedade capitalista, o homem é submetido à lei impiedosa do lucro máximo em nome da qual as pessoas são votadas a terríveis sofrimentos, à miséria, ao desemprego e a guerras sangrentas, na sociedade socialista toda a produção está subordinada ao homem com suas necessidades sempre crescentes. Nisto reside a vantagem decisiva do comunismo, regime social novo, mais evoluído que o capitalismo".

O conhecimento dessas leis econômicas fundamentais, que regem o sistema capitalista e o sistema socialista, permite-nos hoje compreender todo o processo de desenvolvimento da nova cultura socialista, voltada para o homem e para as suas necessidades materiais e culturais crescentes, em luta com a velha e decadente "cultura" capitalista, posta a serviço da guerra, da opressão e do obscurantismo.

A nova cultura socialista, que sob a orientação de Stálin e do Partido Comunista, cresceu e se desenvolveu na União Soviética é o reflexo vivo e fiel e um exemplo eloquente das vantagens decisivas de um regime social novo e mais evoluído. Seu conteúdo é mais rico e seus objetivos são mais altos e amplos do que o de todas as culturas precedentes, pois ela visa, como indica Stálin, "alcançar um progresso cultural da sociedade que assegure a todos os seus membros o desenvolvimento universal de sua capacidade física e intelectual, para que possam receber uma ins-

## A Abolição das Contradições Entre o Trabalho Intelectual e Físico e a Liquidação das Diferenças Entre Eles

J. STÁLIN

Este problema tem para nós, também, uma significação da mais alta importância. Antes do começo do desenvolvimento da emulação socialista em massa, o crescimento da indústria em nosso país se fazia emperradamente e muitos camaradas levantaram a questão de até tornar mais lento o ritmo do desenvolvimento da indústria. Explica-se isto, principalmente, pelo fato de ser aquela época, o nível técnico-cultural dos operários bastante baixo e muito distanciado do nível do pessoal técnico.

Na verdade, entretanto, essa situação mudou de modo radical, depois que a emulação socialista tomou, em nosso país, caráter de massa. Justamente depois disso, a indústria adiantou-se em ritmo acelerado. Por que a emulação socialista tomou o caráter de massa? Porque no meio dos operários se formaram grupos inteiros de camaradas que não somente assimilaram um mínimo de conhecimentos técnicos, mas foram além, alcançaram o nível do pessoal técnico, passaram a corrigir os técnicos e engenheiros, a quebrar as normas existentes, como caducas, e a introduzir novas formas, atualizadas, etc.

Que aconteceria se em vez de grupos isolados de operários, a maioria desses tivesse elevado seu nível técnico e cultural até o nível dos técnicos e dos engenheiros? Nossa indústria teria alcançado uma altura inatingível para a indústria de outros países. Portanto é inegável que a liquidação da diferença essencial entre o trabalho intelectual e o físico, por meio da elevação do nível técnico-cultural dos operários até o nível do pessoal técnico, não pode deixar de ter, para nós, uma importância de primeira ordem.

Alguns camaradas afirmam que, com o decorrer do tempo, desaparecerá não somente a diferença essencial entre a indústria e a agricultura, entre o trabalho físico e o intelectual, mas desaparecerá também qualquer diferença entre eles. Isto não é certo. A liquidação da diferença essencial entre a indústria e a agricultura de toda diferença entre elas. Certa agricultura não pode conduzir à liquidação da diferença, embora não essencial, incontavelmente permanecerá, devido às diferenças nas condições de trabalho na indústria e na agricultura. Mesmo na indústria, se temos em vista seus vários ramos, as condições de trabalho não são as mesmas, em toda parte: se as condições de trabalho dos mineiros empregados na extração de carvão, por exemplo, diferem das dos operários de uma

fábrica mecanizada de calçados, as condições de trabalho dos mineiros empregados na extração de metais diferem das dos operários das usinas de construção de máquinas. Se isto é certo, então com maior razão se conservará certa diferença entre a indústria e a agricultura.

A mesma coisa é preciso dizer a respeito da diferença entre o trabalho intelectual e o trabalho físico. A diferença essencial entre eles, a diferença do seu nível técnico-cultural, indiscutivelmente desaparecerá. Mas uma certa diferença, embora não essencial, subsistirá, quando mais não seja porque as condições de trabalho do pessoal dirigente das empresas não são idênticas às condições de trabalho dos operários.

Os camaradas que afirmam o contrário apoiam-se, provavelmente, na conhecida fórmula contida em alguns dos meus trabalhos, em que se fala da diferença entre a indústria e a agricultura, entre o trabalho físico e o intelectual, sem especificar que se trata da liquidação da diferença essencial e não de qualquer diferença. Os camaradas assim justamente compreenderam minha fórmula, na suposição de que ela significava a liquidação de qualquer diferença. Isto quer dizer, porém, que a fórmula era imprecisa, insatisfatória. É preciso rejeitá-la e substituí-la por outra fórmula que fale da liquidação das diferenças não essenciais entre a indústria e o trabalho físico.

(De "Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S. - Editorial Vitória Limitada - pags. 28-30).

trução suficiente que lhes permita ser agentes ativos do desenvolvimento da sociedade, para que possam escolher livremente uma profissão e não tenham de ver-se atados por toda a vida, em consequência da divisão do trabalho existente, a uma profissão determinada". (11). Esses altos objetivos do Estado Soviético no terreno da cultura já haviam sido sintetizados de forma magistral pelo próprio Stálin, em 1939, no seu informe ao XVIII Congresso do P. C. (b) da U.R.S.S., onde afirmava: "Queremos fazer de todos os operários e de todos os camponeses homens cultos e instruídos, e o conseguiremos com o tempo".

O grande Stálin foi o artífice genial da cultural soviética. Foi ele quem mais contribuiu para o seu desenvolvimento, quem lhe cimentou a base ideológica, através de ricas e fecundas contribuições teóricas. Foi ele quem aprofundou o estudo de suas características e peculiaridades e marcou os objetivos a serem por ela atingidos em sua trajetória ascendente. Foi ele, enfim, quem lhe imprimiu esse vigoroso espírito renovador e revolucionário e a transformou numa poderosa arma a serviço da humanidade em marcha para o comunismo.

Produto de um regime social novo, desenvolvendo-se dentro de novas condições históricas, a cultura soviética apresenta características e peculiaridades novas, que lhe acentuam o brilho e o valor e aumentam suas vantagens sobre todas as culturas precedentes. Ao expôr de maneira sistemática as peculiaridades da cultura soviética, o grande romancista A. Fadeev (12) diz que a primeira dessas peculiaridades reside em que ela, diferentemente de todas as outras culturas, pertence ao povo e está sendo criada pelo próprio povo, por milhões de homens soviéticos que, pela primeira vez na história da humanidade, têm a possibilidade de usufruir os progressos realizados pela economia social. (13)

Na U.R.S.S., cada avanço da produção socialista se converte imediatamente numa elevação do nível de vida econômico e cultural do homem soviético. O aumento contínuo da renda nacional, as baixas constantes dos preços das mercadorias, o aumento dos salários dos operários e empregados e o aumento da renda dos camponeses vêm criando, no país do socialismo, condições cada vez mais favoráveis à satisfação das necessidades materiais e culturais de sua população.

Por seu lado, o Estado Soviético, inspirado pelos ensinamentos de Stálin, tem dedicado uma atenção permanente ao problema da instrução pública, base e alavanca de todo o progresso cultural. Este problema está sendo enfrentado pela União Soviética em escala de amplitude sem precedente na vida de qualquer outro país. As verbas destinadas à instrução pública crescem de ano para ano e, em 1951, atingiram 57 bilhões e 300 milhões de rublos. Só no período de após-guerra foram construídas mais 23.500 escolas e hoje sobe a 57 milhões o número de pessoas que estudam na U.R.S.S. O ensino primário, que é hoje de 7 anos, passará até o fim do próximo quinquênio ao ensino médio geral de 10 classes. O número de alunos dos estabelecimentos de ensino superior atingiu 1.400.000 em 1952, ou seja 73% mais do que antes da guerra. Existem hoje na U.R.S.S. 5.500.000 especialistas com instrução superior e secundária. Funcionam atualmente no país 368 mil bibliotecas e a tiragem anual de livros sobe a 800 milhões de exemplares.

Só numa sociedade como a soviética, onde foram liquidadas as classes exploradoras, é que as amplas massas podem adquirir instrução, ver atendidas as suas necessidades culturais, e, assim, participar ativamente do processo de formação de uma nova cultura, imprimindo-lhe um cunho genuinamente popular.

A segunda peculiaridade da cultura soviética reside no seu caráter multi-nacional.

Com suas clássicas contribuições sobre a questão nacional e, mais recentemente, sobre os problemas da linguística, Stálin auxiliou o desenvolvimento do caráter multi-nacional da cultura soviética. Stálin ensinava que "cada nação, seja grande ou pequena, tem suas peculiaridades qualitativas, seus traços específicos, que pertencem somente a ela e as outras nações não possuem. Estas peculiaridades são a contribuição de cada nação ao tesouro comum da cultura mundial, para completá-la e enriquecê-la". Diferentemente do capitalismo, que procura manter na ignorância os povos oprimidos e freia o desenvolvimento das culturas nacionais de cada povo, o socialismo vitorioso na U.R.S.S. deu livre expansão a essas características nacionais. Stálin, à frente do Partido Comunista da U.R.S.S., orientou sábiamente toda a política cultural do Estado Soviético com relação às diversas nacionalidades que compõem o grande estado socialista. Em um estudo sobre as peculiaridades nacionais da literatura russa, D. Blagoi (14), referindo-se à contribuição teórica de

Stálin nesse terreno, diz: "Em um de seus discursos, Stálin deu resposta definitiva à pergunta de como harmonizar a edificação da cultura nacional com a edificação da cultura proletária; mostra que não há nenhuma contradição nisso, mas que são dados de um mesmo processo, determinado pela liquidação das nações — como nações burguesas — no país da Revolução Socialista triunfante, e o renascimento delas como nações socialistas". E Blagoi passa a citar as próprias palavras de Stálin: "a cultura proletária, socialista por seu conteúdo, adota diversas formas e diferentes maneiras de expressão nos distintos povos incorporados à construção socialista, com relação às diferenças de idioma, de condições de vida, etc... A cultura proletária não suprime a cultura nacional, mas lhe dá conteúdo. E de outro lado, a cultura nacional não suprime a cultura proletária, mas lhe dá forma".

Na União Soviética estão hoje unificadas e coexistem em perfeita harmonia mais de 60 nacionalidades. Cada uma delas contribui para o tesouro comum da cultura soviética, que assim se enriquece de todas as belezas e características de suas formas nacionais.

A terceira peculiaridade da cultura soviética, apontada por Fadeev, é a de que ela se tornou a herdeira legítima do melhor e mais avançado de toda a sua velha cultura nacional e de toda a cultura universal.

Zdhanov, no seu estudo magistral sobre "As tarefas da literatura na sociedade soviética", (15) salienta essa característica da cultura soviética e reconhece as valiosas contribuições de Lênin e Stálin no sentido de incentivar o aproveitamento da herança cultural do passado: "Sabese que o leninismo assimilou todas as melhores tradições dos revolucionários democratas russos do século XIX e que nossa cultura nasceu, desenvolveu e desabrochou graças à sua herança cultural do passado, sujeita a uma crítica aprofundada. No domínio da literatura nosso Partido reconheceu mais de uma vez, através as palavras de Lênin e Stálin, o importantíssimo papel dos grandes escritores e críticos revolucionários democráticos — Belinsky, Dobrolubov, Tchernychevsky, Saltykov-Tchedrin, Plekhanov".

Aprofundando o estudo de outros aspectos dessa terceira característica da cultura soviética — a de se tornar herdeira e impulsionar sobre novas bases toda a cultura universal — Fadeev explica: "Partimos da tese leninista que afirma que no passado de cada povo existiram duas culturas: uma, a cultura que apresenta os traços temporais, passageiros e fortuitos das classes exploradoras, que eram quem as criava; outra, a cultura que, muito embora fôsse criada, com grande frequência, por homens oriundos das classes dominantes, encarnava, apesar disso, os melhores anseios e esperanças do povo, desenvolvia-se sobre a base dos grandes movimentos sociais populares, utilizava as ricas criações do povo e se propunha altos objetivos humanistas. A cultura soviética herda precisamente esta segunda e autêntica cultura. Como donos cuidadosos tomamos em nossas mãos todo o melhor das épocas passadas e o convertemos em patrimônio do povo. E, baseando-nos nesta rica herança cultural do passado, construímos a cultura da sociedade nova, socialista".

A quarta peculiaridade da cultura soviética consiste no seu entranhado patriotismo e sentimento de orgulho nacional.

O patriotismo soviético, que impregna toda a sua cultura, nada tem de chovinista. É um patriotismo progressista que, como explica Fadeev: "tem como ponto de partida o anseio humano mais nobre e elevado: compartilhar com os demais povos o que o nosso criou de mais avançado e melhor no processo de seu desenvolvimento cultural".

O patriotismo soviético nasce do amor à terra e às nobres tradições de seu povo, nasce da defesa dos interesses da grande União Soviética, interesses que, como salientou Stálin em seu magistral discurso de encerramento do XIX Congresso, não contradizem, mas, ao contrário, se fundem com os interesses dos povos amantes da paz. É um patriotismo que, tendo como base o respeito e a reciprocidade de apôio entre os povos ligados à União Soviética em sua luta pela Paz e o progresso, vem reforçar os laços do internacionalismo proletário.

O orgulho nacional, que também é um traço componente desta quarta característica da cultura soviética, provém da consciência que tem o homem soviético da grandeza da obra que está realizando e da importância das vitórias alcançadas pelo socialismo na edificação de uma economia e de uma cultura que, como diz Georges Cogniot, "são, no mundo, a única economia e a única cultura que se desenvolveram e se desenvolvem sem os choques, as catástrofes, as quedas, os desastres com as coisas e os homens que são a

marca da cultura e da economia que ainda não atingiram o tipo socialista". (16)

E, finalmente, a quinta peculiaridade da cultura soviética, tal como é enunciada por Fadeev, "consiste em que ela se acha saturada de espírito de Partido, o que significa, que ela se entrega de um modo consciente ao serviço do povo e do Estado socialista, e se propõe de um modo consciente a educação comunista do povo".

Foi ainda a Stálin que coube desenvolver o princípio leninista do espírito de Partido na cultura soviética, fazendo com que essa se ligasse indissolivelmente aos interesses e às aspirações do povo e à política do Estado Socialista, transformando-a, como queria Lênin, "numa parte da causa geral do proletariado"... "posta em movimento por toda a vanguarda consciente de toda a classe operária"... "numa parte integrante do trabalho organizado, metódico e unificado do Partido Social Democrata. (17)

Num artigo sobre "Literatura e Política", N. Lessutchevski teve ocasião de aprofundar a análise do papel do princípio de Partido na literatura e, por extensão, em toda a cultura soviética: "Hoje, no país dos Sovietes, onde o socialismo é edificado, onde não mais existem classes antagônicas, onde a unidade moral e política está constituída e onde ela se firma cada vez mais, — a literatura faz organicamente parte da obra empreendida pelo conjunto do povo. Por conseguinte, ela não tem nem pode ter outros interesses que aqueles do povo soviético. E o princípio de partido da literatura soviética consiste precisamente na luta por esses interesses dos quais a política do Estado Soviético é a expressão". (18)

E' o espírito de partido que imprime à cultura soviética o seu caráter de luta, de defesa intransigente das posições conquistadas pelo socialismo, de combate tenaz a tudo o que é velho e decadente. A cultura soviética não nega o seu espírito de partido, mas, pelo contrário, orgulha-se dele e o desenvolve continuamente, por considerá-lo a fonte mais fecunda de sua inspiração e a grande força impulsionadora de seu progresso. "Se a cultura se apresentou com frequência como independente dos partidos, diz Fadeev referindo-se à cultura burguesa, isso foi feito exclusivamente para ocultar sua ligação com as classes exploradoras. Assim como cada pessoa tem na vida motivos de amor e motivos de ódio, assim também a cultura criada pelos homens traz impresso esse amor e esse ódio".

A cultura soviética não esconde a sua ligação política com o Estado, nem o seu espírito de Partido, porque, como diz com firmeza N. Lessutchevski: "Toda a hipocrisia é organicamente estranha e hostil à classe operária que não tem necessidade de esconder suas posições de classe, sua política. Essa política tende ao progresso, tende a acelerar a marcha da história, a libertar os trabalhadores"... "O Partido Comunista, fala abertamente da ligação direta que une a literatura de vanguarda à política revolucionária da causa operária. E' uma literatura realmente livre pois que ela está a serviço da luta de libertação total de grandes massas populares, pela verdadeira liberdade de todos os trabalhadores".

o o o

Tais são, em síntese, as características e peculiaridades principais da nova cultura socialista que, sob a orientação do grande Stálin e do glorioso Partido Comunista da U.R.S.S., deitou raízes e hoje, com todos os seus ramos vicejantes e cheios de frutos, se expande na União Soviética. De caráter genuinamente popular, de conteúdo socialista e de forma multi-nacional, herdeira legítima de toda a herança cultural da espécie, saturada de sadio patriotismo e de justo orgulho nacional, animada pelo espírito revolucionário de Partido, a cultura soviética conseguiu, em pouco mais de três décadas, abrir na ciência, na literatura e nas artes, horizontes novos ao homem do nosso tempo. Na grande União Soviética, armados dessa cultura, milhões e milhões de homens começam a transformar a natureza e a ser donos de seu próprio destino. E, repetindo as palavras de Georges Cogniot, podemos afirmar com alegria, que, na era staliniana, pela primeira vez a herança prodigiosa dos séculos é comunicada a todos os membros de uma sociedade.

O nosso dever é assimilar e divulgar a cultura soviética, essa cultura prodigiosa, que rasgou as trevas e avançou no tempo. E' continuar com confiança a marcha para o comu-

nismo sob a luz radiosa dos ensinamentos de Stálin, o artífice genial da cultura socialista, o mestre que nos auxilia a descortinar o futuro e nos anima a erguer a cabeça e a repetir com Gorki — "Que tarefa magnífica a de ser um homem sobre a terra"...

- (1) — G. Malenkov — Informe ao XIX Congresso sobre o trabalho do Comitê Central do P. C. (b) da U.R.S.S. — "Problemas" — N.º 42 — set-out. — 1952.
- (2) — Ilya Ehrenbourg — "Grandes sentimentos" — Artigo em "Literatura Soviética" — N.º 1 — 1950 — Moscou.
- (3) — M. Suslov — Discurso pronunciado no XIX Congresso do P. C. da U.R.S.S.
- (4) — J. Stálin — "Anarquismo ou socialismo?" — OBRAS — Vol. 1 — pag. 304 — Editorial Vitoria Ltda. — Rio — 1952.
- (5) — J. Stálin — "Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico" — em "Cuestiones del Leninismo" — pag. 665 — Ediciones en Lenguas Extranjeras — Moscou — 1941.
- (6) — J. Stálin — Sobre algumas questões de linguística — Carta ao Camarada A. Kholopov — 28-7-1950. — Em "Fundamentos" — N.º 17 — janeiro de 1951.
- (7) — F. Jasjachij — "La Cognoscibilidad del Mundo" — Introducion a la teoria marxista del conocimiento — Ediciones Pueblos Unidos — Montevideo — pag. 109.
- (8) — G. Malenkov — Infôrme sobre o Trabalho do Comitê Central do P. C. (b) da U.R.S.S. ao XIX Congresso — "Problemas" — 42 — set-out. — 1952.
- (9) — J. Stálin — "Problemas Econômicos do Socialismo na U. R. S. S." — "Problemas" — N.º 43 — Nov-Dez. — 1952.
- (10) — M. Suslov — Discurso no XIX Congresso do P. C. da U.R.S.S..
- (11) — J. Stálin — "Problemas Econômicos do Socialismo na U. R. S. S." — Os erros do camarada Iarochenko — "Problemas" — 43 — Nov-Dez. — 1952.
- (12) — A. Fadeev — "Sobre a cultura soviética" — em "Literatura Soviética" — N.º 2 — 1950.
- (13) — A renda nacional da U. R. S. S. aumentou em 83% no período de 1940 a 1951. De 1947 a 1952 houve cinco baixas de preços das mercadorias. Esses preços são hoje duas vezes inferiores aos do último trimestre de 47. Os salários dos operários são hoje 57% superiores aos de 1940 e as rendas em dinheiro e em espécie dos camponeses são 60% superiores às de 1940. (Dados extraídos do citado informe de G. Malenkov).
- (14) — D. Blagoi — "As peculiaridades nacionais da literatura russa" — "Literatura Soviética" — N.º 2 — Moscou — 1952.
- (15) — Andréi Zhdanov — "As tarefas da literatura na sociedade soviética" — "Problemas" — N.º 20 — Agosto-Setembro — 1949.
- (16) — Georges Cogniot — "Perspectives de travail idéologique" — "La Nouvelle Critique" — N.º 41 — Dezembro de 1952.
- (17) — Lenine — "Organização do Partido e Literatura de Partido" — "Novaia Jizn" — 26-11-1905.
- (18) — N. N. Lessutchevski — "Literatura e Política" — Artigo em "Literatura Soviética" — N.º 4 — Moscou — 1949.

# HISTÓRIA DE UM MONUMENTO A STALIN

Isto aconteceu em São Paulo.



Na manhã de sexta-feira, 6 de Março deste ano, um grupo de trabalhadores revolveu a terra, bem no centro da Praça Jockey Clube, no bairro da Moóca!

Na segunda-feira, imediata, um caminhão com quatorze pessoas chegou ao local



Os homens procuravam trazer para o chão um estranho e pesadíssimo bloco, envolto em jornal...



Enquanto uns o desembrulhavam, outros, rapidamente, cavavam a terra. Uma jovem aproximou-se, olhou o volumoso e maciço objeto e sorriu fãternalmente...



Depois de alguns minutos, um grupo de mulheres de todas as idades, sobraçando flores, fitas, ramalhetes, dirigiu-se para o centro da Praça.

Outros homens cuidaram dos enfeites nos próprios fios telefônicos, envolvendo-os com fitas pretas e vermelhas



Outros ainda fizeram espoucar fogos e caramurús... A população do bairro saiu às ruas e se aproximou emocionada...



O caminhão foi-se afastando, e os operários acenavam aos moradores que acorriam ao local daquele monumento que ficará gravado num capítulo da história de nosso país.



Coberta de flores, a homenagem dos trabalhadores paulistas dizia em palavras simples e emocionantes: «Glória Eterna ao Imortal Stalin!»

# A INTELECTUALIDADE REVERENCIA O NO

Ao chegar a dolorosa notícia da morte de Josef Vissarionovich Stalin, muitos intelectuais paulistas, procurados pela imprensa, manifestaram o seu pesar pelo grande golpe que acabavam de receber os povos de todo o mundo.

Reproduzimos, em seguida, essas declarações de prestigiados intelectuais de São Paulo sobre a morte do grande Stalin.

*De Helena Silveira*

## «TEM UM LUGAR NO CÉU»

Foi a seguinte a declaração da escritora católica Helena Silveira:

— Acho que todos os trabalhadores do mundo hoje se sentem mais pobres e mais desamparados. E eu, como proletária da pena, saúdo sua memória pelo que ele fez pela igualdade das criaturas humanas. Embora católica, acredito que Stalin tem um lugar reservado no céu dos católicos pelo que ele fez pelos povos oprimidos”.



Do arquiteto  
*J. Vilanova*  
*Artigas*

## «O SÉCULO DE STALIN»

“A humanidade perde a sua maior figura! — declarou o grande arquiteto brasileiro visivelmente consternado — Figura cuja marca indelevel ficará traçando os rumos do futuro de todo o mundo. Vivemos o século de Stalin, o grande construtor de povos, cuja contribuição genial tem a característica de ser baseada na Paz universal — a Paz, idéia básica do pensamento stalinista —, paz que os povos transformarão num método de viver e que estará sempre ligado ao nome do grande Stalin.”

*De Carlos Burlamaqui Kopke*

## Uma grande perda para o mundo

— «Com a morte de Stalin — afirmou o ilustre escritor paulista — perde o mundo uma de suas figuras mais decentes. Não será a minha geração, talvez nem seja a do meu filho, que poderá avaliar essa perda. Mas é a própria história da dignidade humana, em gerações sucessivas de homens representativos como ele».



*De Mário Donato*

## «Até dos seus inimigos mereceria um epitáfio invulgar»

Mário Donato, autor de “Presença de Anita” e diretor da Rádio Excelsior, pronunciou as seguintes palavras sobre a morte de Stalin:

— Embora não comunista, acho que com a morte de Stalin perde o mundo uma das suas figuras exponenciais. Dizer isso é incorrer num lugar-comum. É pena, porquanto Stalin mereceria de todos nós, inclusive de seus inimigos, um epitáfio invulgar.

*Afirma Di Cavalcanti*

## «A URSS É INDESTRUTIVEL»

Assim falou o pintor Di Cavalcanti:

— É incalculável a importância da perda de Stalin. Ele foi um homem que teve a dignidade de ser sempre um revolucionário que construiu uma pátria socialista — exemplo de um futuro melhor para os trabalhadores do mundo inteiro. Mas que ninguém se iluda: a obra de Stalin continuará de pé, a União Soviética, construída por Stalin, é indestrutível.

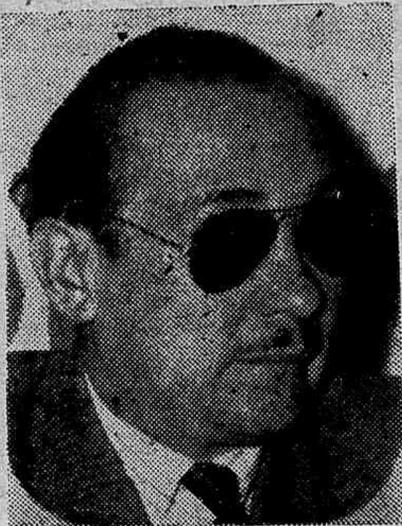
# DE PAULISTA ME DE STALIN

De Samuel Pessoa

«O maior homem do século»

Foi a seguinte a declaração de Samuel Pessoa, professor da Universidade de São Paulo e grande cientista cujo nome se projetou recentemente no inquérito sobre a guerra bacteriológica na Coréia:

— Foi o maior homem do século e um dos maiores de toda a humanidade. Lutou, toda a sua vida, para libertar o proletariado das cidades e dos campos do jugo do capitalismo e para libertar os povos coloniais do imperialismo explorador. Stálin tombou como um gigante no seu posto, e sua obra imortal continuará como um facho luminoso a indicar para o restante da humanidade, ainda escravizada, o caminho da democracia, da paz e do socialismo.



DE ABGUAR  
BASTOS

«Uma das  
maiores figuras  
da história»

— “Diante da morte de Stalin — declarou o poeta e ensaísta paulista — é muito difícil dizer-se uma coisa que não seja um lugar comum. Ele é inegavelmente uma das maiores figuras da história e a sua grandeza deriva não só das idéias que ele encarnou como ainda servindo de paradigma a ideologias opostas à sua.”

fundamentos

De Ana Stella  
Schic

«STALIN  
CONTINUARÁ  
VIVO»



— “Acho difícil — falou a brilhante pianista Anna Stela — encontrar palavras que exprimam exatamente o que constitui a perda de Stalin. É uma perda que atinge todos nós. Stálin, porém, continuará vivo; o seu exemplo, os ensinamentos e a União Soviética, que é a grande realidade pela qual dedicou sua vida”.

Pietro M. Bardi confia na Paz

O sr. Pietro M. Bardi, diretor do Museu de Arte de São Paulo, afirmou:

— Tive ocasião de visitar a União Soviética em 1932, quando pude constatar a atenção e a devoção do povo soviético para com Stálin, algo que supera a simpatia e a fé política. Portanto, penso no pesar que esse povo deve sentir pela perda de seu chefe. Deixando de lado qualquer consideração política, que não é de minha competência, espero que o sucessor de Stalin encontrará a solução desejada por todos para que a paz seja de uma vez por todas estabelecida no mundo.

Do conde Emmanuel de Bennigsen

«Grande perda para o mundo»

O conde Emmanuel de Bennigsen, emigrado durante a Revolução de Outubro, há muito radicado em S. Paulo, onde foi comentarista internacional do “Estado de São Paulo”, declarou:

— A morte de Stalin significa uma grande perda para a URSS e para o mundo. Não creio que a morte de Stalin implique em mudança política internacional da União Soviética.

# TU NOS DESTE A HONRA, A BANDEIRA, O PARTIDO

Jacob Gorender

"Em três aposentos do velho Kremlin.  
"Vive um homem chamado José Stálin.

"Tarde se apaga a luz de seu quarto.  
"O mundo e sua pátria não lhe dão repouso.

"Outros heróis deram à luz uma pátria,

"ele, além disso, ajudou a conceber a sua,

"a edificá-la

"a defendê-la.

"Sua imensa pátria é, pois, parte dele mesmo

"e não pode descansar porque ela não descansa".

Como nos ferem agora, no instante da angústia suprema, estes versos puros de Neruda!

O lidador incansável jaz sem movimento. Os aposentos do velho Kremlin guardam para sempre a marca de sua presença, mas esta não será doravante senão uma eterna lembrança. O coração, que pulsou ao ritmo da revolução, silenciou. O cérebro, que disciplinou e acelerou a História da espécie humana, não mais despande as energias do gênio. Caiu imóvel a mão que trouxe para o Presente o Porvir sonhando pelas gerações de oprimidos, através dos milênios.

Não mais pertence ao mundo dos vivos o gigante todo bondade, todo paternal, todo sabedoria, que modelou a nossa dignidade e acendeu em nossa geração a pura e inextinguível flama do mais vitorioso ideal.

Stálin morreu. Depois de Marx, de Engels e de Lênin — recolhe agora a História ao regaço de sua imortalidade o nosso amado Stálin.

Sinto como nunca o ter a pena tósca de prosador vulgar, o ter nascido sem o dom dos poetas que sabem erguer as palavras à altura dos acontecimentos.

Não posso mais do que recordar, por isso, que Stálin pertence à minha vida, que a ele devo, tanto como a ninguém, a minha honra, a minha bandeira, o meu Partido.

Já possuía o nome de Stálin a força da lenda, mais formosa ainda do que todas as da antiga mitologia, quando atingia a idade da consciência política. As trevas da incertidão e da amargura de jovem esmagado pela pobreza se desvaneceram quando sobre a tripla de minha vida jorrou a sua luz. Há um combate a travar, há uma bandeira a servir: Stálin me trouxe a este combate. Stálin me apontou esta bandeira a que só podem dignificar os novos cavaleiros "sem-mêdo e sem mácula".

Sob o terror do Estado Novo, os seus livros circulavam, de mão em mão, entre os jovens que ansiavam pelo saber revolucionário, na velha Bahia de tantas saudades. O seu estudo "Sobre o materialismo dialético e histórico" me deu pela primeira vez uma concepção filosófica integral, cortando as amarras que me prendiam às mistificações dos taumaturgos burgueses. Lendo os "Fundamentos do

Leninismo" e a "História do P. C. (b) da URSS", aprendi, naquele longínquo ano de 1943, o que era o Partido da classe operária. Lutei desde então para fazer dos seus princípios os princípios de toda a minha conduta.

Associada à Bahia, irreprimível e cálida lembrança me ocorre agora: numa noite estrelada de 1943, vencendo todas as brutalidades da ditadura getulista, através de duas filas de cem mil baianos, desfilaram, lentamente, pelas ruas de Salvador, à luz de tochas alimentadas com petróleo de Lobato, um grande retrato de Stálin, que um artista do povo pintou com amor, e a rubra bandeira da União Soviética, retrato e bandeira que mãos juvenis se empenhavam em erguer o mais alto, como a desafiar os cérebros da reação!

Como nos pagou de alegria este feito preparado com indormido desvelo! Como nos sentimos então presos a Stálin, soldados ardentes do marechal das gloriosas vitórias contra a vitora nazi-fascista!

Associada agora a outro episódio da minha vida, mais uma irreprimível lembrança:

Janeiro de 1945. Soldados brasileiros, cansados e barbudos, se aglomeraram em torno de um rádio de campanha, que se faz ouvir em surdina. Cá dentro, na água furtada sem aquecimento da casa camponesa localizada numa encosta dos Apeninos, chega o frio cruel de 17 graus abaixo de zero. Metralhadoras "ponto 50" matraqueiam não muito longe (os pracinhas não dormem), enquanto as granadas de canhões de grosso calibre rasgam sin-

fonicamente os céus em absoluto "black out". Eis que após ligeira pausa, o locutor anuncia com eloquência diferente — "Ordem do dia do marechal Stálin". O rosto cansado dos soldados se aviva, um sorriso se esboça, o olhar de todos nós se ilumina. Vimos todos ainda abatidos da terrível derrota de 12 de dezembro em Monte Castelo, chorando as centenas de mortos e feridos, sacrificados pela imbecilidade criminosa do general Zenobio. Da frente ocidental só nos chegavam as más notícias do avanço nazista nas Ardenes, obrigando os exércitos de Eisenhower a uma retirada acelerada. E eis que a ordem do dia do marechal Stálin nos anuncia, no tom lacônico dos comunicados, as fabulosas vitórias dos seus exércitos na Europa Central.

Como nos sentimos, pracinhas brasileiros, irmãos dos pracinhas soviéticos, como admiramos a sua valentia e como homenageamos o seu chefe, também nosso chefe, o marechal José Stálin!

Sim, marechal, os soldados que educa-te e forjaste por todo o mundo choram a tua perda (que perda maior podia haver?), porem não se desmobilizam nem se desmobilizarão jamais!

Os teus soldados cerram fileiras, mais unidos do que nunca, dispostos a prosseguir na marcha impossível de deter, guiados pelo Partido a que deste a tua ciência e o teu sangue, o Partido Comunista da União Soviética. Salve, marechal!

O teu nome brilhará como radioso diamante enquanto memória tiver a espécie humana.

## STALIN E FUNDAMENTOS

Constitui motivo de orgulho para FUNDAMENTOS o fato de, em vários números de suas edições, haver prestado justas homenagens ao grande Stalin. FUNDAMENTOS sente-se honrado em ter compreendido a importância, não só política, como cultural daquele que representou tudo o que há de mais avançado e sadio no pensamento humano.

Publicamos, em seguida, um índice do que FUNDAMENTOS divulgou a respeito do grande Stalin bem como de trabalhos de sua autoria:

N.º 11 — Janeiro de 1950 — (dedicado ao 70.º aniversário de Stalin)

O 70.º Aniversário do Generalíssimo Stalin . . . . . 23  
Retrato de Stalin — por Virgínia Artigas . . . . . 25  
Una Canción a Stalin — Nicolás Guillén . . . . . 26  
Em Louvor a Stalin — Rossine Camargo Guarneri . . . . . 27  
N.º 16 — Julho-Agosto de 1950  
Sobre o Marxismo em Linguística — J. Stalin . . . . . 14

N.º 17 — Janeiro de 1951

Sobre algumas Questões de Linguística — J. Stalin . . . . . 25

N.º 23 — dezembro de 1951

A entrevista de Stalin (concedida ao PRAVDA) . . . . . 30

N.º 32 — Abril de 1953

Stalin (editorial) . . . . . 2

Retrato de Stalin — Fortinari . . . . . 3

Além disso, se multiplicam, nas páginas de FUNDAMENTOS, sabias citações do grande Stalin esclarecendo problemas teóricos de grande importância política e cultural.

FUNDAMENTOS, assim, tem procurado aprender e divulgar os ensinamentos do maior homem do século.

Com este número, divulgado num momento em que toda a humanidade progressista chora a perda inestimável de Stalin, FUNDAMENTOS presta as suas homenagens e as homenagens da intelectualidade e do povo brasileiro ao Campeão da Paz, numa atitude humilde e de gratidão para com aquele cujo coração cessou de bater mas que dedicou toda a sua vida à luta pela paz, pela felicidade e pelo saber.

# STALIN

Poema de ANTONIETA DIAS DE MORAIS E SILVA

Vieram as primeiras notícias  
e nos olhamos,  
incrédulos e atônitos  
como crianças que de súbito tomassem consciência  
de, que a morte existe.  
Vendo nos cabeçalhos dos jornais impuros  
as letras dançarem,  
qual morcegos  
negreando a alvura do papel  
pensamos:

"E' falso; mais uma calúnia do inimigo."  
E rapidamente sem mesmo entender as palavras  
deixando-nos penetrar pelo sentido  
lemos:

Rádio de Moscou  
Boletim do Partido  
160 de pulso —  
Perdido.

Mas o coração que batera pelos oprimidos  
palpitava ainda.  
Não há-de parar  
Não há-de parar  
Não há-de parar  
latejava o pensamento nosso  
na ansia de alentar  
o coração de STALIN.

De guarda à porta do quarto de STALIN  
permanecemos  
sessenta horas  
ou talvez sessenta séculos,  
quem poderá dizer se não foram?

De repente o teto da noite desabou nesta manhã.  
Morreu STALIN!

Como um raio descera a morte  
que só o raio atingiria o aço  
recoberto de carne para melhor ser homem.  
E surpreendidos olhamos a terra que nos parece amputada  
[de seus pés.

Um desconforto nos atinge fundo e nos maltrata  
e nos admiramos que o sol continue a brilhar  
e todas as coisas permaneçam como eram  
no seu devido lugar,  
com o mesmo inanimado aspecto.  
Nas ruas buscamos o olhar dos que o amavam;  
os que o odiavam passaram ao silêncio  
compreendendo que a morte jamais venceria o amor,  
o grande amor por ti, STALIN,  
a gratidão pelo muito amor  
que ao ser humano deste.  
E os elogios póstumos de teus inimigos  
dos inimigos do homem  
dos inimigos da paz  
nos sabiam a perversidades confeitadas,  
quando, naquela mesma hora,  
as mesmas andrajosas consciências  
mercadejavam

a vida do nosso povo que te ama, STALIN,  
porque além de tudo, o que foste  
eternamente serás  
aquele que sempre defendeu a paz.

Nesta manhã,  
nossas lágrimas, se as deixássemos fluir naturalmente  
poderiam inundar o mundo  
tantos somos, nós, os que te amamos, STALIN.  
Eras eterno em nosso desejo de te saber eternamente velando  
sobre a paz;

a luz de tua janela para nós jamais se apagaria.  
À noite sabíamos,  
e nos dava alento para a luta  
e por isso dormíamos  
com a certeza que entre os livros e os acontecimentos  
tua sabedoria  
teu pensamento  
tua justiça  
tua clarividência  
tua confiança  
zelavam sobre o proletariado do mundo  
e aos oprimidos, aos escravizados  
tua palavra chegava viva  
como um sopro de aurora.

Agora que cada homem é um círio ardendo  
porque não pudemos dar as nossas vidas  
para receber a morte para ele reservada...  
Ó, se ao menos as lágrimas fossem palavras  
e caindo no papel se incorporassem vivas  
para segredar a todos esta emoção dorida.  
A terra tornou-se mais pequena  
e desejamos chorar no ombro do companheiro  
e num sussurro dizer de nossa mágoa...  
Mas que?

Quem somos nós?  
Deixamos por acaso de ser comunistas?  
Nós, que em meio a dor jamais perdemos a confiança  
e alto erguemos nossa bandeira de luta,  
nós, que sempre vencemos até mesmo a morte  
deixaremos nos abater neste cruel momento?

STALIN morreu!

Assim afirmam as manchetes dos jornais  
Assim afirmam os médicos,  
mas que sabem os médicos sobre a vida e a morte?  
Isso é com os povos e os poetas, companheiros.  
Porque o pulso parou e o coração agora  
se tornou tão grande, tão grande  
que é o próprio coração da terra.  
Rio-me com lágrimas nos olhos.  
Rio-me da morte e dos que apregoam que Stalin morreu.  
Mortos sim, os Truman, os Eisenhower, os Churchill, os  
[Vargas,

todos, todos eles, os que vendem e os que compram a pátria,  
mortos, mortos-vivos, mortos  
cheios de amor por suas míseras carcassas  
e seu ouro e seus vícios e suas ambições, sua maldade  
e suas mulheres de nylon.  
Daquí a mil anos dirão os homens e a história dirá:  
STALIN!

e todos saberão que nasceste em Gori  
da mulher chamada Catarina,  
filho de Vissarion, o sapateiro,  
e brincaste nos campos da Geórgia  
e ao te fazeres homem  
te fizeste revolucionário,  
guia e mestre forte de teu povo,  
com ele para a glória caminhaste.  
E dêles, quem se lembrará?  
dos que mancharam a história,  
senão para cuspir-lhe o desprezo do tempo?

O quotidiano nos chama  
com sua voz de hábito e constância.  
Eis-nos, porém, distantes, no Kremlin,  
na sala das colunas, na Casa dos Sindicatos  
onde também esteve o grande Lenin.

Povos soviéticos  
cobertos de luto  
e de glória  
à vossa dor unidos  
temos o mesmo soluço  
na garganta preso  
e vos dizemos  
que sofrendo embora  
sois felizes povos  
que tivestes Stalin  
vosso filho e pai.  
Perante o catafalco erguido  
pela estrêla que no teu peito brilha —  
herói do trabalho socialista —  
perante STALIN vivo  
hoje, agora, diante da história,  
diante dos povos do mundo reunidos,  
serenos na dor de perder-te,  
porque em verdade jamais te perderemos, STALIN,  
reafirmamos a nossa fé na vida  
a nossa confiança na criatura humana  
o nosso desejo de vencer a guerra  
pela nossa vontade de paz.  
A tua luta será sempre a nossa luta  
e como venceste, venceremos, STALIN.

# EM SUA

## I

Camarada Stalin eu estava junto ao mar na ilha Negra,  
[descansando  
de lutas e viagens  
quando a notícia de tua morte chegou como um golpe do mar.  
Foi primeiro o silêncio, o estupor das coisas, e logo chegou  
do oceano uma onda grande.  
De algas, metais e homens, pedras, espuma e lágrimas  
esta onda era feita.  
De história, espaço e tempo recolheu sua matéria  
e se elevou chorando sobre o mundo  
até que diante de mim veio golpear a costa  
e lançou à minha porta sua mensagem de luto  
com um grito gigante  
como se de repente se quebrasse a terra.

## II

Era em 1914.  
Nas fábricas acumulavam-se inuidície e dores.  
Os ricos do novo século  
repartiam a dentadas o petróleo e as ilhas, o cobre e os canais.  
Nem uma só bandeira levantou suas cores  
sem que estivesse de sangue salpicada.  
Desde Hong-Kong a Chicago a polícia  
buscava documentos e ensaiava  
as metralhadoras na carne do povo.  
As marchas militares desde cedo  
mandavam jovens soldados para a morte.

Frenético era o baile dos gringos  
nas "boltes" de Paris cheias de fumo.  
Sangrava-se o homem.  
Uma chuva de sangue  
caía do planeta,  
Manchava as estrelas.  
A morte estreou então armaduras de aço.  
O homem nos caminhos da Europa  
foi como um vento gelado açoitando folhas secas e triturando  
[ossos.

O outono impelia os farrapos.  
A guerra havia ericado os caminhos.

Odor a inverno e sangue  
emanava da Europa  
como de um matadouro abandonado.  
Enquanto os donos  
do carvão,  
do ferro,  
do aço,  
do fumo,  
dos bancos,  
do gás, da farinha,  
do salitre,  
do diário "O Mercurio",  
os donos dos bordéis  
os senadores norte-americanos,  
os filibusteiros  
carregados de ouro e sangue  
de todos os países,  
eram também os donos  
da História,  
ali estavam sentados  
de "frac", ocupadíssimos  
trocando condecorações  
e cheques na entrada  
que roubavam na saída,  
repartiam entre si ações da carnificina  
e dividiam a dentadas  
pedaços de povos e de geografia.

## III

Então com modestos  
vestidos e barrete operário,  
chegou o vento,  
chegou o vento do povo.  
Era Lenin.  
Transformou a terra, o homem, a vida.  
O livre ar revolucionário  
dispersou os papéis  
manchados. Nasceu uma pátria  
que não parou de crescer.  
É grande como o mundo mas cabe  
até no coração do mais  
pequeno  
trabalhador de usina ou de oficina,  
de agricultura ou navio  
Era a União Soviética.  
Junto a Lénin  
Stalin avançava  
e assim, de blusa branca,  
barrete cinza de operário,

Stalin,

com seu passo tranquilo,  
entrou na história acompanhado  
de Lénin e do vento.

## IV

Stalin desde então  
foi construindo. Tudo  
faltava. Lénin  
recebeu dos czares  
velharias e farrapos.  
Lénin deixou uma herança  
de pátria limpa e grande.  
Stalin a povôu  
de escolas e farinha  
imprensas e maçãs.  
Stalin desde o Volga  
até a neve  
do Norte inacessível  
pousou sua mão e em sua mão um homem  
começou a construir.  
As cidades nasceram.  
Os desertos cantaram  
por vez primeira com a voz da água.  
Os minerais  
chegaram,  
sairam  
de seus sonhos obscuros  
levantaram-se  
fizeram-se  
trilhos, rodas,  
locomotivas, fios  
que levaram as silabas elétricas  
por toda a extensão e a distancia.  
Stalin  
construiu,  
nasceram  
de suas mãos  
cereais,  
tratores,  
ensinamentos,  
caminhos,  
e ele ali,  
simples como tu ou como eu,  
si tu e eu pudessemos  
ser simples como ele.  
Mas o aprenderemos.  
Sua simplicidade e sua sabedoria,

# M O R T E

Pablo Neruda

V

Ser homens! É esta  
a lei staliniana!  
Ser comunista é difícil,  
necessário é aprender a sê-lo,  
ser homens comunistas  
é ainda mais difícil,  
necessário é aprender de Stalin.  
Sua intensidade serena,  
sua claridade concreta,  
seu desprezo  
pelo ouropel vazio,  
à ôca abstração editorial.  
Ele foi diretamente  
deslindando o nó  
e mostrando a reta  
claridade da linha,  
penetrando os problemas  
sem as frases que ocultam  
o vazio,  
direito ao centro débil  
que em nossa luta retificaremos,  
podando a folhagem  
e mostrando o designio dos frutos.  
Stalin é o meio-dia,  
a madurez do homem e dos povos.  
Na guerra as cidades  
queimadas viram-no  
extrair dos escombros  
a esperança,  
refundí-la  
torná-la aço  
e atacar com seus raios  
destruindo  
a fortificação das trevas  
Mas também ajudou as macieiras  
da Sibéria  
a darem seus frutos sob a tormenta.  
Ensinou a todos  
a crescer, a crescer,  
a plantas e metais,  
a criaturas e rios  
ensinou-os a crescer,  
a dar frutos e fogo.  
Ensinou-lhes a paz  
e assim deteve  
com seu peito estendido  
os lobos da guerra.

VI

Stalinianos! Levamos êste nome com orgulho.  
Stalinianos! Esta é a aristocracia de nosso tempo!  
Trabalhadores, pescadores, músicos stalinianos!  
Médicos, calicheros, poetas stalinianos!  
Intelectuais, estudantes, camponeses stalinianos!  
Forjadores de aço, pais do cobre, stalinianos!

Operarios, funcionarios, mulheres stalinianos,  
Confiança neste dia. Não desapareceu a luz,  
Não desapareceu o fogo,  
apenas acrescentou-se  
a luz, o pão, o fogo e a esperança  
do invencível tempo staliniano!

VII

Em seus últimos anos a pomba,  
sua estrutura  
de bondoso pão e de aço inflexível  
nos ajuda a ser homens cada dia,  
cada dia nos ajuda a ser homens.  
a Paz, a errante rosa perseguida,  
em seus ombros se deteve e Stalin, o gigante,  
ergueu-a à altura de seu rosto.  
Assim viram a paz povos distantes  
Desde estepes e mares, pradarias, reuniões  
Os homens dirigiram seus olhos  
para êste farol com pombas,  
e nem o selvagem rancor nem o vento arrogante  
dos sanguinarios, nem o esgar  
de Churchill, ou Eisenhower ou Trujillo  
nem o latido radial dos vendidos,  
nem o gutural rugido do chacal derrotado,  
diminuíram sua épica estatura,  
nem salpicaram sua simples força.

VIII

Diante do mar da ilha Negra pela manhã  
icei a meio-pau a bandeira do Chile.  
Estava solitária a costa e uma névoa de prata  
fundia-se na espuma solene do oceano.  
A meia-haste, no campo de azul  
a estrela solitária de minha pátria  
parecia uma lágrima entre o céu e a terra.  
Passou um homem do povo, saudou-me compreendendo  
e descobriu-se.  
Veio um músico e estreitou-me a mão.  
Mais tarde o pescador de ouriços, o velho mergulhador  
e poeta,  
Gonzalito aproximou-se acompanhando-me sob a bandeira.  
"Era mais sábio que todos os homens juntos" me disse  
olhando o mar com seus velhos olhos, com os velhos  
olhos do povo.  
E depois por algum tempo não nos dissemos nada.  
Uma onda  
estremeceu as pedras a beira-mar.  
"Mas Malenkov agora continuará sua obra" prosseguiu  
levantando-se o pobre pescador de casaco roto.  
Olhei-o surpreendido pensando: Como, como sabe?  
De onde, nesta costa solitária?  
E compreendi que o mar o ensinara  
e ali velamos juntos, um poeta,  
um pescador e o mar  
o Capitão distante que ao entrar na morte  
deixou a todos os povos, como herança, sua vida.

# STALIN

Terezinha de ALMEIDA

No epitáfio imortal  
que não de guardar o tempo e a história,  
os homens querem escrever sobre ti.  
Trazem os olhos como testemunhas  
e palavras cheias das lembranças  
que os continentes têm para contar.

Stalin menino, Stalin jovem,  
teus pensamentos voavam aos quatro ventos,  
teus gestos em lutas se transformavam.  
Para a tua grandeza não havia exílios  
em que mãos rancorosas pudessem te esconder.  
Hoje a Sibéria chora com orgulho,  
e os rios que atravessaste,  
têm lembranças para cantar.

Teus feitos vêm de há tanto tempo, Stalin!  
Ficaram no corpo do mundo  
como tatuagens que ninguém pode apagar.  
Uma vez amparaste a vida nos campos de guerra,  
quando, ferida, ela cambaleou.

E surgiu então Leningrado, Stalingrado:  
mais estrelas debulhadas no céu,  
mais certezas na existência dos homens.

Morreste no inverno de terra branca,  
de vento frio, de pássaros quietos.  
A mortalha de neve, cobrindo o país,  
era a tua pureza derramada sobre as estepes e as cidades.  
E os corações mais se aquecem de amor,  
porque crêem na primavera que chega,  
nas idéias que cultivaste,  
no riso das crianças que brincam na Praça Vermelha.

Falem agora os continentes, cantem os rios:  
— Stalin vive, Stalin não partiu!  
E amanhã,  
à sombra da tua memória edificada sobre os séculos,  
repousarão alegres os homens que conduziste à luz.  
Amanhã, Stalin,  
quando os campos todos estiverem floridos  
e a terra cicatrizada,  
a Paz sobre ti também há de escrever.

## Poema a STALIN

Walter M. SAMPAIO

Hoje que o espaço está vazio  
de teu corpo e músculo e movimento,  
sentimos que o teu coração  
se uniu ao tempo, como a água ao vaso  
de cristal.

Inertes, no ataúde, jazem desfalecidas  
tuas mãos de aço e guitarra,  
construtoras das mais humanas geografias,  
mãos que paralisaram exércitos e hordas de selvagens  
e se cobriram de cinzas de Stalingrado  
e foram fogo ardendo a neve, bandeira da vitória.  
liberdade, esperança, futuro,  
lume de sol e escamas sobre o front.

Se hoje construímos lares, tecemos esperanças,  
se hoje a Paz guia nosso pensamento  
é porque das cinzas de Stalingrado  
e do cimento manchado de sangue  
levantaste outra vez a vida, o pavilhão,  
e fizeste correr o rio, florescerem os campos.

Deixaste-nos, já fecundado,  
o vale sem dimensões do socialismo.  
As sementes novas estalaram as rochas  
no granito se partiu a concha  
libertou-se a pérola.

Contigo, Josef Stalin,  
começou a história do homem.  
Venceste a rocha, o pântano  
a escravidão do homem pelo homem  
e as últimas feras e escorpiões  
quebraram os dentes em tua cintura de aço.

### II

União Soviética, seara larga,  
sinfonia, pão e vento  
— quem construiu da liberdade  
a espessura fluida de mar e oceano,  
sua dimensão flexível de lâmina, ar e fogo!

Quem foi o coração do povo  
pulsando noite e dia?  
Quem, senão tu, georgiano de Tiflis,  
que foste o concreto, o plano,

o fato, a comporta do rio,  
gerador de luz, dínamo, hidroelétrica,  
espiga amadurecida, alegria dos trabalhadores  
estrela da revolução, canção do guerrilheiro  
canal Volga-Dom, ponte sobre o rio e a história!

— Quem foi o penedo, o promontório, o rochedo  
contra a onda, a noite, a procela,  
quem, senão tu, Josef Stalin,  
que és símbolo e expressão  
do Partido que te fez à semelhança de Lenin  
para ser o guia, o pássaro, a estrela,  
a construção, o dique, o cimento, a escola,  
o arado, o livro, o oleoduto e a semente!

Tu que encarnaste a vida,  
a paciência, a sabedoria, o amor  
e que agora, com Lenin e o orvalho,  
a flor e o fruto, todas as manhãs renasces com o sol!

### III

Ainda estamos nos subterrâneos,  
Josef Stalin,  
aqui, nesta terra larga de campos  
tão claros, minerais e fértil!

Ainda não é fácil proclamar na praça  
o teu nome. As hienas pastam famintas e assustadas.  
Mil olhos, no entanto, espreitam. Em dado momento  
da sombra irrompe a luz:

— JOSEF STALIN!

Estamos certos que emergiremos da sombra.  
O rio transbordará suas margens calcinadas  
e inundará a terra seca.

Dos subterrâneos, as generosas mãos  
de Prestes apontam, por trás do amanhecer,  
a seara fecunda do socialismo.

Iluminados pela tua cabeça de gênio e constelações  
te juramos fidelidade e firmeza, Stalin.  
Sim, romperemos a concentrada rocha,  
levaremos o rio até a raiz seca da jurema,  
drenaremos o pântano, abriremos o cárcere  
soltaremos o pássaro.

Nesta terra agreste construiremos a vida nova!

E será para ti, Josef Stalin,  
a primeira alvorada, a pérola, a nova semente.

São Paulo — março de 1953



# Na Sala das Colunas

**Boris POLEVOI**

O 7 de março na Sala das Colunas da Casa dos Sindicatos

Cai a tarde. O frio anoltecer tomba sobre as espaçosas ruas e praças da capital. Acendem-se as luzes, porém na cidade não diminui o movimento. Torrentes humanas avançam agora para o centro de Moscou. Essas torrentes se reúnem até formar dois amplos rios, e os rios confluem nas portas da Casa dos Sindicatos, enchendo por completo as suas amplas escadarias de mármore.

Infinitas palavras de carinho, palavras saídas do coração, dirigidas ao camarada Stálin, ouvem-se nessas intermináveis filas de luto:

— Ah! Se pudessemos prolongar a existência. A vida daria inteira!...

— Só você? Milhões de pessoas dariam a vida...

Circulam de mão em mão, nas filas, os jornais tarjados de luto. Os jornais já são raros. Em torno dos que expõem um exemplar a fila infla-se de pessoas ansiosas. Em alguns lugares, enquanto avançam lentamente na direção da Casa dos Sindicatos, há pessoas que lêem espontaneamente em voz alta a Nota do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, do Conselho de Ministros e do Presidium do Soviet Supremo da URSS. Essa nota encontra uma acolhida calorosa.

— Lénin entrega a bandeira do Partido a Stálin. Stálin entregou-a a seus fiéis discípulos.

— Todos são seus companheiros de arma, homens do tipo leninista, da escola stalinista...

Os homens soviéticos se despedem do seu chefe. Todos se reuniram para

prestar o último tributo ao criador da felicidade do povo. Homens e mulheres, velhos e crianças. Soldados e generais. Pessoas de todas as idades, de todas as profissões. Uma mulher jovem conduz nos braços sua filhinha, linda criança de cabelos crespos. Ao chegar diante do féretro, ergue-a bem alto, como se quisesse que a filhinha gravasse na memória para toda a vida a imagem de Stálin.

Passa um veterano de guerra, alto, magro, um pouco encurvado. Está de licença há muito tempo. Seu trabalho é pacífico. Ao lado da túnica ostenta as fitas de todas as Ordens da Guerra Pátria. Chegando diante do féretro o veterano perfila-se diante do generalíssimo. No seu rosto petrificado deslizam duas grossas lágrimas que lhe brotam rebeldes dos olhos.

O caixão está coberto de flores. As coroas acumuladas ao longo das paredes aumentam sem cessar de hora em hora. O perfume das flores e da verde ramagem inunda toda a sala enlutada, onde os candelabros estão envoltos em negros crepes. Pude ver como a essa opulência de flores somava-se uma dádiva, pequena mas valiosa. Dentre a torrente humana entrou na sala uma criança de três anos, segurando com a mão fortemente o braço do pai. Na outra, trazia uma flor, uma flor apenas, um gerânio vermelho; certamente era uma flor que crescera na janela de sua casa. Chegando junto ao féretro, a criança olhou para o pai como lhe pedindo licença, saiu do grupo e depositou sua flor aos pés de Stálin. Assim, junto às coroas do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, do Governo

soviético está essa pequena oferenda de um coração infantil.

Entram na sala flores de uma coroa enorme ofertada por Mao Tse-Tung, chefe do povo chinês. Os representantes do grande povo chinês depositam ao pé do ataúde coroas do Comité Central do Partido Comunista da China, do Comité Consultivo Político Popular, de Chu En-Lai, do Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Popular da China na URSS, da Sociedade de Amizade Sino-Soviética. Os trabalhadores desse grande país exprimem seu profundo pesar pelo falecimento de José Vissarionovich Stálin, o melhor amigo e mestre do povo chinês.

Entram na sala os membros das embaixadas e missões dos países da Democracia Popular. Depositam coroas em nome dos Comités Centrais dos Partidos Comunistas e Operários, e também em nome dos governos das Democracias Populares. As inscrições que figuram nas coroas falam do amor cordial destes povos ao imortal Stálin.

Renova-se sem cessar a guarda de honra. A guarda é feita por representantes do Partido de Moscou, operários, kolkozianos, homens de ciência, escritores, dirigentes de ministérios, deputados da URSS e das Repúblicas Federais, heróis da União Soviética e heróis do trabalho socialista, marechais e generais do Exército, Almirantes. Na Guarda de Honra encontram-se os marechais da União Soviética Vasilievski e Zhukov, primeiros vice-ministros da Guerra os famosos falcões Pokryshkin e Kozhedub, três vezes heróis da União Soviética,

# ADEUS AO CAMA

**Aluysio SAMPAIO**

Adeus, camarada Stálin!

A neve encaneceu os teus cabelos, circundando a tua cabeça de gênio. Mas somente o vento gélido da morte venceu a tua estrutura de aço. Hoje, ao lado de Lénin, repousas para sempre num ataúde postado na Praça Vermelha, em Moscou, na URSS, no centro do mundo.

De todas as terras e de todos os climas os olhos fitam no mesmo sentido, os corações batem no mesmo rumo e sofrem a mesma dor. Morreste, camarada! É como se dissessemos: morreu o nosso pai, o nosso guia, o nosso chefe, o mais ilustre e o mais bondoso de todos os homens. Já não diremos: Stálin vive! Já não pensaremos: numa sala do Kremlin — o coração do mundo — o georgiano simples trabalhar, noite e dia, para que a paz e a felicidade floresçam em todas as terras.

Adeus, camarada Stálin!

Todas as vezes que penso em liber-

dade, felicidade, paz, amor, socialismo, fraternidade, clarinadas de alvorecer, o teu nome sôa em meus ouvidos e se entranha em meu coração.

Sempre que pensamos nos mais nobres sentimentos da vida, em tudo o que há de belo no universo, o teu nome, Stálin, se eleva sobre tudo, porque és símbolo e expressão de todas as grandezas do homem.

Se as águas correm pelas estepes, se uma mãe acaricia a cabeça do filho, se as noivas sorriem diante do bem-amado, se o poeta grava o nome liberdade nas rochas e nos corações, se o meu futuro e o futuro de minha pátria, e de todas as pátrias será o das searas felizes, sobre todos se ergue o teu nome, Stálin, aço, e luz, firmeza e bondade, esperança e certeza.

E se dizem Partido, e se exclamam Socialismo, Comunismo, fome saciada poesia e cultura, povo e amor — o teu nome de firmeza granítica eu digo, porque foste feito à semelhança do Partido, e quando se diz Partido se diz Stálin!

Um dia juraste a Lénin seguir os

seus ensinamentos, realizar com honra o mandato de Ilich! Juraste zelar pela unidade do Partido como pelas próprias meninas dos teus olhos. Juraste fortalecer a URSS, e juraste fidelidade ao internacionalismo proletário. Isso foi há muito tempo, os anos passaram, mas um juramento a Lénin não se esquece.

Hoje, ao lado do teu mestre, do nosso querido Ilich, tão grande como ele, dormes o sono eterno. Diante do teu ataúde, camarada Stálin, com olhos de lágrimas e dor todos dizem: foste fiel ao teu juramento, pai! Fizeste tudo, deste os teus dias e as tuas noites, o teu cérebro de gênio e o teu coração de pai, a tua estrutura de aço e o teu ímpeto de vento, deste a tua última gota de sangue e o teu último suspiro para fazer o que Lénin faria: a bem amada União Soviética de hoje, em marcha para o comunismo, futuro de todos os povos feito presente na terra da neve e da felicidade!

Sempre dizíamos: existe Stálin, existe a URSS, existe o Partido Comunista. se desfaziam como por encanto, por-todas as nossas dúvidas e vacilações

fundamentos

# da Casa dos Sindicatos

os acadêmicos Skobeltsin e Oparin, os escritores Fadéev e Surkov.

...4 horas da tarde. Montam a guarda de honra junto ao féretro de J. V. Stálin os camaradas G. M. Malenkov, L. P. Beria, V. M. Mólotov, K. E. Voroshilov, N. S. Krushev, N. A. Bulganin, L. M. Kaganovich e N. M. Shverník.

O camarada Stálin pôs sem reservas ao serviço do povo soviético toda a sua vida, até a última batida do seu coração, toda a luz incorruptível do seu gênio, toda a força de seu cérebro poderoso.

Em qualquer lugar em que trabalha, mesmo que viva nos longínquos pontos da terra soviética, o homem soviético sentiu sempre a solicitude stalinista, o amor staliniano, a mão orientadora de Stálin.

E agora, ao ver a aflita torrente humana que cruza pela Sala das Colunas, se percebe com vigor particular que os homens soviéticos não vêem somente na morte do chefe uma perda nacional e para todo o mundo, senão uma desgraça sua, pessoal, a perda do homem que lhes é mais caro e afim.

Porém a natureza do regime socialista é tal, o Partido Comunista educou os homens soviéticos de tal maneira, que inclusive a desgraça não faz senão temperar-nos intimamente. As palavras firmes da mensagem do Comité Central do Partido e do Governo chegaram ao coração dos trabalhadores. E como sempre ocorreu nos anos das grandes provas, nestes dias de luto o povo soviético se encontra unido, monolítico, coeso firmemente em torno do Partido Comunista da União Soviética e do Governo Soviético. Nesse vínculo inquebrantável do Par-

tido e do povo, que nas horas de dor se mostra com força nova e majestosa, residem o poderio e a invencibilidade do Partido, a grandeza e a firmeza da bandeira de Lênin e de Stálin.

A construção do comunismo em nosso país foi o objetivo de toda a vida do grande arquiteto que acaba de nos deixar. Os homens soviéticos, aos quais ele conduzia para esse objetivo, aos quais estimulou com a sua palavra, com os fatos e o exemplo insuperável de sua vida formosa, agora, ao chamado do Partido, duplicam as suas forças no cumprimento do sábio programa staliniano.

E embora cada um de nós sinta agora o coração afogado numa dor profunda, o rendimento de muitas empresas de Moscou se elevou nos primeiros dias de março e cresce o número de propostas racionalizadoras. Essas mesmas notícias nos trazem o telégrafo e o rádio de todos os pontos do país. Com a orientação e com a ajuda do Comité Central do Partido e do Governo Soviético, nosso povo, combatente e criador, constrói com energia redobrada um monumento ao seu chefe. Este monumento é o comunismo.

Montam guarda de honra os camaradas M. A. Suslov, N. A. Mikhailov, P. K. Ponomarenko, S. D. Ignatiev, A. B. Aristov, N. N. Shatalin, M. F. Shkiriátov, A. M. Puzánov e A. G. Zvérev.

Avança a noite. Prossegue passando o povo. Na sala entram novas e novas coroas em nome dos trabalhadores e dos kolkosianos das repúblicas, dos territórios, regiões e distritos de nossa Pátria inabarcável.

O país inteiro se despede do grande chefe.

...Meia noite. A torrente humana e infinita continua fluindo, como no decorrer da manhã, como durante a tarde.

De novo montam a guarda de honra os companheiros de luta e discípulos de José Vissarionovich Stálin, camaradas G. M. Malenkov, L. P. Béria, K. E. Voroshilov, N. S. Krushev, N. A. Bulganin, L. M. Kaganovich, A. I. Mikoian, M. Z. Sabúrov, M. G. Perukin e N. M. Shverník.

As 3 horas da madrugada. Os homens soviéticos prosseguem passando diante do féretro de J. V. Stálin.

Ao nos despedirmos de Stálin, sentimos, com vigor particular, que ele viverá eternamente.

Viverá em suas grandes obras, em seus trabalhos geniais, que iluminam o rumo da manhã feliz do comunismo.

Viverá eternamente na vontade organizadora e orientadora do Partido Comunista da União Soviética e do Governo Soviético.

Viverá eternamente nos corações agradecidos do povo soviético, ao qual ele conduziu através das tempestades das grandes provas, e ao qual levou às grandes vitórias.

A bandeira de Lênin e Stálin passou às mãos fortes e seguras dos fiéis companheiros de armas do camarada Stálin. Esta bandeira passou às mãos do heróico Partido que Stálin educou, passou às mãos de todo o povo soviético.

Sob esta bandeira seguiremos adiante, com passo seguro, até chegar ao comunismo.

(Publicado no "Pravda", de 8 de março de 1953)

## RADA STALIN!

que tudo o que não fôsse certeza de vitória se reduzia às devidas proporções do pequeno e do ridículo. Stálin, URSS, Partido Comunista — certeza e grandiosidade, paz e felicidade, construções e amor, riso de noiva, carícia de mãe, fome e sede saciadas, pátria livre, homem liberto e senhor da natureza.

Nada melhor para se aquilatar a grandeza de um homem do que as inscrições do seu nome nos muros das cidades. Qualquer chefe de Estado pode ter o nome escrito nos jornais e nos livros. Mas nem a todos é dada a suprema honra de vê-lo exaltado nos muros das cidades. As inscrições murais são a voz do povo escrita no silêncio e sob as trevas. É o amor do povo na exaltação dos seus heróis e dos seus guias ou no combate aos seus inimigos. Pois bem, camarada, o teu nome está escrito nas paredes de todas as cidades, em letras de todos os matizes. Escrito nos muros e nos quarteis, no chão e nas montanhas, porque, antes de tudo, está gravado para

sempre no coração dos povos. Nenhum nome domina tanto as paredes quanto o teu nome puro, Stálin — aguia das montanhas, estrela de Góri que ilumina todos os céus e todas as terras.

Adeus, camarada Stálin!  
Os lábios de todos os homens e de todas as mulheres simples pronunciam, agora, estas palavras de dor e saudade. É o adeus supremo, a suprema dor, a maior de todas as saudades. O adeus, a dor e a saudade que somente a morte de Stálin poderia despertar nos nossos corações de homens do povo. A saudade, a dor e o adeus que a distância dos continentes e dos mares não separa, como não separa a unidade da grande esperança que semeaste em todo o mundo.

Contam que, no teu último leito, mesmo morto, continuas com as feições simples de camponês e a cabeça tranquila de gênio, aureolada pela alvura que a luz das madrugadas fez pousar em tua cabeça. Acima do teu corpo, uma flamula tremula: "Proletários de todos os países — uni-vos!"

Unidos, os proletários e os povos de todo o mundo sempre se lembrarão desta bandeira sobre o teu corpo inerte. E lembrar-se-ão de tua vida, do teu trabalho, dos teus ensinamentos, do teu riso tranquilo e do teu olhar de certeza. Porque, embora inerte no teu ataúde, ao lado de Lênin, duas aguias das montanhas, continuas vivo para sempre, pois és imortal como o próprio povo. No Partido, na luta que prossegue, em cada vitória, nos combates, nas grandes conquistas humanas, sempre estarás presente, com a tua figura impressionante de gênio, de arquiteto de todas as felicidades e de todas as conquistas grandiosas, de engenheiro de almas, de construtor do Partido, de campeão da paz!

Adeus, camarada Stálin!

E ao dizer este adeus, tenho os olhos voltados para a estrela vermelha do Kremlin. Ela continua brilhando. E brilhará sempre, cada vez mais viva, porque ela é Lênin e é Stálin, é o Partido Comunista da URSS iluminando os caminhos dos povos.

# A VIDA LUMINOSA

**NOTA DA REDAÇÃO** — Este modesto trabalho de divulgação da biografia de Stálin foi organizado na base das seguintes fontes bibliográficas:

*Henri Barbusse* — «Stálin — um mundo novo visto através de um homem».

*Instituto M. E. L.* — «Stálin».

*M. Kalinin* — «El sexagésimo aniversário de Stálin».

*E. Yaroslavski* — «El Camarada Stálin — rasgos de sua vida e de sua atuação».

*Rosental e Yudin* — «Stálin».

## NASCIMENTO E INFANCIA

Em Gori, uma das mais antigas cidades georgianas, num casebre humilde situado numa ruela de calçamento rústico, filho de Vissarion Ivanovitch Djughavili, camponês de origem e sapateiro de profissão, e de Ekaterina Gueorguievna, filha do servo Geladse, nasceu, a 21 de dezembro de 1879, José Vissarionovitch Stálin.

Desde a sua primeira infância, Stálin viveu na pobreza. Era, porém, uma criança esperta e curiosa: aos oito anos já lia o georgiano.

Em 1888, ingressou na escola eclesiástica de Gori, revelando-se estudante aplicado e excepcional. Foi aí, na escola de sua cidade natal, que, pela primeira vez, entrou em contacto com as idéias marxistas.

## NO SEMINÁRIO DE TIFLIS

Saindo, com menção honrosa, da escola de Gori, Stálin entrou, em 1894, no Seminário de Tiflis, um velho internato cercado de altos muros de pedras, onde dominava um regime jesuítico, humilhante e obscurantista.

Burlando a vigilância de uma verdadeira rede de espionagem, Stálin, às escondidas, lia livros de filosofia, literatura clássica, história, economia política e marxismo, forjando uma ampla cultura e escrevendo, inclusive, boas poesias.

Aos quinze anos, ao entrar em contacto com os grupos ilegais de marxistas russos, ingressou no movimento revolucionário, filiando-se à organização do Partido Operário Social Democrata da Rússia e ao grupo de nome Mesame-Dasi.

Colocou-se, desde logo, à frente dos grupos marxistas do Seminário. Jovem alegre, mas sóbrio de palavras, disseminou o marxismo entre os seus colegas. Aí, não somente estudou "O Capital", de Marx, e o "Manifesto Comunista", como, pela primeira vez, leu um trabalho de Lenin.

— Tenho que vê-lo, custe o que custar — exclamou então.

A sua atividade revolucionária, porém, não se limitava aos altos muros do Seminário. Em 1898, dirigiu um círculo de operários das oficinas ferroviárias. Foi o seu primeiro batismo de fogo revolucionário.

Os monges, observando as atividades suspeitas de Stálin, passaram a vigiá-lo cerradamente, confiscando-lhe vários livros e impondo-lhe castigos. Uma noite, o inspetor entrou no quarto de Stálin, surpreendendo-o na leitura de um livro proibido.

— Não vês, acaso, quem tens diante de ti?

Calmo, olhos fixos, Stálin respondeu: — Não vejo senão uma mancha escura.

Por proposta dessa "mancha escura", Stálin foi expulso do Seminário de Tiflis, em maio de 1899.

## NO OBSERVATÓRIO GEOFÍSICO DE TIFLIS

Depois de passar algum tempo dando aulas particulares, Stálin, em dezembro de 1899, emprega-se no Observatório Geofísico de Tiflis. Apesar de passar as noites em vigília, num trabalho que exigia grande tensão nervosa e muita paciência, não cessa, por um instante sequer, a sua atividade revolucionária. Aquele jovem de aparência frágil tinha uma vontade férrea e uma resistência a toda prova.

Apoiando integralmente a "Iskra" (A Centelha), jornal então fundado por Lenin, e lutando contra a recalcitrância da maioria oportunista do Mesame-Dasi, Stálin, à frente do grupo revolucionário, promove e realiza comícios relâmpagos e manifestações políticas contra o tzarismo.

## COMEÇA A VIDA DO REVOLUCIONÁRIO PROFISSIONAL

A 21 de março, de 1901 policiais invadem o Observatório. Não encontram, porém, Stálin que, caindo, desde então, na clandestinidade, torna-se revolucionário profissional.

Escondido numa casa de magras colunas e de varanda coberta, perseguido pela polícia, Stálin organiza e dirige, no centro de Tiflis, uma demonstração por motivo do 1.º de maio.

Por sua iniciativa e de Kateshoveli, começa a aparecer, em setembro de 1901, a "Brdsola" (A Luta), o melhor jornal marxista da Rússia depois da "Iskra" leninista.

## EM BATUM

Eleito, em novembro de 1901, membro do Comité de Tiflis do P.O.S.D.R., é enviado para Batum, onde funda uma organização social-democrata.

Em Batum, Stálin vive, a princípio, na casa de Mate Rudse, no subúrbio pantanoso de Tchaob. Depois muda-se para a casa de um camponês, Jashima Smyba, transferindo, consigo, uma tipografia clandestina. Dos seus esconderijos, desenvolve intenso labor revolucionário, realiza círculos de estudo e dirige greves.

A 9 de março, organiza a grandiosa manifestação dos trabalhadores de Batum. Os manifestantes revolucionários, conduzindo bandeiras vermelhas, vão ao

quartel exigir a liberdade de companheiros presos. Stálin marcha à sua frente. Os operários são metralhados: 15 mortos e 54 feridos.

Desencadeia-se uma onda de repressão. Nos porões da casa de Darachvilidzé, Stálin encontrava-se reunido com alguns companheiros. Ouvem-se passos: era a polícia. Stálin não perde a calma:

— Não é nada — exclama, e continua fumando.

Os policiais penetram na sala e prendem Stálin. Ou Sosso, o nome que então usava.

## O PRIMEIRO DESTERRO

Depois de passar pelas prisões de Batum e de Kutais (onde organiza uma greve de presos), é deportado, em fins de 1903, para o distrito de Balagan, província de Irkutski, na Sibéria Oriental.

No desterro recebe, pela primeira vez, uma carta de Lenin. Stálin ardia em desejos de fugir da Sibéria. Mesmo doente, realiza o seu plano. Terrível tempestade gelada apanha-o em pleno descampado. Mas, com sua vontade de ferro, prossegue a marcha. Parecia um fantasma de gelo quando, depois de muito andar, bate à porta de uma choupana, em busca de abrigo. Era tal o seu cansaço, que dormiu, depois de degelado, dezoito horas seguidas. Isso aconteceu em janeiro de 1904.

## STALIN — APOIO DE LENIN NO CAUCASO

No mês seguinte, já se encontrava em Batum. Transfere-se, em seguida, para Tiflis, pontando-se à frente das organizações bolcheviques da Transcaucásia.

Por essa época, os bolcheviques, com Lenin à frente, lutavam energicamente contra as idéias oportunistas dos mencheviques e sua ação de fracionamento e desorganização.

Stálin se torna o ponto de apoio de Lenin no Cáucaso. Entre eles, havia absoluta identidade de idéias. Caçado pela polícia, mas encoberto com o nome de Kobi, Stálin, trabalha infatigavelmente, percorrendo as regiões da Transcaucásia, reforçando e fundando organizações social-democratas.

Sob a sua direção teve lugar, em dezembro de 1904, a famosa greve dos trabalhadores de Bakú que, como um relâmpago antes da tormenta, "foi o sinal para as gloriosas ações de janeiro e fevereiro em toda a Rússia.

Durante os anos da primeira revolução russa, Stálin luta, sem dar tréguas, contra os mencheviques, os social-revolucionários, os nacionalistas, os anarquistas. Num comício a que assistiam cerca de dois mil trabalhadores, e no qual se discutia com os anarquistas, Stálin intervem. "Enquanto todos os adversários injuriam e esbravejam, o camarada Koba desfaz e aniquila com tranquilidade e firmeza todas as proposições dos adversários. Deste modo vencem também ali os bolcheviques: os

fundamentos

# SA DE STALIN

trabalhadores apoiam unanimemente o camarada Koba". Stalin já era, então, um propagandista de talento.

## O PRIMEIRO ENCONTRO COM LENIN

Em dezembro de 1905, representando os bolcheviques da Transcaucásia, Stalin participa da Conferência bolchevique de toda a Rússia, celebrada em Tammefords, na Finlândia. Nessa conferência, Stalin, realizando o seu velho desejo, conhece pessoalmente Lenin, com ele trabalhando juntamente na Comissão Política, encarregada de redigir as resoluções.

Fiel discípulo e companheiro de Lenin, Stalin, nos seus notáveis artigos "Anarquismo ou Socialismo", sustentou e defendeu com brilhantismo as bases teóricas do partido comunista: o materialismo dialético e o materialismo histórico.

## BAKU — CIDADELA DO BÓLCHEVISMO

Ao regressar de Londres, onde fôra participar do V Congresso do P.O.S.D.R., realizado em maio-abril de 1907, Stalin fixa-se em Baku, centro de sua atividade durante os anos da reação que se seguiu à primeira revolução russa. Era um dirigente provado. Trabalhando sem descanso para a construção e consolidação da organização ilegal do partido marxista, organizando a luta dos operários, preparando um novo auge revolucionário, Stalin transforma Baku na cidadela do bolchevismo.

## O SEGUNDO DESTERRO

Mas essa intensa atividade de Stalin se interrompe a 25 de março de 1908, quando é encerrado na prisão de Bailov. Não cessa, porém, o seu trabalho revolucionário. Dentro da prisão não só escreve quase todo o número de um jornal, como realiza discussões sobre problemas teóricos e práticos com os revolucionários e mencheviques presos.

Afim de castigá-los, a administração da prisão de Bailov fá-los passar por duas filas de soldados, que os espancam com a culatra dos fuzis. Um a um, vão passando os presos, até que chega a vez de Stalin. Com a cabeça erguida, conduzindo na mão um livro de Marx, Stalin passa sob uma chuva de golpes. Não solta um só gemido. Stalin, homem de aço, vontade de ferro a serviço da revolução.

Depois de oito meses de prisão em Bailov, Stalin é deportado para Vologod, em Solvichegodsk. Mas, a 24 de junho de 1909, os revolucionários de Baku recebem um companheiro: Oganés Vartanovich Totomians. Era Stalin, que fugira do desterro.

Além de outros, aparecem, então, os seus famosos artigos intitulados "Cartas do Cáucaso".

## O TERCEIRO DESTERRO

Stalin, porém, não fica em liberdade durante muito tempo. A 23 de março de 1910 é preso e deportado, pela ter-

ceira vez, para Solvichegodsk. De sua pequena casa no desterro, ponto de reunião dos deportados políticos, Stalin corresponde-se com Lenin.

Em junho de 1911, com o passaporte de Chizikov, cujo prazo de deportação já findara, transporta-se ilegalmente para Petrogrado, onde estabelece contacto com o Partido da Capital.

## O QUARTO DESTERRO

Mas, a 9 de setembro de 1911, é detido em Petrogrado e, pela quarta vez, deportado para Vologod. A Conferência do Partido de toda a Rússia, celebrada em Praga, elege Stalin, mesmo ausente, membro do Comité Central, entregando-lhe a direção do Bureau Russo do CC., então fundado.

29 de fevereiro de 1912: Stalin foge novamente do desterro. Depois de percorrer várias regiões, regressa a Petrogrado no mesmo dia em que ocorreu a matança sobre o rio Lena. Organiza, então, a edição do "Pravda" (A Verdade), onde publica um artigo de sua autoria sobre a matança.

## DESTERRO EM NARIM. AÇÃO EM PETROGRADO

Sempre perseguido pela polícia, é detido, a 22 de abril do mesmo ano, numa rua de Petrogrado. Havia sido delatado por alguns provocadores, que conseguiram saber onde pernoitava, onde ia e a quem visitava. É deportado pela quinta vez, agora para uma região mais distante, para Narim, na Sibéria Ocidental, ao Extremo Norte. O confinamento era de três anos. Mas a 1.º de setembro seguinte torna a fugir para Petrogrado, onde redige os jornais bolcheviques "Zviesda" e "Pravda" e dirige as atividades dos bolcheviques na campanha eleitoral para a IV Duma. A polícia o persegue por toda a parte. Isso não impede, porém, que ele, com grande risco, participe de uma série de comícios relâmpagos nas fábricas. Os próprios trabalhadores guardam-no e defendem-no da polícia.

Em 1912-1913, Stalin enriquece o marxismo com mais uma sua grande contribuição teórica: "O marxismo e o problema nacional", que formulava a teoria e o programa bolcheviques sobre a questão nacional.

## NA LONGINQUA TURUKANSK

A 23 de fevereiro de 1913, num concerto realizado na sala da Bolsa de Kallashnikov, em benefício da "Pravda" e outros fins revolucionários, Stalin, denunciado por Manilovskí, é detido. O governo czarista usa de todas as cautelas para com o "terrível revolucionário", que escapava da polícia como a água por entre os dedos. Deportado, porisso, para Kostino, povoado de Turukansk. Mas os gendarmes não se sentiam bem seguros: temiam uma nova fuga. Levam-no para as proximidades do próprio Círculo Polar. A região aí é terrível. Cercadas por um manto infindável de neve, apenas 15 choças:

Kufeika. Num pequeno quarto da mais pobre dessas choças, estudando, fabricando instrumentos de caça e pesca, ou pescando no Yenisei gelado, Stalin vive até 1916.

## 1917: INICIO DA REVOLUÇÃO

No verão de 1914 deflagra-se a primeira guerra imperialista. Em dezembro de 1916, é Stalin mobilizado para o exército e transferido para Kranoiarsk e, depois, para a cidade de Achinsk, onde recebe a notícia da revolução de fevereiro. A 8 de março de 1917 abandona a cidade, rumo a Petrogrado, onde chega a 12 (15) do mesmo mês. O Partido Bolchevique acabava de sair da clandestinidade. No mesmo dia de sua chegada Stalin é encarregado da direção da "Pravda". Lenin, o grande dirigente da revolução, se encontrava emigrado na Suíça. Em sua ausência, ao lado de Molotov, Stalin dirige as atividades do Comité Central e do Comité de Petrogrado do Partido, dando solução acertada aos problemas que surgiam, e arregimentando o partido para a transformação da revolução democrático-burguesa em revolução socialista.

## AO LADO DE LENIN

A 3 (16) de abril de 1917, Lenin regressa à Rússia. Stalin, à frente de uma delegação operária, vai recebê-lo na estação de Bielotrov. A recepção de Lenin transforma-se numa grande manifestação. A caminho para Petrogrado, Stalin informa Lenin da situação. Daí por diante, os dois geniais chefes da Revolução lutam lado a lado. No dia seguinte, Lenin formula as suas famosas Teses de Abril, que deram ao partido um genial plano para a passagem da revolução democrático-burguesa à socialista.

Stalin é o maior e o mais próximo colaborador de Lenin. Depois das jornadas de julho de 1917, Lenin, perseguido pelo Governo provisório, entra na clandestinidade. Os traidores Kamenev, Ríkov e Trotski tudo fazem, então, para entregá-lo a um tribunal do Governo contra-revolucionário. Stalin, porém, repelindo energicamente as propostas dos traidores, impede que Lenin compareça ao Tribunal, salvando a sua preciosa vida para a humanidade. Isso aconteceu no VI Congresso, que Stalin dirigiu por indicação de Lenin, e onde foram desmascaradas as teses contra-revolucionárias da impossibilidade do triunfo do socialismo num só país.

Durante os dias em que Lenin permanece na clandestinidade, Stalin mantém estreito contacto com o mestre e amigo. Além da correspondência trocada, visita-o duas vezes em Rasliv.

Nas históricas sessões do C. C. do Partido de 10 a 16 de outubro, Stalin defende a resolução apresentada por Lenin sobre a insurreição armada e encabeça a chapa eleita para dirigí-la.

Stalin, o companheiro de lutas mais chegado de Lenin, esteve de modo direto à frente de todos os preparativos da

insurreição. Ele e Lenin são os inspiradores e organizadores da Grande Revolução Socialista de Outubro, que iniciou uma nova era na história da humanidade.

### A PAZ DE BREST-LITOVSKI

Vitoriosa a revolução, instaurado o Governo Soviético, Stalin faz parte do primeiro Conselho de Comissários do Povo, dirigido por Lenin.

Naqueles primeiros dias da pátria do socialismo, porém, os imperialistas anglo-francêses, com o apoio dos trotsquistas, tentavam colocar a República dos Soviéticos, jovem e débil ainda, sob os golpes do imperialismo alemão. Decidia-se a sorte da revolução. Lenin e Stalin trabalham sem descanso. Eles sabiam que a continuação da guerra seria fatal para a jovem República. Realizam, por isso, o tratado de paz de Brest-Litovski, abrindo caminho para o desenvolvimento da revolução. A União Soviética nasce, assim, sob o signo da paz.

### NA GUERRA CIVIL

Mas os imperialistas assestam novos golpes contra o poder soviético: na primavera de 1918 subleva o corpo do exército tchecoslovaco que, através da Sibéria, se dirigia para a França, no mesmo dia em que estalam os motins dos guardas-brancos na região do Volga. Mal livrara-se da guerra imperialista, a República dos Soviéticos enfrentava, assim a guerra civil, lutando contra as tropas intervencionistas de 14 nações.

Stalin foi o braço direito de Lenin para vencer a situação. Ele não se encontrava onde a situação era fácil. "De 1918 a 1920 — diz Kalinin — Stalin foi o único homem que o Comité Central lançou de uma frente para outra, nas zonas mais perigosas para a Revolução." E, onde se esperava uma derrota, o jovem Exército Vermelho conquistava uma vitória: assim aconteceu na defesa de Tiratsin, com a derrota de Kolchack e Denikin, com a defesa de Petrogrado (Leningrado), com a vitória sobre os "panis" polacos e a destruição de Wrangel.

Revelara-se, desse modo, um estrategista genial. Em 1919, por proposta de Lenin, foi condecorado com a Ordem da Bandeira Vermelha, em homenagem à sua abnegação durante as lutas na guerra civil.

### AS PRIMEIRAS PEDRAS DO NOVO MUNDO

Terminada a guerra civil com a vitória sobre os intervencionistas, inicia-se a construção pacífica da economia. Tinha-se que construir tudo num país que mal saíra de uma calamidade, em todos os setores, em todos os lugares, edificar pedra sobre pedra, paciente e pertinazmente, dia a dia. Lenin e Stalin — eleito em 1922 Secretário Geral do Comité Central do Partido Comunista Bolchevique — são os arquitetos geniais da nova pátria que surgia, a primeira pátria dos trabalhadores.

O dia 30 de dezembro de 1922 é uma data histórica, um dia de festa para toda a humanidade: por proposta de Lenin e Stalin fundava-se a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. "O Poder dos Soviéticos já não pensava somente em sua existência, mas, também, em desenvolver-se como força internacional importante, capaz de exercer influência sobre a situação internacional, capaz de modificá-la no interesse dos trabalhadores." (Stalin)

Duas águias das montanhas, Lenin e Stalin, trabalhando em comum, erguiam as primeiras pedras do novo mundo.

### A MORTE DE LENIN

Chega, porém, o dia 21 de janeiro de 1924. Nesse dia, em Gorki, perto de Moscou, morreu Vladimir Ilich Lenin, cessou de bater o coração do chefe e fundador do Partido Bolchevique, do chefe dos trabalhadores de todo o mundo. Que seria, sem Lenin, do destino da URSS, do destino de todo o mundo?

Mas Stalin, sobre a tumba de Lenin, ergueu o seu imortal juramento de seguir os ensinamentos de Lenin, de cumprir os seus legados. Não era apenas o juramento de um homem, mas do Partido Bolchevique, do povo soviético, de toda a humanidade trabalhadora.

Trotsky e seus comparsas, inimigos do socialismo, aproveitam-se da enfermidade e da morte de Lenin, para tentar afastar o Partido Bolchevique da senda leninista, afim de abrir caminho para a restauração do capitalismo na URSS. Porém Stalin, congregando em torno de si o Partido e o povo soviético, enfrenta uma luta encarniçada, eleva a novas alturas o marxismo-leninismo, derrotando os trotsquistas, fortalecendo ainda mais a jovem pátria do socialismo, desenvolvendo a teoria leninista sobre a vitória do socialismo num só país, que os trotsquistas queriam negar.

### A INDUSTRIALIZAÇÃO DA URSS

Por essa época, apesar dos grandes êxitos conquistados pelo Poder Soviético, a URSS era ainda um país agrário. Era necessário, pois, transformá-lo em país industrial, para a construção do socialismo. Este foi o caminho apontado por Stalin. Para realizar o seu plano de industrialização e coletivização da agricultura, teve, antes de tudo, que derrotar Zinoviev e Kamenev, trotsquistas, defensores do capitalismo, cujo plano visava conservar a URSS como país agrário, entregando-a, assim, às garras imperialistas.

Sob a sua direção, grandes êxitos são conquistados na industrialização e coletivização da agricultura. Em 1929 é aprovado o primeiro Plano Quinquenal, inspirado por Stalin. A construção de novas indústrias e de fazendas coletivas ganhou um desenvolvimento surpreendente. Graças à emulação socialista, em 1933 o I Plano Quinquenal havia sido cumprido, um ano antes do prazo fixado. Stalin, então, pode afirmar: "Nos-

so país transformou-se de um país agrário em industrial, de país de pequenos camponeses, no país da agricultura mais desenvolvida, mais adiantada, socialista."

No XVII Congresso, realizado em princípios de 1934, foi aprovado integralmente o informe apresentado por Stalin, como novo programa de trabalho, e também o segundo Plano Quinquenal do desenvolvimento da economia nacional.

### A CONSTITUIÇÃO STALINISTA

DE 1935

Mais um ano de sucessos ininterruptos. Em fevereiro de 1935, o XVII Congresso dos Soviéticos aprovou a nova Constituição da URSS, elaborada por Stalin. A Constituição stalinista de 1935 marca um novo período na história da União Soviética: estava construída a sociedade socialista, sem classes. Iniciava-se o caminho paulatino para o comunismo. Stalin foi o principal arquiteto dessa vitória histórica de significação mundial. Sob a sua direção, todo o povo soviético, desenvolvia o seu trabalho pacífico e creador.

### A AGRESSÃO DA ALEMANHA NAZISTA

Mas, a 21 de junho de 1941, termina esse período de construção pacífica. Nesse dia, uma notícia abalou todo o mundo: a Alemanha imperialista hitleriana, rasgando o pacto de não agressão, invadiu de surpresa a pátria do socialismo.

A União Soviética empreendia os seus esforços para a construção da paz e da felicidade. Não se preparara para a guerra. Porém na União Soviética havia Stalin, havia o Partido Bolchevique, havia o patriotismo do seu povo livre e contava com o apoio dos povos de todo o mundo.

Para dirigir a resistência contra o inimigo, foi criado o Comité de Defesa do Estado, em cujas mãos se concentrou todo o poder do Estado Soviético. A Stalin foi entregue a presidência desse Comité.

A situação era difícil. 170 divisões alemãs, armadas de milhares de tanques e aviões, foram lançadas de súbito contra o país dos Soviéticos. Nos dez primeiros dias de guerra, as tropas hitleristas, com esse poder bélico e aproveitando-se da surpresa do ataque, ocuparam a Lituânia, parte da Letônia, a parte ocidental da Bielorrússia, uma parte da Ucrânia Ocidental. A União Soviética estava em perigo.

### ERGUE-SE A RESISTÊNCIA SOVIÉTICA

A 3 de julho Stalin se dirige, em discurso, ao povo soviético, aos combatentes do Exército Vermelho e da Marinha de Guerra. Depois de relatar a dura verdade sobre a situação militar que se havia criado, Stalin mostrou que aquela era uma guerra de todo o povo soviético contra as tropas da Alemanha fascista. "E, pois, questão de vida e

morte para o Estado Soviético, questão de vida e morte para os povos da URSS. Trata-se de que os povos da União Soviética permaneçam livres ou que sejam reduzidos à escravidão."

Atendendo à exortação de Stalin, o povo soviético entregou-se de corpo e alma para resistir e vencer ao invasor alemão. Rapidamente, toda a indústria foi destinada à produção de guerra. Milhares de empresas industriais das regiões ameaçadas foram evacuadas para a retaguarda. O Exército Vermelho, a Marinha, todo o povo soviético defendia cada palmo de terra pátria, batia-se até a última gota de sangue por cada cidade e por cada aldeia. E quando o Exército Vermelho era forçado a se retirar, nas regiões ocupadas o inimigo não encontrava um só litro de combustível, uma só locomotiva, um só vagão, um só quilo de trigo. Ao contrário, em sua retaguarda, encontravam a ação dos heróicos guerrilheiros soviéticos.

### A DEFESA DE MOSCOU

As tropas invasoras sofrem tremendas perdas. Visando o esmagamento relâmpago da URSS, o alto comando hitlerista lança suas reservas na frente soviético-alemã. A custa de perdas colossais, os alemães conseguem irromper na região de Moscou. Um perigo mortal se abatia sobre a Capital soviética.

Stalin assume pessoalmente o comando das operações do Exército Soviético e da defesa de Moscou. A resistência ativa dirigida por Stalin transforma a Capital do mundo numa cidadela inespugnável.

Em dezembro de 1941, Stalin ordena que os Exércitos Soviéticos, concentrados em torno de Moscou, ataquem de surpresa as tropas alemãs. Os invasores não resistem aos tenazes golpes desferidos e retiram-se em desordem. Perseguido os nazistas em fuga, as tropas soviéticas avançam, durante o inverno, mais de 400 quilômetros para Oeste. Fracassara o plano dos fascistas alemães. E caíra por terra o mito da invencibilidade do exército hitleriano.

### STALINGRADO — CIDADE HERÓICA

Verão de 1942. Tirando proveito da ausência da segunda frente na Europa, os alemães transferem todas as suas reservas, inclusive as tropas dos seus aliados, para a frente soviético-alemã e concentram-nas, em grande quantidade, na direção sudoeste.

Em meados de julho de 1942 os alemães atacam Stalingrado. Aparentemente, as tropas alemãs tinham como objetivo principal a ocupação das zonas petrolíferas de Grosni e Bakú. Tratava-se, porém, de um estratagemata usado pelos invasores para iludir. O que visavam realmente era, dominando Stalingrado, avançar pelo Volga rumo ao norte, envolver Moscou isolando-a do rio e dos Urais para depois lançar-se sobre a Capital soviética, com o fim de terminar a guerra naquele mesmo ano.

Mas Stalin, genial estrategista, descobre a tempo os planos dos alemães, e, a 5 de julho, ordena ao chefe da frente de Stalingrado: "Exijo que você tome todas as medidas para a defesa de Stalingrado. Stalingrado não deve ser entregue ao adversário."

E os soldados soviéticos assim fizeram. Durante meses seguidos, noite e dia, de rua em rua, de casa em casa, sem tempo sequer para dormir, com grande inferioridade numérica, mas com um tempera de aço, defenderam a cidade do Volga que tem o nome de Stalin. Todos os dias, em toda a União Soviética, em todo o mundo, se pensava em Stalingrado. E a cidade resistia. Desemrolava-se, naquele instante, a maior e a mais heróica batalha de todos os tempos. E decidia-se a sorte da guerra, a sorte de toda a humanidade.

A 19 de novembro de 1942 as tropas soviéticas passam à ofensiva nos acessos de Stalingrado, atacam os flancos e depois a retaguarda dos adversários, cercando, em curto prazo, um exército alemão de mais de 300.000 homens, aniquilando-o em parte e em parte o aprisionando.

Os soviéticos conquistaram a mais notável de todas as vitórias registradas na história das grandes guerras. "Stalingrado — disse Stalin — marcou o ocaso de exército fascista alemão. Como é sabido, depois da surra de Stalingrado, os alemães não mais puderam recompor-se." Stalin foi o principal autor dessa vitória inextinguível.

### A BATALHA DE KURSK

Depois da vitória de Stalingrado, o Exército Vermelho, tomando a iniciativa em suas mãos, começa a expulsão em massa dos inimigos do País dos Soviets. Na campanha ofensiva do inverno de 1942-1943 começa a libertação das regiões ocupadas pelos alemães desde o início da guerra.

No verão de 1943, porém, os alemães iniciam nova ofensiva. Mediante um golpe assestado dos lados do setor de Orel e Vielgorod, tentam cercar e aniquilar as tropas soviéticas concentradas no cotovelo do arco de Kursk. Stalin, mais uma vez, descobre a tempo os planos do inimigo. E quando os alemães, no dia 5 de julho, começam a executar os seus planos, chocam-se com a resistência encarniçada das tropas soviéticas que, derrotando o inimigo, passam para a ofensiva. "Se a batalha de Stalingrado — disse Stalin — pressagiou o ocaso do exército fascista alemão, a batalha de Kursk colocou-o diante da catástrofe."

Em novembro de 1943, o Exército Soviético, com o apoio da ação dos guerrilheiros, liberta cerca de dois terços das regiões soviéticas temporariamente ocupadas pelo inimigo. Stalin, autor principal destes êxitos decisivos, é condecorado, a 6 de novembro, com a Ordem Suvorov de primeira classe.

### A GRANDE OFENSIVA

1944 foi um ano de vitórias decisivas. O Exército Vermelho, realizando os planos genialmente elaborados por Stalin, expulsa definitivamente os invasores do território soviético, passando a lutar no território da Alemanha e dos seus cúmplices. Nesse mesmo ano, liberta a Romênia, a Finlândia e a Bulgária. Em janeiro-fevereiro de 1945, numa impetuosa ofensiva de 40 dias, as tropas soviéticas, arrojando o inimigo para muito longe na direção do Oeste, libertam totalmente a Polônia e parte considerável da Tchecoslováquia, capturam grande parte da Prússia Oriental e da Silésia alemã. Sob a pressão das tropas soviéticas, saiu da guerra a Hungria, último aliado da Alemanha na Europa.

"Agora — proclamou Stalin a 23 de fevereiro — já está próxima a vitória completa sobre os alemães."

### RUMO A BERLIM

Prosegue, porém, o avanço do Exército Vermelho que, depois de se apoderar de Viena, de esmagar as forças alemãs na Prússia Oriental, de capturar a região industrial da Silésia, chegam aos arredores de Berlim.

Stalin lança o histórico apelo de "¡ai sobre Berlim a Bandeira da Vitória." Com o nome de Stalin nos lábios os soldados soviéticos se lançam na gloriosa marcha sobre a cidadela do fascismo. A 2 de maio de 1945 a bandeira da vitória tremula sobre Berlim.

### A VITÓRIA

A 8 de maio foi assinada a ata de capitulação incondicional das forças armadas alemãs. Nesse dia, Stalin, o principal construtor do esmagamento do fascismo alemão, dirigiu-se ao povo pelo rádio:

"Chegou o grande dia da vitória sobre a Alemanha. A Alemanha fascista, posta de joelho pelo Exército Vermelho e pelas tropas de nossos aliados, reconheceu-se vencida e declarou aceitar a capitulação incondicional."

Stalin, chefe supremo de todas as forças armadas da URSS, recebeu a medalha de Herói da União Soviética, sendo condecorado com a Ordem de Lenir e a Estrela de Ouro e investido do título militar supremo: Generalíssimo da União Soviética.

No dia 2 de agosto realizou-se a Conferência de Berlim, com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Stalin representou a União Soviética. Nessa Conferência foram adotadas decisões importantes, visando a consolidação da vitória.

### ANTE OS SOVIÉTICOS RENDE-SE O JAPÃO

O Japão, contudo, repudiava as exigências da Conferência de Berlim. Atendendo a um apelo dos aliados, o Exército Vermelho e a Frota do Pacífico iniciam as suas operações contra o Japão. As tropas soviéticas libertam dos japoneses a Mandchúria, o sul da ilha de Sa-

kalina, o Norte da Coréia e as ilhas Kurilas. As vitórias das tropas soviéticas obrigam o Japão a se render, firmando em Tóquio, a 2 de setembro de 1945, a ata de capitulação incondicional.

No dia da vitória sobre o Japão, Stalin deu a grande notícia ao povo: "Desde agora podemos considerar a nossa Pátria livre da ameaça de invasão alemã no Ocidente e da invasão japonesa no Oriente. Chegou a paz longamente esperada para os povos de todo o mundo."

### PELOS CAMINHOS PACIFICOS

A União Soviética, sob a direção do Generalíssimo Stalin, retoma os trabalhos pacíficos, realizando o novo Plano Quinquenal stalinista. Cidades e aldeias destruídas ou danificadas pela invasão dos fascistas alemães são reconstruídas rapidamente. O heróico povo soviético que, com o nome de Stalin nos lábios, levou à derrota os invasores fascistas, do mesmo modo emprega todas as suas energias na reconstrução das cidades e dos campos destruídos, no trabalho pacífico, no desenvolvimento da ciência e da cultura, reintegrando a grande pátria dos trabalhadores de todo o mundo no ritmo normal de sua vida grandiosa, na sua marcha para o comunismo.

Os êxitos, sem precedentes, alcançados pelo povo soviético na realização do IV Plano Quinquenal — que teve por objetivo restabelecer e superar o nível de antes da guerra, tanto na indústria como na agricultura —, se devem, antes de tudo, a Stalin, o seu inspirador e o seu chefe genial.

### STALIN - CAMPEAO DA PAZ

Não somente na URSS, mas em todas as terras, o nome de Stalin é pronunciado com o mais desvelado amor. Em consequência das vitórias do Exército Vermelho, comandado por Stalin, e dos aliados, os povos de todo o mundo respiram aliviados do perigo do hitlerismo e vários países da Europa e da Ásia se libertaram do jugo de seus opressores. Todas as conquistas dos povos nos caminhos da liberdade, da paz e do socialismo estão vinculados ao nome do Grande Stalin.

Na mesma sala do Kremlin onde, dia e noite, trabalhou para o esmagamento do fascismo, ele, chefe do povo soviético e guia da humanidade inteira, não cessa um instante de trabalhar, zelosa e solícitamente, para a felicidade humana.

Mal terminada a guerra, os imperialistas ianques começaram a tentar contra a paz, realizando uma política de rearmamento, agressões, militarização da economia, fome e opressão para os povos. Mas, ao mesmo tempo em que Stalin dirige o povo de sua grande pátria no grandioso plano de construções, ergue a sua voz em defesa da paz mundial, levantando uma barreira de aço contra a política de guerra dos imperialistas: a política de paz da URSS. A União Soviética luta pela cooperação das Grandes Potências, pela redução dos armamentos e a proibição integral da bomba atômica. Este é um programa que guarda absoluta fidelidade às

resoluções da Conferência de Potsdam, realizada em julho-agosto de 1945.

Graças a essa firme política de paz da União Soviética, elaborada por Stalin, e da luta de todos os povos, os fatores de guerra não conseguiram pôr em prática os seus intentos criminosos de desencadear uma nova guerra mundial. Por isso, a humanidade inteira reconhece em Stalin o Campeão da Paz, ligando indissolavelmente ao seu nome todas as esperanças numa paz firme e duradoura.

### STALIN E O MARXISMO

Os séculos XIX e XX são dominados pelas figuras de 4 gênios, de 4 gigantes do pensamento humano: Marx, Engels, Lenin e Stalin.

Se Marx e Engels, descobrindo as leis do capitalismo e da sociedade, elaborando o marxismo, colocaram nas mãos do proletariado a arma para a sua libertação dos seus exploradores; se Lenin, desenvolvendo o marxismo, elaborou o marxismo-leninismo, isto é, o marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletárias — Stalin desenvolveu-o ainda mais, aplicando-o às condições históricas da época do socialismo e da transição para o comunismo.

A contribuição teórica de Stalin é de inestimável valor. Com o seu livro "Os Problemas Econômicos do Socialismo na URSS", publicado em fins de 1952, onde pela primeira vez se formulam a lei fundamental do capitalismo e as leis do socialismo, e de sua transição para o comunismo, elevou o marxismo-leninismo a alturas sem precedentes. Este livro de Stalin ilumina os caminhos do povo soviético na sua marcha para o comunismo e dos povos de todo o mundo para a sua libertação de todas as formas de opressão.

### NO XIX CONGRESSO DO P.C.U.S.

O XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, realizado em novembro de 1952, e cujas atividades se basearam na genial obra de Stalin — "Os Problemas Econômicos do Socialismo na URSS" — marca o início de uma nova era na história da humanidade. Nêle, o mais sábio dos homens, José Vissarionovich Stalin, desvendou o véu do futuro e mostrou ao povo soviético o início próximo do comunismo. O sonho de Marx, Engels e Lenin, o sonho dos trabalhadores de todo o mundo, será realidade em breve.

Sob a direção genial de Stalin, aliás, o povo soviético já realizou as primeiras obras do comunismo: a construção do Canal Lenin Volga-Don e da grande

represa hidroelétrica do Dnieper. O Poder Soviético, que aboliu para sempre a exploração do homem pelo próprio homem, já domina a natureza, submetendo-a à vontade do homem e utilizando-a em seu benefício.

Graças a essas obras stalinistas do comunismo, em imensas regiões desérticas, onde era praticamente impossível a vida humana, caem chuvas copiosas e surgem ricas florestas e plantações.

No encerramento do XIX Congresso do P.C.U.S., Stalin assomou à tribuna e, com a sua figura impressionante de gênio e a sua serenidade de dirigente provado, dirigiu-se aos representantes dos Partidos Comunistas irmãos. Com esse discurso, que é uma síntese genial de ensinamentos profundos, Stalin colocou nas mãos dos comunistas e dos povos de todo o mundo o programa de ação para tornar vitoriosa a luta revolucionária. As palavras sábias e serenas de Stalin infundiram a mais entranhada certeza na vitória da revolução. Os povos de todos os países receberam com alegria e entusiasmo ilimitados os ricos ensinamentos de Stalin.

### A MORTE DO GRANDE STALIN

A 2 de março de 1953, uma terrível notícia abalou a humanidade inteira: Stalin sofrera um derrame cerebral, caindo em estado de inconsciência: Stalin estava às portas da morte!

Passaram-se 72 horas de dolorosa expectativa. Todos os olhos e todos os pensamentos se voltavam para o Kremlin, para o leito de Stalin, para o seu coração generoso. Naqueles angustiosos momentos de temer, todos os homens e mulheres do mundo tinham a esperança de que Stalin seria salvo.

Mas, apesar de todos os esforços da ciência soviética, no dia 5 de março, às 21 horas e 50 minutos, cessou de pulsar o coração de José Vissarionovich Stalin, deixou de trabalhar o seu cérebro genial.

A humanidade inteira chorou a perda do grande Stalin, do arquiteto da paz e da felicidade humana, do construtor do comunismo que, como disse Engels, "será pão e rosas para todos". Os povos de todo o mundo sentiram a morte de Stalin não só como a perda do maior homem do século, mas como a de uma pessoa íntima, como a de um pai, de um amigo, de um companheiro próximo.

O grande Stalin continuará vivo para sempre na sua obra imortal e no coração de todos os povos.

A. S.

fundamentos

# O MAIOR AMIGO DE NOSSO POVO

N.R.) — Transcrevemos, abaixo, o trecho do trabalho de Luis Carlos Prestes, intitulado «O XIX Congresso do Partido Comunista da União Soviética e as tarefas de nosso Partido», no qual o autor presta sentida homenagem a José Vissarionovich Stalin.

Nós, comunistas brasileiros, choramos a perda irreparável de nosso melhor amigo e camarada. Nosso Partido nasceu quando a enfermidade e em seguida a morte privaram a humanidade do grande Lênin e por isso pode-se dizer que viveu e cresceu sob a direção solícita e paternal do melhor discípulo de Lênin, do continuador genial de sua obra — o nosso estremecido camarada Stálin. Ao seu nome estão indissolivelmente ligados os acontecimentos mais marcantes da vida de nosso Partido. Foi com o nome de Stálin nos lábios que os nossos mártires e heróis conseguiram enfrentar com serenidade e firmeza a morte e todas as torturas. Foi sempre com o pensamento em Stálin que os nossos melhores companheiros, aqueles que mais se destacaram na atividade partidária, encontraram forças para enfrentar todas as privações e vencer os mais difíceis obstáculos. Compreendemos agora, mais do que antes, que perdemos com o camarada Stálin, nós comunistas, um pai venerado e entranhadamente ligado a tudo quanto possa haver de puro, alto e nobre em nosso próprio ser. E só isto pode explicar a angústia que nos domina, a dor imensa que confrange nossos corações.

Mas, em nosso país não somos apenas nós, comunistas, não é apenas a classe operária que chora a morte de seu chefe querido, é a maioria esmagadora de nosso povo, são milhares de brasileiros que sentem no mais íntimo de seu ser a perda irreparável do homem que personificava as esperanças de todos os oprimidos, as ambições mais puras de todos os que pensam no futuro de seus filhos, as aspirações dos patriotas que desejam uma pátria livre, próspera, feliz e gloriosa, de todas as pessoas simples que odeiam a guerra e almejam a paz entre os homens. E, pois, como oprimidos também, como pais e patriotas, como partidários da paz que sofremos e avaliamos a extensão de nossa perda. Stálin foi o melhor amigo de nosso povo. Todos os que sofrem em nossa terra com a opressão imperialista e com as sobrevivências feudais e voltam-se com confiança e esperança para o nosso Partido compreendem que à sua frente, indicando aos comunistas brasileiros o caminho da salvação do Brasil sempre esteve a ciência, a previsão, a sabedoria do grande Stalin.

Camaradas! Somos depositários dos preciosos ensinamentos do camarada Stalin. Nos últimos anos, particularmente depois que fomos capazes de iniciar a auto-crítica de nossos erros, tivemos a ventura de ser especialmente distinguidos pela solícitude paternal do camarada Stalin. Seus ensinamentos preciosos nos permitiram dar importantes passos para a frente e, na

Luiz Carlos Prestes

medida em que fomos capazes de fazer deles um guia para a ação revolucionária, haveremos de colocar nosso Partido na altura de suas tarefas e mais rapidamente levaremos nosso povo à vitória em sua luta sagrada pela libertação do Brasil do jugo colonial dos imperialistas.

Sabamos, pois, transformar nossa dor em novas forças, para que nos dêem

essa "têmpera especial" que, como disse Stalin, é o traço característico de cada comunista. Só assim poderemos corresponder à confiança que o camarada Stalin depositava em nosso Partido e em sua direção, só assim nos colocaremos à altura das responsabilidades que pesam sobre nossos ombros, como depositários de seus ensinamentos preciosos.

Para a frente, pois, camaradas! Enxuguem as lágrimas e não poupemos esforços para sermos dignos da memória imortal de Stalin, aplicando nas condições específicas de nosso país seus geniais ensinamentos. (Aplausos).

## CINCO ANOS DE LUTA

Com o presente número, FUNDAMENTOS completa seu quinto ano de existência — cinco anos de luta dos intelectuais progressistas de S. Paulo em defesa desse patrimônio comum a todos os brasileiros — a cultura nacional — sempre e cada vez mais ameaçada pelas forças que representam em nossa pátria, os interesses econômicos do imperialismo americano, ameaçada cada vez mais de asfixia na medida em que, pela criação de leis de exceção da perseguição de patriotas, cria-se esse clima de terror e de insegurança em que vivemos, hostil ao livre debate das idéias.

Para realizar esta missão, entretanto não basta uma declaração de princípios; são fatos concretos, objetivos, que somam para a luta a que nos propusemos.

E' sempre necessário fazer, como em outras ocasiões temos feito, um balanço com espírito autocrítico a fim de alertar nossos leitores para o ajuste de nossas atividades na mesma medida em que neles se cria com isso a disposição de nos ajudar com sua opinião franca e leal e cada vez melhor refletir a realidade em nossos propósitos.

FUNDAMENTOS tem dedicado números especiais a vários assuntos que interessam de perto à luta pela defesa da cultura nacional. Ai estão os números focalizando o nosso cinema, e o sempre discutido problema das histórias em quadrinhos, nos quais com destemor os intelectuais paulistas verberam o crime que se comete contra o nosso povo e em particular contra a juventude brasileira ao transformar o cinema e as historietas em veículo da mais sórdida propaganda de maus costumes, de depravação, de crime, de guerra — ao que não se furtam nem mesmo os "grandes" jornais paulistas como é o caso do "Estado de São Paulo" criminosamente transformados em porta-vozes do inimigo de nossa pátria.

No terreno das artes plásticas e da música, FUNDAMENTOS, contando sempre com o nome dos artistas nacionais de maior prestígio — como é o caso de Cláudio Santoro, Eunice Catunda, Guerra Peixe, Maestro De Guarnieri, e tantos outros, tem tomado posições claras na luta contra o cosmopolitismo em suas mais variadas formas e "ismos".

A Bienal de São Paulo, esta ponta de lança do imperialismo americano no campo das artes plásticas, tem encontrado em nossas páginas repulsa decisiva destinada a chamar a atenção dos intelectuais e em particular dos artistas sobre a maneira pela qual encobertos pela capa de mecenas, escondidos atrás de inofensivos conclave internacionais de arte, os inimigos de nossa cultura visam afrouxar a nossa vigilância, e atravesssar nossas soleiras para semear o veneno das formas decadentes de uma arte, toda ela baseada no absentismo, no desprezo ao povo, na irresponsabilidade e na decadência.

E' claro que nem sempre tem a revista refletido, com a felicidade que seria de desejar, a imperiosidade dos problemas, a urgência dos protestos, a grandeza das questões. Em algumas vezes nem mesmo o mínimo de aspecto gráfico a que nos propusemos, temos conseguido. E' bem verdade que não é fácil manter uma revista neste clima de opressão de Getúlio e Garcez, neste clima de escândalo apóio a tudo que transpira o inimigo. Ai estão todos os dias nas bancas dos jornais novas publicações fascinantes e macias no tratamento do crime, do sexo, e do lucro dos exploradores da miséria cultural em que jaz a maioria de nossos compatriotas.

Não tem sido fácil manter FUNDAMENTOS por todos esses cinco anos que agora se escoam. Entretanto, mesmo dentro dessas condições, ainda podemos corrigir muitas falhas, muitos erros de método, muitos senões, que tem concorrido com a sua quota para aumentar as dificuldades. Estamos fazendo o possível para isso, mas é preciso que o leitor nos ajude. FUNDAMENTOS precisa da opinião, do conselho fraternal de seus leitores, mas avisa com palavras claras que não vive dos anúncios da "Standard Oil", nem da Light — avisa que se mantém à custa da contribuição de um grupo de intelectuais dedicados à causa do povo, grupo sempre pequeno se o julgarmos pela medida em que cresce nesta era getuliana os preços do papel o custo da impressão, o custo da cultura. Que cada leitor, compreendendo a importância de existir em nosso meio, nas condições de nossa pátria, uma revista como FUNDAMENTOS, junte a esta compreensão sua ajuda concreta em dinheiro — eis o que impõe!

Que a ajuda a Fundamentos seja o traço de união para compreendermos e debatermos a defesa de nossa cultura, é o que desejamos!



**«A PRAÇA E' DO POVO»**

**Gravura de Mario Gruber**



# STALIN QUER DIZER PAZ

E. SUCUPIRA FILHO

A política de paz da União Soviética — baseada no princípio de coexistência pacífica dos sistemas socialista e capitalista — foi confirmada uma vez mais pelo discurso de George Malênkov, fiel discípulo e sucessor de Stálin na direção do Estado soviético. Ao apagar das luzes do ano de 1952, o grande dirigente dos povos da União Soviética, cujo desaparecimento a humanidade progressista e os homens de bem pranteiam, dava mais uma demonstração da inabalável disposição de estabelecer um "modus vivendi" com as nações do sistema capitalista. Em numerosas oportunidades, Stálin vinha reafirmando a invariável e firme política leninista de paz entre os povos, que norteia a conduta da política exterior soviética, desde os albores da Revolução Socialista de Outubro.

Em 1927, ao receber a primeira delegação operária americana, assegurava que as relações entre os países socialista e capitalista não excluíam a possibilidade de acordos na esfera da indústria, do comércio e das relações diplomáticas. Dizia, então, Stálin aos membros da delegação:

"Acredito que a existência dos dois sistemas opostos — o capitalista e o socialista — não exclui a possibilidade de tais acordos. Acredito que tais acordos são possíveis e convenientes... A exportação e a importação constituem o terreno mais adequado para semelhantes acordos... O mesmo se pode dizer no que respeita à esfera diplomática. Aplicamos uma política de paz e estamos dispostos a firmar com os Estados burgueses pactos de não agressão mútua. Aplicamos uma política de paz e estamos dispostos a chegar a um acordo quanto ao desarmamento..."

Em 1950, quando os incendiários de guerra lançavam as mais torpes calúnias com respeito às intenções pacíficas da União Soviética, Andrei Vishynski, perante o Comitê Político da Assembleia Geral da ONU demonstrava com fatos a importante contribuição de seu país destinada a eliminar a ameaça de guerra e a fortalecer a paz e a segurança dos povos.

"Numerosos fatos e documentos da história do Estado soviético e de sua política exterior — dizia Vishynski — provam a invariável e decidida luta do Governo soviético a favor da paz e do fortalecimento da colaboração internacional".

Recordou, ainda, o estadista soviético a adesão de seu país ao Pacto Kellogg, em que desenvolveu ativo trabalho em favor da segurança coletiva, apesar do boicote de que a URSS foi objeto por parte de alguns países capitalistas. A tão debatida questão de "agressor" foi precisamente de iniciativa do Governo soviético, que em 1933, perante a Liga das Nações, se bateu pela definição de agressão e da parte agressora.

## Declaração de política externa em 1930

Na oportunidade da realização do XVI Congresso do P. C. da URSS, em 1930, Stálin definia deste modo a política exterior da URSS:

"Nossa política é uma política de paz e de intensificação das relações comerciais com todos os países. E continuaremos mantendo esta política de paz com todas as nossas forças e com todos os nossos meios".

Durante os anos que antecederam a agressão hitleriana, continuou a União Soviética fiel a essa linha de conduta, chegando a estabelecer laços e relações amistosas e práticas com vários Estados. No momento em que os agressores fascistas — Alemanha, Japão e Itália — ajudados pela cumplicidade dos "muniquistas" franceses e ingleses se preparavam para desencadear a segunda guerra mundial, ecoaram pelo mundo, serenas e firmes, no meio da histeria desatada pelos belicistas, as palavras de Stálin:

"Somos, pela paz e o fortalecimento de relações práticas com todos os países; mantemos e continuaremos mantendo esta posição na medida em que estes países se atenham às mesmas relações com a União Soviética, na medida em que não intentem lesar os interesses de nosso país".

Essa política de paz da URSS tem suas raízes na própria estrutura do sistema socialista. Não existindo classes exploradoras, é óbvio não existirem grupos sociais interessados em objetivos guerreiros de conquista de países e povos alheios. As tergiversações a este respeito impostas pelos ideólogos dos imperialistas se reduzem a nada em face da política realista da União Soviética. Acentuara Stálin antes da guerra, que uma das razões da grande popularidade do Poder soviético entre os povos dos países capitalistas se devia à política de paz que seguia "honrada e valentemente nas difíceis condições do círculo capitalista".

## Cooperação pacífica

Os temores de que a URSS não poderia colaborar com os países do sistema socialista foram desfeitos numerosas vezes. Quando em setembro de 1946, o correspondente do "Sunday Times", em Moscou, perguntou a Stálin se era possível a colaboração da URSS com outros países, tendo em vista o desenvolvimento da URSS para o comunismo, Stálin esclarecia:

"As possibilidades de colaboração pacífica não só não diminuirão como podem, inclusive, aumentar".

No mesmo ano, Stálin transmitia a Elliot Roosevelt a mesma explicação:

"Não só é possível; é razoável e plenamente realizável. Nos tem-

pos de maior tensão de guerra, as diferenças de forma de Governo não impediram a nossos países de unir-se e vencer a nossos inimigos. Em tempos de paz, a manutenção dessas relações é possível em maior grau ainda".

E em 1947, confirmava numa entrevista com Harold Stassen a declaração anterior:

"Se os dois sistemas puderam colaborar durante a guerra, por que não poderão colaborar em tempos de paz? Como é natural, compreende-se que se há desejo de colaborar, a colaboração é plenamente possível, mesmo sendo diferentes os sistemas econômicos".

Em maio de 1948, Stálin insistia em que:

"Apesar das diferenças de sistemas econômicos e de ideologias, a coexistência dos sistemas e a regulação pacífica das discrepâncias entre a URSS e os Estados Unidos não só é possível, mas absolutamente necessária no interesse geral".

Kingsbury Smith, diretor-geral na Europa do "International News Service" recolheu do chefe do Governo soviético palavras de teor semelhante:

"Naturalmente o Governo da União Soviética poderá colaborar com o Governo dos Estados Unidos na aplicação de medidas orientadas a realizar o Pacto de Paz que conduzisse ao desarmamento gradual".

O importante Congresso de povos, realizado em Viena, o ano passado, refletiu de forma determinante a vontade de paz de milhões de homens e mulheres do mundo inteiro. Reunindo representantes de 86 países, o conclave considerou não existirem divergências entre os Estados que não pudessem resolver-se por meio de negociações, e propôs que os governos das Cinco Grandes Potências entrassem imediatamente em entendimentos para concluir um pacto de paz. O primeiro Governo a dar um passo nesse sentido foi precisamente o da União Soviética, através da palavra de Stálin, no dia de Natal do ano passado...

O importante pronunciamento do Congresso de Viena é uma consequência da atividade prática de milhões de homens, que vão convertendo em realidade as possibilidades de impedir a guerra e preservar a paz. Stálin já o predissera, quando afirmara convicto de que:

"a paz será mantida e consolidada se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e a defenderem até o fim".

A clarividência de Stálin foi sempre um guia seguro para a ação. Ele continuará a ser para todos os povos a encarnação dos seus mais altos interesses: segurança, bem-estar, independência nacional e desejo de cooperação pacífica.

Em 21/3/53.

fundamentos

# ANTE O FERETRO DE I. V. STALIN

ALEXEI SURKOV

Moscú guarda um silêncio nada habitual, concentrado em sua dor e enlutadas as bandeiras. Quantos olhos humanos cobre a neve de uma grave dor! Ao fitar os olhos de nosso compatriota que vai pela rua, do fundo dessa sua dor vemos levantar-se a imagem daquele a quem a cidade rende a saudação fúnebre da mudez de suas bandeiras a meio pau: a imagem do camarada Stálin.

Na primeira metade do dia já surge, espontânea, a torrente viva do povo: começa nas cercanias da Casa dos Sindicatos e flui de uma rua a outra, de uma praça a outra.

Espera paciente, grave de solenidade, E às 16 horas do meridiano de Moscú, se abrem as portas da Casa dos Sindicatos, e o rio vivo flui, pausado e silencioso, pelos corredores e escadas, para a Sala das Colunas, lugar onde o grande povo se despede do grande chefe.

Incalculáveis milhares de trabalhadores da Capital soviética e de enviados de todos os rincões de nossa Pátria, desde os lugares mais remotos, cruzam o humbral da Sala das Colunas para se despedir do seu chefe genial, de seu amigo e mestre sábio, Presidente do Conselho de Ministros da URSS e Secretário do Partido Comunista da União Soviética, o Camarada José Vissarionovich Stálin.

A sala das altas colunas, veste severa roupagem de luto. Crepes transparentes cobrem os grandes lustres que pendem entre as colunas de impressionante alvura e largos frisos vermelhos entremeados de luto e coroados pelos escudos das Repúblicas irmãs da nação Soviética, pendem das altas cúpulas da sala. Gigantesca bandeira vermelho-púrpura, recoberta de crepes, recobre o estrado onde se encontra a orquestra, que inunda a sala de tristes e contínuas melodias. No centro da sala à sombra das bandeiras sobre um alto catafalco coberto de flores naturais, entre coroas e palmas verdes, repousa no féretro forrado de seda vermelha aquêla que pelo nome designávamos a nossa felicidade, a nossa alegria e nossa grande época de beleza incomparável: repousa o camarada Stálin.

Jaz no féretro, a alguns passos do Kremlin, onde em seu posto de comando histórico viveu três decênios e meio de atividade fecunda e gloriosa.

O uniforme de Generalíssimo e a seda vermelha que cobre o féretro fazem ressaltar a palidez nívea daquele rosto tão familiar, tão infinitamente nosso. Um cinzento claro como das primeiras neves de outono desenha-se sobre o bigode e os cabelos levemente ondulados. Sob o frio da morte as pálpebras ocultam o olhar que tão longe havia penetrado no futuro. As mãos fortes de chefe e de soldado, mãos que nunca tremaram ao segurar o timão da história hu-

mana, permanecem imóveis no último repouso.

Amado e querido para sempre na vida das gerações atuais e vindouras, jaz na imobilidade tão alheia a êle, trabalhador sempre infatigável, sempre preocupado conosco, preocupado com a humanidade inteira. Quantas atenções, inquietudes, dores e alegrias dos homens do trabalho cabiam naquele coração a cujas batidas eram sensíveis os ouvidos de milhões de trabalhadores de Moscú e de Leningrado, dos Urais e da Sibéria, do Volga e do Dnieper, do Amur e do Curá, do Yant-sé e do Tuminstsian, do Vístula e do Danúbio, do Tíssa e do Maritissa...

Soam as melodias fúnebres da orquestra, passam e passam em duas torrentes inesgotáveis filas de homens e mulheres, de velhos, de moços e de mães com seus filhos nos braços. Nos olhos de todos, olhos em que apontam lágrimas de dor, incontidas, voltam-se para êle, pai, sábio solícito que dedicou quase seis decênios de vida a seu povo e à humanidade com a largueza incomensurável de seu gênio luminoso.

Passam e passam os construtores que abriram novas rotas à história, os exploradores da grande felicidade humana.

Na guarda de honra, junto ao féretro do camarada Stálin, estão os membros do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e do Governo; camaradas Malenkov, Béria, Molotov, Voroshilov, Krushev, Bulganin, Kaganovich e Mikoyan.

Com sentimento de orgulhoso respeito olham os homens soviéticos os gloriosos companheiros de armas do grande chefe que montam guarda ao féretro de seu genial educador.

A frente do Partido e do Estado encontram-se companheiros de armas e discípulos fiéis do companheiro Stálin que assegurarão a aplicação consequente da política do Estado Soviético, elaborada pelo Partido, programa de construção do comunismo.

Nosso chefe amado colocou em suas mãos fiéis, temperadas em trabalhos titânicos, a bandeira de combate das idéias luminosas de Lenin e de Stálin. Em seus corações valorosos infundiu o sentido de responsabilidade pela sorte do povo, pela obra grandiosa do comunismo. Passam e passam os homens soviéticos e fitam os olhos dos companheiros de armas do companheiro Stálin e lêem em seus olhos uma segurança profunda e diáfana: será terminado tudo quanto foi deixado sem construir pelo sábio arquiteto; será erguido e multiplicado tudo quanto o grande arquiteto projetou. E não há força na terra capaz de deter nossa marcha vitoriosa para o comunismo.

Música. Rumor de passos...

Passam os homens soviéticos, homens simples aos quais o gênio dos grandes mestres, de Lenin e Stálin, fez criadores da história.

Passam, com suas cabeças brancas, os veteranos do trabalho e das grandiosas batalhas da Revolução. Cabe-lhes a grande felicidade de ser, na medida de suas forças, auxiliares de Lenin e de Stálin na construção da alegria humana sobre a terra e nos anos heróicos e difíceis da luta clandestina, e nos dias gloriosos do assalto de Outubro. Stálin temperou e deu asas aos seus corações jovens, a seus cérebros sequiosos de saber e desconhecedor de barreiras nas jornadas de trabalho, da construção do socialismo e no fogo das batalhas titânicas da Grande Guerra Pátria.

Passam as mulheres soviéticas: nossas mães, nossas esposas, nossas irmãs. Levam em seus corações a imagem daquele que com o seu trabalho gigantesco elevou em nosso país a mulher à altura da nobre tarefa da construção do mundo novo; a imagem de quem deu uma infância feliz e ensolarada a seus filhos, a suas filhas e a seus netos.

Passam nossos maravilhosos jovens. O gênio de Stálin deu a seu destino fortes asas de águia, abriu diante deles as alegrias da vida na terra, a felicidade ativa da luta pelo amanhã comunista.

Passam os defensores do nosso trabalho pacífico, nossos soldados titãs, nossos marinheiros intrépidos, nossos pilotos falcões. Sua imortal glória guerreira foi afirmada para séculos pelo gênio do maior dos capitães da história.

Passam nossos amigos, nossos irmãos do estrangeiro. Stálin é para eles a rota do socialismo, de um porvir grande e feliz para o povo. Stálin encarna para eles a fé dos povos na causa sagrada da luta pela paz.

Música. Rumor de passos...

Os homens soviéticos levam em seus temperados corações dor e luto, esperança e fé no futuro. E com seu luto, e com sua dor, e com seu amor vivo e ardente, oferecem à clara memória do chefe imortal, juramento de fidelidade eterna ao glorioso Partido que Stálin educou e temperou, ao Comité Central do Partido, ao inexpugnável Governo Soviético.

E nos corações fiéis dos patriotas soviéticos ressoam as palavras da mensagem do Partido e do Governo ao povo:

*"O nome imortal de Stálin viverá sempre no coração do povo soviético e de toda a humanidade progressista."*

(Publicado no "Pravda", de 7 de março de 1953)

# O Amigo dos Escritores Soviéticos

(Trecho da conferência "O Homem do Comunismo")

## Jean RICHARD BLOCH

Em 1941, quando cheguei à U.R.S.S., poucos sinais revelavam ainda o surdo e potente trabalho que se levava a cabo no seio da massa francesa. Já disse em qualquer parte como o escritor soviético Ilya Ehrenburg lutava por meio da pena, da palavra, por meio de sua influência e seu prestígio pessoais contra a corrente de decepção e de dúvida que afogava o renome de nosso país. Desde a queda de Paris, ele tinha concebido, no auge da dor, o romance a que daria por título essa tragédia: ao regressar à U.R.S.S. (Fins do verão de 1940), entregou-se ao trabalho.

A primeira parte do romance havia aparecido na revista do Exército Vermelho, o *Estandarte*, em começos de 1941, com um notável sucesso. É sabido que aí descreve ele a maneira como a quinta coluna carcomeu o arcabouço de nosso país e preparou tudo para a "divina surpresa" de seu desabamento.

A segunda parte do livro ainda estava por ser escrita e o autor se defrontava a não poucos embaraços. Precisava pôr em cena (e em causa) os alemães. Os alemães haviam assinado com a U.R.S.S. o famoso acôrdo de boa vizinhança de 1939, e as autoridades soviéticas, apressando os preparativos para suportar o choque por elas previsto, tinham todo o cuidado de não dar o menor pretexto a que seu arisco vizinho precipitasse a hora de uma agressão inevitável, mas que desejavam fosse o mais tardia possível. Era provável que a censura militar não deixasse passar a segunda e espinhosa parte do romance.

Foi então quando, uma noite (como todos os habitantes dos países de longos e negros invernos, o russo é naturalmente notívago), Ehrenburg foi chamado ao telefone. Ele às vezes se mostra malumorado ao primeiro contato, o nosso Ilya. Sucede que, essa noite, entendeu mal o nome do interlocutor e irritou-se. Então a outra voz respondeu, muito calma — "Vamos, camarada Ilya Eherenburg, não se enerve. Aqui fala o camarada Stálin."

Assim se entabola o surpreendente diálogo entre o chefe de Estado e o escritor. Ainda que rebente de despeito a propaganda vichista, que apresentava Ilya Ehrenburg como o conselheiro secreto da política soviética, gozando da intimidade do Kremlin, Ehrenburg nunca se havia encontrado com Stálin. O tom do interlocutor o pôs logo à vontade. Que lhe disse ele? — "Li com grande prazer a primeira parte de seu romance. É interessantíssimo e muito útil. Diga-me que é feito depois dos personagens, de Annete..., de Viard..., de Tessat..., de Lucien..., de Michaud... etc?"

Sua curiosidade era precisa e exigente. Depois de satisfazê-la, perguntou ao romancista: — E a continuação, será que a vamos ler em breve? Ao que ele respondeu: — Há uma dificuldade. A continuação põe em causa o

exército alemão, nem sempre com vantagem para ele, não sei se...

... — E então? Que é que há nisso que o possa embaraçar? Vamos, vamos! Escreva e publique como entender. E se tiver necessidade de documentos para uma ajuda em seu trabalho, peça-os a mim. A propósito: conhece tais e tais livros, que acabam de aparecer? Vou lhe mandar leva-los, etc.

É desnecessário dizer que essa conversa, conhecida em Moscou no dia seguinte, pôs abaixo todos os obstáculos à publicação da parte final do romance e assegurou definitivamente o prestígio do autor, a quem certas pessoas procuravam reprovar as longas ausências no estrangeiro e seu gosto altamente, agressivamente manifestado em relação à literatura e à arte francesas.

E já que estamos neste capítulo de relações pessoais e humanas entre o chefe de Estado, o secretário geral do Partido Comunista, o generalíssimo dos exércitos e certos escritores, certos artistas, eis aqui outros fatos, desconhecidos na França, e que revelam novos aspectos, provavelmente inesperados para muitos, dessa possante personalidade.

Numerosos leitores terão lido certamente esse belo romance que se chama "A Tomada de Velikuchumsk". Seu autor, Leonid Leonov, que possui já uma obra importante, escreveu entre outras coisas um drama, "A Invasão". É um drama sobre a ocupação. Obteve um grande êxito na U.R.S.S., em 1944, e foi representado em Paris em 1945.

Uma das cenas patéticas da peça se passa no momento em que, irrompendo os alemães na região, o filho de uma família surge em casa sem ser esperado. Anteriormente condenado a uma pena de prisão por crime passional, ele acaba de ser libertado e chega ao lar paterno ao mesmo tempo, ou quase, que os invasores.

Sua família o recebe com uma frieza, uma prudência que espantam em tais circunstâncias. Numerosos espectadores franceses e soviéticos acharam chocante e desagradável o acolhimento glacial da mãe. Porque, afinal, no instante em que o inimigo devasta a região, em que os homens em idade militar se acham em perigo, como poderia uma mãe negar-se a receber, a alimentar, a acomodar, a ocultar, a proteger seu filho, ainda mesmo que um acesso de paixão, outrora, pudesse tê-lo conduzido ao crime?

Pois bem. É que na versão original não se tratava de um crime passional. O filho não era um condenado de direito comum, mas um condenado político. Tinha participado de um complot contra o regime, contra a pátria. E vendo-o surgir em tal momento, libertado da prisão, seus parentes, sua mãe, podem temer que essa liberdade esteja em relação secreta com a che-

gada do inimigo. Daí a desconfiança de toda a família, a reserva de sua mãe, de sua irmã, seu pouco entusiasmo pelo hóspede.

Na versão original, o passado do filho punha em causa seus sentimentos nacionais e o espectador podia indagar — como a mãe — se ele não faria parte dum quinta coluna. Na versão representada, o filho aparece como delinquente de um crime estranho à ação, não relacionado com o enredo da "A Invasão" e que, nas circunstâncias históricas do drama, não devia inquietar nem a sua família nem ao espectador.

Que se passou entre a versão original e a versão representada?

Simplesmente isto: como todos os aliados em guerra, a U.R.S.S. possuía uma censura que não era mais fina do que a de seus primos "ocidentais". Os censores soviéticos pediram a Leonov que transformasse a natureza do crime cometido por seu herói. Leonov pensou que devia se inclinar, e a peça entrou em ensaios.

A medida que os ensaios se sucediam, o homem de teatro que é Leonov percebeu o mal-estar provocado por essa modificação imprudentemente aceita no silêncio do gabinete mas que, à luz da ribalta, adquiria todo um outro valor.

Leonov resolveu-se, um pouco tardiamente, a telefonar a Stálin. Vários precedentes o encorajavam. Stálin ouviu toda a história em detalhe (os interlocutores de Stálin observam habitualmente que ele jamais demonstra estar apressado, sempre tem o tempo necessário para ouvir e jamais se poderia supor que esse ouvinte paciente tivesse tantas responsabilidades) e lhe disse: — Pois bem, camarada Leonov, envie-me sua peça, prometo lê-la e dar-lha minha opinião. Era um dos mais angustiosos momentos da guerra. A resposta tardou um pouco a chegar. Veiu na forma tradicional, a mesma do telefonema a Ehrenburg, o chamado telefônico em meio da noite, e, ao extremo oposto do fio, a voz calma do camarada Stálin:

— Li sua peça, camarada Leonov; é uma bela e grande obra. Agradeço-lhe que a haja escrito; ela me encorajou e ajudou a vencer pesadas e penosas dificuldades. Desejo que seja representada tal qual a li. Não lhe altere nada, e boa sorte.

Infelizmente, nesse intervalo, os ensaios se sucediam, a peça estava prestes a ser levada à cena. "A Invasão" foi representada, apesar do desejo de Stálin, no texto modificado.

Isso me traz à memória um episódio desconcertante, que data dos anos anteriores à guerra. Foi durante o auge dessa depuração que se seguiu ao assassinato de Kirov. A essa época, um escritor de qualidade respeitável estava comprometido na conspiração cujo fio acabava de ser descoberto. Cartas imprudentes, declarações públicas bastan-

fundamentos

te violentas... Não tardou a que esse escritor fosse processado e condenado a algum tempo de residência forçada numa cidade de província distante de Moscou. Essa medida havia emocionado a numerosos escritores da Capital, que consideraram seu colega incapaz de uma ação má e quando muito culpável de tagarelices inconsequentes.

Suas recriminações, seus protestos tinham sido bastante vivos e bastante rumorosos. Entre parenteses, esse ponto espantará sem dúvida a muitos de meus leitores, que imaginam, sem razão, ser a U.R.S.S. o país do silêncio. Posso testemunhar que ali todos se manifestam a respeito dos negócios públicos com muito calor e por vezes com muita vivacidade. O fato é que, certa noite, sempre à hora dos grandes telefonemas na Rússia, isto é, cerca das duas horas da madrugada, um escritor de primeira fila, cujo nome não men-

cionarei, foi chamado ao telefone. Surpresa! É Stálin que diz ao extremo do fio: — Camarada Fulano, meus cumprimentos. Aproveito um momento de folga para vir conversar com você.

Após algumas perguntas sobre os trabalhos desse escritor, o que ele tem em preparo, se suas condições de vida são boas, etc... De repente, uma interrogação direta:

— A propósito, camarada Fulano, chegou a meu conhecimento que a medida tomada contra seu colega X... não tem a aprovação de um grande número de escritores e que você particularmente a considera um erro judiciário. Essa opinião, partindo de você, despertou fortemente minha atenção e desejo, para tomar uma decisão, ouvi-lo a respeito. Se você é fiador da inocência de seu colega, verei a possibilidade de uma revisão do processo.

Todo mundo sabe que as qualidades

de caráter nem sempre estão na medida do talento.

— Assim interpelado, o escritor perdeu o sangue frio, sentiu desvanecer-se sua coragem e só pôde balbuciar:

... — Mas, camarada Stálin, eu não sei nada, não, não posso dizer nada, etc...

Do outro lado, um pesado silêncio ao telefone; depois, a voz severa de Stálin:

— Lamento, camarada Fulano, verificar que você não é tão bom amigo quanto bom escritor.

E já que estamos no período de antes da guerra, eis aqui alguns outros traços que nos ajudarão a desenhar com mais precisão a figura do homem excepcional que procuro tornar conhecida.

Meus leitores não desconhecem o nome do grande poeta russo Pasternak. Pasternak é o que se chama um poeta "difícil". Isto é, sua obra não deixou de sofrer a influência de nosso Mallarmé e nosso Valéry. Poesia tensa, exigente, voluntariamente cerebral, embora se origine de uma sensibilidade poderosa. A essa época e até a guerra, os grandes jornais publicavam na primeira página, todos os dias, um poema, e todos os poetas de um certo renome eram chamados a essa colaboração cotidiana em que se marca fortemente a vontade de difusão da cultura que é uma das maiores preocupações dos dirigentes soviéticos. Ora, uma noite, segundo o costume, Pasternak é chamado ao telefone por Stálin, a quem não conhecia pessoalmente. Depois de diferentes perguntas análogas às que já relatei a propósito de outros escritores, Stálin pergunta:

— Camarada Pasternak, não escreve mais poemas?

— Escrevo, camarada Stálin, como sempre.

— Porque motivo, então, há muito tempo não vejo nenhum dos nossos jornais?

— É que as redações, camarada Stálin, acham meus poemas tão pouco populares que supõem sejam de leitura muito difícil para o grande público. Por isso deixaram de pedi-los.

Responde Stálin:

— Eu não penso assim, camarada Pasternak. Não estou inteiramente de acordo com a sua poética e o seu estilo, mas nem por isso estou menos convencido de que você é dos melhores poetas e não quero que nosso público se veja privado da possibilidade de lê-lo e formar sua opinião.

Foram dadas ordens em virtude disso, e os dois jornais que dependem um do Comitê Central do Partido bolchevique, o outro do Conselho de Comissários do Povo, isto é, a Pravda e Izvestia, começaram a publicar os poemas de Pasternak.

## «EU VI A GUERRA BACTERIOLOGICA»

do prof. Samuel Pessôa

FUNDAMENTOS teve o privilégio de publicar em primeira mão, em todo o país, um impressionante depoimento do Prof. Samuel Pessôa sobre a guerra bacteriológica na Coreia. Desencadeada pelas forças militares norte-americanas contra o povo da Coreia do Norte, esse crime de inaudita brutalidade constitui mancha indelével na história, já de si monstruosa, das guerras imperialistas. Investido da dupla responsabilidade de autoridade mundial em parasitologia médica e membro da comissão internacional encarregada de investigar os fatos, o Prof. Pessôa desempenhou papel relevante nos trabalhos da comissão, prestando assim assinalado serviço à causa da paz. O histórico relatório dessa comissão internacional em que serviu o Prof. Pessôa causou profunda impressão em todo o mundo e reforçou consideravelmente a exigência de paz dos povos, exigência que para gáudio de todos os homens honestos, concretiza-se agora com o armistício de Pan Mun Jon.

Com esta nova contribuição à causa da paz, o nome de Samuel Pessôa se alça à categoria de bem feitor da humanidade no sentido mais alto da expressão, pois que ali ele já figura na qualidade de cientista de méritos excepcionais. De fato, os seus trabalhos científicos de grande importância, a criação de uma brilhante escola nacional de parasitologia médica, de há muito já haviam transposto para o plano internacional a merecida projeção de seu nome no cenário nacional. Abstraindo as centenas de trabalhos e comunicações científicas que levam o seu prestigioso nome, bastariam os dois grandes tratados que escreveu, a "Parasitologia" e os "Problemas Brasileiros de Higiene Rural", para situar o Prof. Pessôa entre os maiores cientistas brasileiros. Mas não é só. O Prof. Pessôa se recomenda também à admiração de seus concidadãos pela sua fibra de patriota inflexível no zelo pela independência e o progresso de nossa terra, nunca deixando de emprestar o prestígio de seu nome e o brilho de sua inteligência às lutas de nosso povo pela libertação nacional.

Tôdas estas considerações nos vêm à memória ao termos de apresentar ao Prof. Pessôa as nossas excusas pelo lapso lamentável de nossa secretaria fazendo publicar incompleto o seu "Eu vi a guerra bacteriológica", saído em FUNDAMENTOS, n.º 32.

Apressamo-nos em publicar o trecho faltante, numa reparação não só a nosso eminente colaborador como a nossos leitores que agora poderão apreciar em sua inteireza o documento valiosíssimo que é o testemunho do Prof. Samuel Pessôa sobre a guerra bacteriológica desencadeada pelos americanos na Coreia.

A direção

— É o seguinte o trecho que deixou de ser publicado no artigo citado do cientista brasileiro Prof. Samuel B. Pessôa.

— É para mim particularmente doloroso, em minha qualidade de biólogo, ver a grande ciência de Pasteur desonrada e desvirtuada de sua nobre finalidade. Minha consciência de homem que vive para a Ciência me impõe o dever de confessar-vos que estou profundamente convencido de que o exército dos Estados Unidos utilizou a arma bacteriológica na Coreia e no Nordeste da China. A bacteriologia criada para salvar a vida dos homens e dos animais é utilizada para o extermínio em massa. É a própria existência do gênero humano que está ameaçada.

Que o horror da guerra bacteriológica sirva de incentivo ainda maior a todos os homens dignos deste nome para que os criminosos inimigos do gênero humano sejam desarmados".

# NOSSA DOR E NOSSA CONFIANÇA

PEDRO MOTA LIMA

**BUENO AIRES** (por via aérea) — O céu está tranquilo, as águas do Prata correm mansas, nem uma folha se move na arborização da Avenida Costanera, sob esta canícula de março. A procela não sacode a paisagem em soluços. Não há trevas, não há luto em nuvens adensadas, não há caudais de pranto, em bategas fortes. A terra não se comove, os sismógrafos nada acusam. Assim estão nesta hora os elementos cegos e inconscientes.

No entanto, a humanidade foi atingida por tremenda catástrofe. Milhões de homens choram lágrimas ardentes, os proletários de todos os países estão unidos e desta vez ao peso de uma dor imensa.

Stálin morreu.

Palmilho de novo ruas extensas. No mesmo passo solitário que me recorda vida semelhante, a do exílio de há quinze anos, nesta mesma grande cidade.

Depois da ansiedade destes dias, velando à distância, encontramos assim em face da fatalidade temida. E tenho de seguir andando pelas ruas que já não sei onde me levam, sem poder externar tão doloroso sentimento.

Se ao menos pudesse abraçar a velhinha que a meu lado começou a chorar, recebendo com mão trêmula o jornal oferecido pelo gazeteiro... Ah! não posso erguer e beijar a criança que balbucia para a jovem mãe aflita, perguntando em sua inocência se ele morreu mesmo. Não tenho o direito de trocar uma palavra de mutuo conforto com o operário que se sentou junto a mim no bonde, apertando os maxilares, olhos congestionados, o pensamento longe.

— Que desgraça, camarada! Talvez meu coração desafogasse um pouco se lhe pudesse falar assim. Talvez me acalmasse para refletir, em meio à amargura de toda a vida, sobre a solidéz e a imortalidade da obra de Stálin.

Nos dias patéticos de 1941, após o golpe traiçoeiro de 22 de junho parei muitas vezes defronte ao "placard" dos jornais, aí na Diagonal Norte, na Calle Florida, na Avenida de Mayo. Em meu ser penetrava como um punhal aquela ponta de lança de barbárie avançando pelo mapa da URSS. Podeis imaginar? Eram para mim o amor de toda uma existência, os sonhos, a esperança, a nobreza de uma filosofia, a justeza de nossa luta. Nunca admiti que viesse a sucumbir a nossa amada União Soviética. Não temi, jamais, o desmoronar da grande Revolução de Outubro, depois de tantas provas de vitalidade, na bravura de seus combatentes, na sobedoria de seus construtores.

Um dos motivos fundamentais dessa confiança era a existência do camarada Stálin, encarnação do poder e de sua teoria e de seu método de ação, o marxismo-leninismo-stalinismo.

Recordo mais recuados anos. A angustia que nos produziu a morte de Lênin. Era a mais alta paixão de nossa juventude. Era uma garantia. Sua morte nos deixou em suspenso, homens de todas as raças no mundo inteiro choramos a enorme perda. Também naquele tempo os abutres da

reação se alvoroçaram em festa. Prediziam o desmoronamento, por eles tão desejado sempre, de uma sociedade baseada na ignidade humana, que eles desconhecem ou aviltam, na justiça, a que desservem, na fraternidade numana de que seu peito anda vazio. E não tardaram os botes das viboras, que a mesma vontade contra-revolucionária movia dentro da URSS. Romperam os dentes contra o cerne do invencível partido bolchevique.

Temos difíceis, aqueles. Tempos de definições, de clarificação, de seleção, joeirando-se o campo revolucionário no mundo inteiro, formando-se os núcleos centrais dos partidos leninistas, vigilantes na defesa de sua unidade de pensamento e ação, inamoldáveis, incorruptíveis, duros e ageis como a lamina do mais puro aço.

Essa tèmpera, a tèmpera dos comunistas da URSS, nossos mestres queridos, a tèmpera dos comunistas chineses, dos comunistas de todos os países, era obra de Stálin, que tomara em suas sábias e puras mãos a bandeira de Lênin.

Ter sido contemporâneo de Stálin, ter acompanhado a sua resplandecente trajetória, ter seguido, ainda que na pobreza de nossas condições, tão geniais ensinamentos, ter vivido suas lutas e suas glórias, as lutas e as glórias de Lênin, de Marx e Engels em nossa época, lutas e glórias do mais alto e mais belo movimento que a história registra, constitui um privilégio que os posterios nos invejarão.

E como aceitar de repente, a realidade medonha?

Leio numa correspondência de Moscou o que dizia aquela operária na fila de vinte quilômetros de extensão, passo a passo sobre a neve, até chegar à sala das colunas no Palácio dos Sindicatos:

"Como imaginar o Volga sem água, o dia sem luz, a União Soviética sem o camarada Stálin?"

## UMA CULTURA NACIONAL PELA FORMA

José STALIN

Já disse que é preciso elevar a cultura nacional das repúblicas soviéticas do Oriente. Mas que é cultura nacional? Como conciliá-la com a cultura proletária? Lenine não dissera antes da guerra que há duas culturas, uma cultura burguesa e uma cultura socialista, que a palavra de ordem de cultura nacional era uma palavra de ordem reacionária da burguesia, que se esforçava para intoxicar de nacionalismo a consciência dos trabalhadores? Como conciliar o desenvolvimento da cultura nacional, o desenvolvimento de escolas e de cursos em língua materna e a elaboração de quadros recrutados entre a população local, com a edificação da cultura proletária? Não há aí uma contradição irreductível? De modo nenhum! Esforçemo-nos para realizar uma cultura proletária. Isso é um fato incontestável. Mas é igualmente incontestável que a cultura proletária, socialista pelo conteúdo, reveste formas e meios de expressão diferentes segundo os povos participantes da construção socialista, segundo sua língua, seus hábitos, etc. Proletária pelo conteúdo, nacional pe-

Não podemos realmente pensar em nosso mundo, em nossa época, sem a presença daquele que melhor os representou e defendeu.

Mas êle nos ensinou como reage um comunista diante de tamanho infortúnio. Porque ninguém terá conhecido dor maior que a sua ao ver Lênin morto. Acodem-nos à memória as palavras de seu juramento, os grandes quadros que êle formou, os dirigentes do P. C. U. S., os dirigentes do Estado Socialista, centenas de milhares de dirigentes dos diversos setores da vida política, económica e cultural soviética, repetem agora igual juramento. E assim, por intermédio dêles, Stálin continuará vivendo. O marxismo-leninismo-stalinismo iluminará para sempre, através dos séculos, a marcha da sociedade humana, recém-saida, graças a êle, da caverna da opressão feudal-capitalista, da exploração do homem pelo homem.

A emoção nos domina, ao pensar que as últimas palavras ditas em público pelo camarada Stálin, na solenidade do encerramento do XIX Congresso, foram dirigidas a nós, comunistas dos países ainda não libertados do jugo imperialista. Em sua derradeira lição, ensinava-nos mais uma vez a amar nossa pátria, dava o justo sentido ao nosso dever de solidariedade para com a política de paz da União Soviética, que é o sentido da defesa, antes de tudo, de nosso próprio povo.

Seu último pensamento, o remate de sua obra escrita e publicada em vida, foi para nós. Cresce ainda mais a nossa responsabilidade. Não esqueceremos sua lição e ao mesmo tempo o seu apêlo, àqueles que temos de fechar com o mesmo animo e a mesma segurança, o ciclo aberto pelo glorioso partido de Lênin e Stálin.

Nossa dor filial não se atenua. Mas ante a certeza de que a União Soviética, baluarte da paz e da libertação nacional e social dos povos, continua em mãos firmes, nas mãos de uma estirpe de dirigentes stalinianos trabalhamos e lutamos com o mesmo ardor e a mesma esperança. Aprendendo com os nossos irmãos e amigos. Ouvindo seus conselhos. Confiando em sua ação.

la forma, tal é a cultura geral à qual tende o socialismo. A cultura proletária, longe de impedir a cultura nacional, dá-lhe, pelo contrário, um conteúdo. E, inversamente, a cultura nacional, longe de impedir a cultura proletária, dá-lhe uma forma. A palavra de ordem de cultura nacional foi uma palavra de ordem burguesa enquanto a burguesia deteve o poder, enquanto a consolidação das nações se efetuou sob a égide do regime burguês. Essa palavra de ordem tornou-se uma palavra de ordem proletária desde quando o proletariado tomou o poder e quando a consolidação das nações se efetuou sob a égide do poder soviético. Aquele que não compreendeu essa diferença essencial das duas situações, não compreenderá nunca o leninismo nem a essência da questão nacional tal como se apresenta sob o ângulo do leninismo.

(Trecho de um discurso pronunciado na Assembléa de estudantes da Universidade Comunista dos Trabalhadores do Oriente, a 18 de maio de 1925.)

# SILVIO ROMERO, FOLCLORISTA

## ASTROGILDO PEREIRA

Silvio Romero interessou-se, desde cedo, pelos estudos folclóricos. Seus livros Cantos Populares do Brasil e Contos Populares do Brasil foram publicados, respectivamente, em 1882 e 1883, mas já se achavam prontos desde 1876. O material neles contido foi quase todo colhido diretamente, em Pernambuco, Sergipe, E. do Rio e ainda, em menor quantidade, na Bahia e Alagoas. Em 1879-1880 escreveu Silvio Romero os Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil, divulgados em revistas do tempo e editados sob forma de livro em 1888.

Neste último volume declara o autor que pretendia apenas, de início, "fazer uns apanhados de cantos e contos de nosso povo, como base para uma refutação ao escrito de José de Alencar — "O Nosso Cancioneiro..." Mas a colheita excedeu em muito o seu intento, fornecendo-lhe matéria para vários volumes de ordem mais geral; e o que vinha a ser mais importante, permitiu-lhe proceder a uma avaliação mais ampla e menos pessimista acerca do que realmente representava a poesia popular brasileira. Concluiu, então:

"Nós possuímos uma poesia popular especificamente brasileira, que, se não se presta a bordaduras de sublimidades dos românticos, tem contudo enorme interesse para a ciência. Um estudo mais apurado e desprevenido trouxe-me, durante os últimos quatro anos, esta convicção. Minhas pesquisas foram até muito além de meu cálculo."

Nos capítulos de introdução à História da Literatura Brasileira, em que expõe a sua opinião sobre os fatores da nossa literatura, há um dedicado às tradições populares, aos cantos e contos anônimos, no qual resume o que já dissera no volume dos Estudos sobre a Poesia Popular. Anos mais tarde, em 1910 a 1912, fez publicar, na Revista da Academia Brasileira de Letras, as Novas Contribuições para o Estudo do Folclore Brasileiro.

Estes dados e datas nos mostram que o folclore constituiu uma preocupação permanente de Silvio Romero, que nele buscava importantes elementos de compreensão para os seus estudos de literatura, história e sociologia.

— o o o —

Antes de Silvio Romero, muito pouca gente entre nós se havia interessado por semelhantes pesquisas: um Couto de Magalhães, um Celso de Magalhães, um José de Alencar; mas todos esses autores trataram do assunto limitadamente, encarando-o sob tal ou qual aspecto particular. Os trabalhos de Silvio Romero constituem, na realidade, por sua extensão, e seu caráter geral, a primeira obra séria que se publicou no Brasil sobre o assunto. Nem é demais acrescentar que, sob certos aspectos, não foi ainda superada até os dias de hoje.

Silvio Romero foi, no seu tempo, um folclorista completo: como pesquisador e coletor de material e como analista e interprete do material recolhido — e tudo isso obedecendo a um critério científico determinado. Seu livro sobre a poesia popular permanece, ao lado das coletâneas que organizou e sugestões, sempre interessantes, sobre o folclore e sua importância no conjunto de fatores que entram na formação e desenvolvimento da cultura nacional. Este mérito não lhe pode ser negado, quaisquer que sejam as deficiências e limitações de ordem doutrinária ou metodológica que possamos arrogar-lhe presentemente.

E o que mais importa considerar, neste ponto, é que o pensamento condutor de Silvio Romero na elaboração da sua obra de folclorista (e também da sua obra de historiador da nossa literatura geral) é ainda hoje válido, aparecendo-nos mesmo como surpreendente afirmação de um critério realmente avançado e progressista. Em artigo datado de 1883, quando já havia redigido os volumes consagrados ao folclore, definiu Silvio Romero o seu ponto de vista a este respeito, mostrando justamente o caráter popular, plebeu das primeiras manifestações da nossa literatura, desde o primeiro século da descoberta. E o que importa ainda mais — reconhecendo nesse "plebeísmo" literário o reflexo "da divergência moral e social estabelecida entre aqueles que eram na colônia chamados a representar os elementos estacionários, conservadores, improdutivos do pensamento, e aqueles que por índole e posição simbolizavam o momento móbil e progressivo." Tal "divergência", que era a manifestação, nas condições da época, de uma luta de classes travada em solo brasileiro desde o primeiro momento da colonização, é que marca a origem do nosso folclore — e se reflete também, necessariamente, em todo o desenvolvimento ulterior da cultura brasileira. A opinião de Silvio Romero é categórica:

fundamentos

"Não temos poetas e escritores do primeiro século em que possamos mostrar a luta; mas, possuímos coisa melhor; porque restam-nos os contos e canções populares, muitos deles elaborados naquela época. — Ao passo que os grandes do tempo, os políticos de ocasião, lançavam olhares ávidos para o país, considerado uma enorme presa, e na febre do ganho impunham à inteligência a higiene de não pensar, os desabusados, os espíritos irrequietos, que todos deveriam ser pobres diabos desprezados pelas autoridades, experimentavam a tentação satânica de sentir e sonhar, e assim foi elaborada a efloração esplêndida de nosso lirismo anônimo, a que se vieram juntar as notas das três raças. — Não eram os donatários, os governadores, os bispos, os jesuítas, os provinciais das ordens religiosas, que se davam ao trabalho desonroso de poetar. Eram as classes plebéias, os pequenos, os colonos. Este fato não vem nos livros, mas a apreciação do que ainda hoje passa-se à nossa vista impõe-nos essa indução."

Foi assim, ao estudar os elementos "plebeus" da formação da literatura brasileira, que Silvio Romero pôde, antes e melhor que ninguém, compreender porque foi realmente grande o nosso primeiro poeta erudito — Gregório de Matos, "a mais nítida encarnação do espírito popular brasileiro no século XVI."

"A obra começada pela poesia anônima — acrescentava — tem nesse homem de gênio um representante audacíssimo."

Audacíssimo, é claro, precisamente porque era uma encarnação viva do espírito popular em divergência inconciliável, em luta mais ou menos aberta contra os senhores da época.

Mas Silvio Romero não se limitou a descobrir e marcar, com singular clarividência, as origens e a significação do nosso folclore como reflexo imediato das lutas populares — das lutas de classe é que se desenrolavam na sociedade colonial desde os primeiros tempos. Ele vai além e dá-nos uma explicação, que ainda hoje podemos aceitar como bastante razoável, do processo de desenvolvimento histórico dos elementos populares e progressistas da cultura brasileira. Eis o que ele escreveu, neste particular, no volume dos Estudos sobre a Poesia Popular:

"O europeu foi concorrente mais robusto por sua cultura e o que deixou mais tradições. No século XVI, pois, por uma lei de evolução que dá em resultado antecederem as formas simples às mais compostas, as canções e contos populares das três raças ainda corriam desagregadas, diferenciadas. Nos séculos seguintes, sobretudo no XVIII e XIX, é que se foram cruzando e amalgamando para integrar-se à parte, produzindo o corpo de tradições do povo brasileiro. Nós ainda hoje assistimos a este processo de integração. — No século XVII o fato já se ia dando e pode ser avaliado pelo estudo de Gregório de Matos. A crítica miope de nossos retóricos fez deste poeta um renegado, corrupto, sem préstimo algum. Entretanto, Gregório é o documento por onde podemos apreciar as primeiras modificações que a língua portuguesa sofreu na América."

Seria apenas necessário esclarecer que não se tratava, no caso, de modificações na estrutura da língua, mas do aparecimento dos primeiros germes da maneira brasileira de se exprimir, já então começando a diferenciar-se da maneira portuguesa, se bem que dentro da mesma unidade básica da língua.

Dentro ainda do mesmo critério evolucionista — e darwinista — que fez avançar as suas pesquisas históricas e literárias até um ponto não ultrapassado depois dele por nenhum dos historiadores da nossa literatura, Silvio Romero encara a produção folclórica com um fato vivo, sujeito, portanto, às leis inelutáveis do desenvolvimento histórico. Este pensamento fundamental está expresso em termos inequívocos na sua apreciação crítica da teoria da "inerrância popular" que Celso de Magalhães parecia perflhar. Copiemos as suas palavras:

"O maranhense (Celso de Magalhães) parecia supor que, uma vez formado o romance, tudo quanto se lhe juntasse posteriormente era um deturpamento. Entendemos por outro modo; reconhecemos no povo a força de produzir e o direito de transformar a sua poesia e os seus contos."

Esta opinião de Silvio Romero assume enorme importância, quando sabemos que depois dele a maior parte dos estudiosos brasileiros do folclore se deixou levar por "novas" teorias de alguns "mestres" europeus e americanos, que representavam o que havia de mais reacionário na ideologia burguesa correspondente à fase imperialista do capitalismo. O fato é que, excetuado um João Ribeiro e mais um ou outro estudioso mais ou menos eclético, quase sempre discípulo ou seguidor do próprio Silvio Romero, os nossos folcloristas não

só não realizaram nenhum avanço qualitativo nas suas obras de pesquisa e interpretação, mas retrocederam mesmo, em sua orientação metodológica e filosófica, comparativamente a Silvio Romero (1) Coisa idêntica, aliás, aconteceu a bem dizer por toda parte do mundo, até quando os modernos folcloristas soviéticos retornaram, num processo crítico de assimilação e superação, as concepções dos autores democráticos e revolucionários russos da década de 1860. E não podemos deixar de frisar aqui o fato de que Silvio Romero, guiado por sua intuição crítica, chegou a aproximar-se dessas concepções.

De resto, quanto mais mergulhamos no estudo das obras de Silvio Romero — sobretudo as de crítica e história da literatura — mais nos surpreendemos com certos rasgos da sua natural capacidade intuitiva e crítica. Nesse sentido, ele permanece, entre os nossos grandes escritores de qualquer tempo, como uma figura singular, não superada até hoje. Seu livro de Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil ofereceu não poucos exemplos do espírito crítico e da intuição que levaram o seu autor a perceber a verdadeira natureza de certos problemas até então inteiramente obscuros ou desprezados. Isto não quer dizer que estejamos cem por cento de acordo com os seus conceitos e formulações; mas devemos reconhecer o muito de verdade que ele soube exprimir com clareza, muito antes que qualquer escritor brasileiro.

Veja-se o que ele opinava, no livro citado, sobre o problema do negro, quando escrevia que "era uma vergonha para a ciência do Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas", de que possuíamos abundante material em nossa própria casa. Isso, do ponto de vista etnográfico; do ponto de vista histórico-sociológico, dizia o seguinte, referindo-se ao regime da escravidão introduzido no país pelo colonizador:

"O português, desconhecendo as leis e os fatos históricos, não compreendeu que poderia utilizar-se do índio e do negro mais vantajosamente por meio do colonato do que por intermédio do cativo. O resultado é que afugentou o índio e aviltou o negro. Nem ao menos compreendeu a profunda modificação sociológica operada na idade média: a passagem da escravidão para a servidão."

Como esse, outros problemas, direta ou indiretamente ligados ao tema central da sua obra de folclorista, eram abordados quase sempre de um ponto de vista novo para o tempo — novo e não raro fundamentalmente justo.

No que concerne às fontes políticas da produção folclórica brasileira, Silvio Romero observou que nenhuma pesquisa séria fora até então tentada entre nós, e no entanto o terreno lhe parecia fértil:

"Pelo que temos podido indagar, estamos certos de que os movimentos revoltosos, que são conhecidos na história com os nomes de guerra da Independência, é posteriormente a guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, a dos Cabanos e Balaios no Maranhão e Piauí, e a recente guerra do Paraguai, produziram uma certa corrente de composições populares. — Disto coligimos provas diretas, ainda que de pequeno valor. Parece-nos, porém, que resta fazer uma indagação particular relativa a alguns sucessos dos tempos coloniais. — A guerra dos Holandeses, a dos Mascates e a dos Palmares e especialmente as correrias dos Bandeirantes devem ter sido fonte de inspirações anônimas e tradicionais." (2)

Silvio Romero acolhe no seu livro uma comunicação de Araripe Junior, em que o crítico cearense faz a seguinte interessante observação:

"Junte-se às causas gerais a natureza da vida do vaqueiro, entresue durante o verão à indolência e durante o inverno a trabalhos quase invencíveis, e ter-se-á uma explicação cabal das alternativas de acento que se encontram em suas cantigas, ora lamentosas, ora fantasiosas, grotescas ou satíricas. Nos tempos de convulsões políticas a musa popular não foi insensível aos acontecimentos. As classes oprimidas tiveram ocasião de derramar a sua bilis contra corcundas e marinheiros, e fazer a apoteose dos vultos mais simpáticos, cuja força admiravam."

Esta comunicação, além da referência final às fontes políticas do folclore, apresenta igualmente as condições do trabalho em nossos sertões como origem e inspiração de muitas cantigas populares. Silvio Romero aborda também este aspecto do problema folclórico, citando, a propósito, o reforçando a opinião do romancista alemão G. Freytag:

"Outro ensejo para apreciar-se a evolução da poesia popular é observar o povo no seu trabalho. Estou com Gustavo Freytag, o célebre romancista alemão: "mais do que em suas superstições e festas, que são o seu lado excepcional, devemos estudar o povo no seu trabalho, que é

a sua face constante e normal."

Estava aí indicado o filão a ser explorado — filão não apenas rico e fecundo, mas também, evidentemente, o de maior importância para qualquer estudo aprofundado do fato folclórico. Infelizmente, o próprio Silvio limitou-se a fazer a indicação, e que eu saiba, nenhum garimpeiro apareceu ainda, em nosso meio, com suficiente compreensão e interesse para uma exploração sistemática de semelhante mina, que continua virgem, à espera de quem lhe queira desvendar as riquezas e belezas, destinadas, por sua mesma condição, a projetar intensa luz sobre as raízes mais profundas da cultura brasileira naquilo que ela possui de mais autêntico.

Pretendemos apenas salientar, nas notas acima, alguns dos tópicos que nos parecem de maior ou mais atual interesse na obra folclórica de Silvio Romero. Tentamos igualmente mostrar que os seus trabalhos dedicados ao assunto são de enorme importância não apenas do ponto de vista histórico ou meramente cronológico, mas sobretudo pela posição crítica e científica do autor, a mais avançada e progressista que um escritor brasileiro do seu tempo ocupou como historiador da nossa cultura e suas fontes populares. (3) Reconhecemos ainda, por outro lado, que Silvio Romero permanece, até hoje, como um pioneiro e realizador de grande mérito, em alguns casos seguido por outros estudiosos brasileiros, mas não ultrapassado por nenhum, nem sequer pelo mestre João Ribeiro, cuja contribuição foi, no entanto, sob certos aspectos, realmente considerável. Pensamos mesmo, conforme já deixamos dito, que houve entre nós depois de Silvio Romero, e apesar das aparências em contrário, um verdadeiro retrocesso qualitativo (metodológico e principalmente filosófico) na orientação da maior parte dos nossos folcloristas que o sucederam, sobretudo nestes últimos anos, sob as influências reacionárias do culturalismo histórico e da mistificação psicanalítica.

Uma conclusão, acertada a nosso ver, se deve tirar daí — a que nos indica a necessidade de se proceder a uma revisão histórica e crítica da matéria, naturalmente incluindo-se também a obra de Silvio Romero, mas concentrando-se o fogo sobre toda a sorte de produtos deformados, mistificados e retrógrados, que se acumularam graças a espúrias e desastrosas influências. De uma re-avaliação assim feita há de emergir engrandecida a figura do folclorista Silvio Romero, cuja herança positiva, depurada no cadinho de rigorosa crítica científica, devemos reclamar e proclamar como um patrimônio da cultura brasileira popular e progressista.

#### NOTAS

(1) Os estudos folclóricos progrediram entre nós de maneira considerável, ultimamente, e cresce o número de estudiosos brasileiros interessados na matéria. Mas é um fato que esse "progresso" vem a ser mais quantitativo do que qualitativo, dominado que tem sido quase exclusivamente por princípios doutrinários e metodológicos nada progressivos, pelo contrário. Ao que sabemos, apenas Edison Carneiro — aliás rompendo com a errônea orientação que seguia antes — tem procurado escudar-se numa nova compreensão do problema, baseando-se principalmente no estudo dos mais autorizados folcloristas soviéticos.

(2) Sobre o folclore dos bandeirantes há um livro do sr. Joaquim Ribeiro, publicado em 1946; trata-se de um documento de inegável interesse, malgrado o método histórico-cultural adotado pelo autor. Valiosa contribuição documental, no que se relaciona com as fontes políticas da nossa poesia popular, é a que nos oferece o livro do sr. Pedro Calmon — A História do Brasil na Poesia do Povo, se bem que realizado com um critério meramente descritivo. Devemos igualmente lembrar o Cancioneiro Gaucho (1952) do sr. Augusto Meyer, no qual se inclui todo um capítulo dedicado à guerra dos Farrapos.

(3) Não nos parece caber razão ao sr. Silvio Rabelo (cf. Itinerário de Silvio Romero), que faz severas restrições ao critério científico que presidiu à elaboração dos Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil. É certo que não podemos aceitar, hoje, aquele critério científico adotado por Silvio Romero há mais de oitenta anos; mas naquele tempo, no Brasil, era o que havia de mais sério, e não devemos esquecer, além disso conforme tive ocasião de observar, que muitas vezes Silvio Romero, por intuição crítica, ultrapassava as limitações do critério filosófico e metodológico que empregava nas suas pesquisas e interpretações do fato folclórico.

# VITÓRIA DO REALISMO

## Arte Jovem no Salão Nacional

Tinham razão os que, há um ano, condenavam como anti-democrático o dispositivo legal que reduzia para 3 os membros do júri do Salão Nacional de Belas Artes. E' agora muito mais fácil a trama: tudo se resolve "en petit comité", antes de ser aberto o Salão. Nada de discussões amplas, nenhum órgão onde possam estar representadas as diversas tendências, está forçosamente em minoria; os dois tudo entre bastidores. Dos 3 membros do júri, um, eleito pelos expositores, outros são nomeados...

Faz-se assim: meia-duzia de sujeitos influentes (sempre os mesmos, agarrados ao ministério e às publicações oficiais) "cayam" a nomeação de duas pessoas, simpáticas ao seu grupo e, desta forma, arranjam para si e para os seus amigos a distribuição dos melhores prêmios, aqueles com que o Estado supõe estar estimulando os jovens valores. O resto fica para salvar as aparências e entupir um ou outro grupo de descontentes.

Já no ano passado tinha acontecido mais ou menos isto. Desta vez, entretanto, os delegados da "panelinha" dominante sentiram-se mais fortes e acharam-se com direito de ser ainda mais exclusivistas. Começaram pela seleção: cortaram injustificada e abusivamente, 80% dos trabalhos enviados. Não fôsse o instituto do "hors concours" (que já falam em derrubar para o ano próximo) e o salão, em vez de representar as correntes atuais da pintura brasileira, representaria apenas a corrente deles, aquilo que, do ponto de vista deles, é bom. E, pelos trabalhos mais recentes de Livio Abramo ou de Santa Rosa, por exemplo, ou, melhor ainda, pela maioria dos trabalhos premiados neste II Salão, pode-se ver qual é o critério artístico destes senhores.

O júri antigo, de 25 membros (5 por secção, reunindo-se todos para atribuir os prêmios maiores), se não evitava a ação das "panelas", os empenhos, a cabala, o espírito de "coterie" mais ou menos inevitáveis, pelo menos exigia uma discussão mais ampla, menos fechada, impedia o domínio absoluto de um grupo e peneirava, até certo ponto, as injustiças. Era, portanto, mais democrático: todas as correntes podiam fazer ouvir a sua voz e participar das decisões finais, que não eram, assim, monopólio dos "papas" da arte, entrincheirados na Esplanada do Castelo.

Examinando-se as obras que mereceram este ano recompensas oficiais,

fundamentos

deve-se fazer uma ressalva em favor de Danúbio Vilanil Gonçalves, de Heloisa F. Costa, de Glenio Bianchetti e do próprio Augusto Rodrigues. Este último, é bastante conhecido para que seja necessário salientar o seu mérito; os outros, são jovens de muito talento e amor pela gravura, arte que mostram dominar bem. Danúbio Vilanil, particularmente, merece referência pela desenvoltura com que sabe tratar os temas da sua terra e pela qualidade do seu desenho pessoal e sugestivo. O prêmio de viagem ao país que lhe foi conferido, é tanto mais justo quanto representa, de certo modo, um estímulo aos jovens gravadores realistas brasileiros e, em particular, ao núcleo rio-grandense, do qual é membro destacado. Se alguma restrição pudesse ser feita às gravuras que expôs (e, de modo geral, à série da "Xarqueada") esta seria referente à concepção e à execução um tanto refinadas demais, que prejudicam a leitura dos seus trabalhos. Danúbio Vilanil soube fugir dos perigos do pitoresco e do regionalismo estreito; mas parece ter-se deixado encantar mais pelas sutilezas do tratamento gráfico de que mesmo pela riqueza humana do tema que escolheu. As estampas da série da "Xarqueada" ressentem-se todas, na composição, na seleção de valores e na distribuição dos planos, de uma falta de nitidez, "lógica" que denuncia a preocupação ainda apenas formal. Ou melhor: a composição, a seleção de valores plásticos, a distribuição dos planos, não foram pensados e estudados, com o objetivo consciente de exprimir alguma coisa, de revelar o essencial de uma cena, de um aspecto da vida. As gravuras de Danúbio Vilanil, são assim exercícios gráficos sobre motivos gauchos, interessantes, sensíveis, pessoais, que encantam e prendem o espectador, mas que não o conduzem, não o levam a aprofundar-se no conteúdo humano e social do tema. A primeira tarefa do artista consiste, entretanto, precisamente nisto: conduzir o espectador à realidade, explicá-la, revelar com a maior nitidez possível, o típico, o essencial. Não nos parece que se possa perceber nas gravuras de Danúbio Vilanil as marcas de um esforço suficiente neste sentido. Sem dúvida, mantém-se ele fiel às cenas que representa; mas deixa a impressão de que as trata como "motivos de arte", mais preocupado com problemas puramente plásticos do que com o conteúdo que deve exprimir.

Fernando Pedreira

A importância que vem assumindo no cenário artístico nacional a obra dos gravadores gauchos e dos seus colegas de São Paulo e Rio, impõe maiores exigências críticas. Eles constituem, hoje, a vanguarda da arte realista (setor plástico) no Brasil. Não seria, por isso, descabido lembrar, uma vez que falamos do típico em arte, as palavras de G. Maïnkov no recente e memorável Congresso dos comunistas soviéticos. Dizia ele:

"... o típico não é somente o que se encontra com mais frequência, mas o que exprime com maior agudeza e plenitude a essência de uma determinada força social... O típico corresponde à essência de um determinado fenômeno social e histórico e não, simplesmente, ao mais difundido, ao que se repete com frequência, ao comum. Um exagêro consciente, uma apresentação mais aguda de imagem não excluem o seu caráter típico, mas o revelam e o destacam mais completamente.

"O típico é o principal terreno onde se revela o espírito de partido na arte realista. O problema do típico é sempre um problema político.

Será que os jovens gravadores realistas, mesmo os mais dotados, mesmo os mais conscientes politicamente, têm atentado para estas questões quando escolhem os temas das suas gravuras e as executam? Parece-nos que não. Pelo menos nem sempre o fazem. Carlos Scliar, por exemplo, apresenta neste Salão 4 trabalhos de um objetivismo nada fecundo; frios exercícios de uma disciplina formal de utilidade duvidosa, indignos de quem — como ele — sabe que o artista deve temperar os seus meios no calor da batalha.

Estamos convencidos de que o caminho adotado por Scliar ou por Glauco Rodrigues, não é o caminho correto. Este último, com efeito, pintor de grande talento, dotado de excepcional força de vontade, tem procurado encontrar uma solução para a sua arte no terreno da forma, e não no do conteúdo. Basta ver os temas que escolheu para os seus quadros nos 2 últimos Salões: uma linda mocinha e, uma cena de campo bastante convencional. Nenhum destes temas poderia suscitar questões que fizessem avançar a arte da pintura. Glauco, preocupa-

do em combater as tendências formalistas "modernas" que o dominavam anteriormente, procurou fazê-lo estritamente no campo da forma. Cuidou de reproduzir fielmente as aparências e... ficou nisso. O seu quadro deste ano, aliás, apresenta deformações nos pés das figuras e outras; mas se nota que o pintor se preocupa principalmente em restituir a atmosfera física do lugar, as aparências. As deformações que fez pareceram-nos grossas e inexpressivas exatamente porque não correspondem a qualquer necessidade interna. Talvez não seja sem interesse notar que a melhor das pinturas que conhecemos de Glauco, ainda é o quadro que expôs em 1951 e que representava uma jovem aleijada. Este tema certamente tocou mais fundo a sensibilidade humana do pintor e, talvez, por isso, lhe tenha sido possível ser mais realista e menos superficial.

---

O problema da forma, embora importante, é um problema secundário em arte. Recordemo-nos da frase de Maurice Thorez: "os mestres do passado foram grandes pelo conteúdo das suas obras. Para esse conteúdo eles sempre souberam encontrar a forma apropriada". A obra de arte há de ser moderna na medida em que exprimir as idéias e a realidade do nosso tempo: aquilo que existe hoje e não existia antes. Quanto à forma, o que se pode exigir dela é que seja clara, compreensível, eloquente. E o artista de talento, preocupado em transmitir um conteúdo rico e elevado, há de saber encontrá-la. É inútil, portanto, procurar fórmulas, seja no naturalismo copista, seja em técnicas simplificadas, se não se tem nada de novo a dizer, se não se escolhe um assunto realmente novo. As comemorações do centenário de Van Gogh, promovidas pelo Conselho Mundial dos Partidários da Paz, aí estão, incitando-nos ao estudo da obra de um artista que soube imprimir em suas telas o vigor de um pensamento extraordinariamente lícido e apaixonado, como deve ser também o nosso. Van Gogh conseguiu fazer pintura nova, criar uma maneira pessoal e forte, exatamente porque buscou pintar aspectos novos, aquilo que não havia sido pintado anteriormente. É dele próprio esta frase admirável que define a parcela essencial das suas ambições de artista: "Exprimir o camponês em sua ação, eis aí — eu o repito — uma figura essencialmente moderna, o coração da própria arte moderna, o que nem os gregos, nem a Renascença, nem os antigos holandeses puderam fazer".

---

Mais corretamente lançadas no caminho do realismo foram, entre nós, algumas das gravuras sobre a luta pela paz, e outras de motivos regionais, feitos pelos gravadores gauchos e, especialmente, por Vasco Prado. Mas, também os paulistas têm dado boas contribuições no mesmo sentido. É impossível deixar de destacar os trabalhos de Mario Gruber (cortados no Salão por motivos inconfessáveis) alguns dos quais, de qualidade excelente e elevado conteúdo. Mario Gruber trabalha agora, em uma série de es-

tampas sobre a recente greve dos operários paulistas que, uma vez terminada, terá uma importância que é desnecessário acentuar.

Neste II Salão, entretanto, coube a Renina Katz apresentar a mais expressiva amostra do avanço dos nossos jovens gravadores no terreno do realismo. Senhora de uma técnica segura que lhe permite dizer o que pretende, Renina tem progredido com firmeza, enriquecendo e definindo cada vez mais os seus assuntos. Concorreu ao Salão com 3 trabalhos: duas litografias e uma xilogravura. Embora uma das litografias seja um expressivo retrato de camponês no qual, sob os traços conhecidos de um "jeca", aparece a expressão serena e forte de um homem do povo preferimos chamar a atenção dos leitores para a xilogravura que é a primeira de uma série, já quase completa, em que se reflete o drama dos retirantes, vítimas do latifúndio. Em seu trabalho, Renina conseguiu uma forma simples, clara, vigorosa, que não se perde na cópia dos detalhes, mas, ao contrário, os seleciona e organiza para obter uma expressão mais rica, mais realista. Sua gravura adquire, assim, um valor de símbolo que lhe aumenta a significação. Nesse terreno, a nosso ver, embora ainda distante do ideal, Renina (como Mario Gruber, Vasco Prado e alguns outros) está no rumo certo. E há de ser no esforço para restituir a múltipla verdade do drama do nordestino, que ela há de aprimorar a forma das suas gravuras.

Para abordar um tema assim, difícil e amplo, porém, não basta aprimorar a forma. É necessário resolver plasticamente uma série de problemas e de dificuldades (os verdadeiros problemas da arte realista) que Jorge Amado, por exemplo, resolveu de modo magistral, com os meios do romance, no seu "Seara Vermelha". Neste nível, parece-nos, é útil e cabível o paralelo entre a literatura e as artes plásticas, por mais diversos que sejam os caminhos de uma e das outras. O estudo dos processos criadores de Jorge Amado, evitaria a nosso ver, uma série de percalços e dificuldades que ainda encontram os nossos pintores e gravadores. Num livro como "Seara Vermelha" seria utilíssimo qualquer dos nossos artistas, examinar como fez Jorge Amado para denunciar o regime do latifúndio como responsável pela tragédia, ou para ressaltar a altivez e a firmeza de ânimo dos camponeses, as cenas que escolheu para fixar a psicologia do capataz e dos fanáticos, o modo como organizou a trama do romance para sugerir ou encaminhar a solução, etc., etc... Todos estes problemas resolvidos pelo romancista e também os erros que porventura tenha cometido, mereceu o exame atento dos nossos artistas. "Seara Vermelha" é a mais elevada realização, em matéria de arte realista, de que dispomos no Brasil. Percorrendo este II Salão de Belas Artes, não podemos deixar de pensar no livro de Jorge Amado, nas perspectivas que abriu para a nossa arte moderna e no atraso em que estão, em relação à literatura, os nossos pintores, gravadores e escultores.

Nem mesmo a presença marcante de Guignard, de Poty, de Iberê Camargo, de Frank Schaeffer, Rebolon Gonçalves e Tiziana Bonazola, desfazem esta impressão. Este II Salão, como conjunto de obras, está sensivelmente semelhante ao anterior. E, embora se deva saudar alguns jovens que escaparam à fúria do júri, como Luis Ventura, Maria Laura, Carlos Werneck e Jenner Augusto, é preciso constatar mais uma vez que a nossa pintura avança muito lentamente.

A polémica que se levantou entre os críticos, entretanto, em torno deste II Salão e da excelente iniciativa que foi o Salão dos recusados, apresenta um aspecto particularmente digno de nota. É a definição mais precisa das correntes em choque dentro da arte atual: a corrente realista e a abstratizante. O velho e falso dilema "moderno ou acadêmico", dilema que conduziu a um novo academismo, foi substituído pela discussão vivificante entre realistas e "abstratos", que põe em causa o próprio conceito de arte, sua função, as relações entre forma e conteúdo, etc..

Esta reviravolta representa uma expressiva vitória dos defensores do realismo, daqueles artistas e críticos que souberam fazer face ao surto formalista. Mais do que ao valor de uns e de outros, entretanto, ela deve ser atribuída à própria força da realidade que destrói impiedosamente as teorias especiosas dos modernistas.

---

Falamos, a princípio, dos prêmios que consideramos justos. Vejamos, agora, para concluir, as demais recompensas que foram, todas, num total de 11, reservadas a obras destituídas de valor, de autoria de artistas abstracionistas ou pseudo-abstracionistas. É o caso, especialmente, de Fernando P., de Antônio Bandeira (pintor de algum talento que agora se contenta com sujar as telas), de Ramiro Martins e Geraldo de Barros que nem sequer um pouco de imaginação e bom gosto revelam, e de Hilda Weber, outrora desenhista de certo valor, que expõe este ano dois trabalhos inqualificáveis.

Os membros do júri responsável por tantos absurdos, foram o prof. Quirino Campofiorito, o crítico Antônio Bento e o gravador Lívio Abramo. O primeiro, repetidamente, através da sua coluna nos "D. Associados", ressaltou a sua responsabilidade declarando que as suas opiniões haviam sido constantemente contrariadas pelo voto dos seus companheiros. Eleito pelos artistas, viu-se o prof. Quirino impotente diante da coesão dos dois representantes oficiais; não pôde, por isso, impedir os cortes abusivos e outras injustiças com as quais não concordava.

Quanto a Lívio Abramo e Antônio Bento, sua atuação dispensa maiores comentários. Deve-se lamentar, apenas, que o crítico, tão independente em suas crônicas e artigos, não se tenha pautado pela mesma norma ao ser investido das funções de juiz.

# O Assassinio Legal dos Rosenberg

Não será exagero dizer que uma onda de indignação e de terror se espalhou pelo mundo, à medida que se vai propagando a notícia do suplício de Julius e Ethel Rosenberg, na cadeira-elétrica — instrumento de tortura e morte, inventado pelos vândalos modernos.

Por mais que se procure um forte motivo de ordem política, social, econômica, jurídica, moral — que pudessem justificar o que a consciência universal já classificou como um dos mais revoltantes crimes, cometidos por um governo regular e uma justiça que se dizem cristãos e civilizados; por mais que se reflita, nada se encontra capaz de atenuar sequer a iniquidade, já agora irreparável.

Como fazer crer aos povos do mundo, na sua parte mais numerosa e são imune ainda (inclusive nos E.U.A.) à falsa e baixa campanha de imprensa — orientada, em escala mundial, pela cupidez e pela insensibilidade dos milionários de Wall Street; como fazer crer aos homens que pensam exclusivamente em termos de lucros, de dólares, de dinheiro — que, se os Rosenberg não fossem mortos, estariam em perigo a decantada maneira norteamericana de viver, a civilização, cristã e ocidental e a dignidade da pessoa humana?

Era tão fácil, tão simples, tão humano: comutar a pena capital em prisão perpétua ou então promover o corrente remédio jurídico para as grandes injustiças — a revisão do processo, que tão grande repercussão tivera. Mas não! Foram bocal e desumanamente repelidos todos os apelos, que afluíram de toda parte: os dos humildes e o de S.S. o Papa; dos corpos legislativos e os das sociedades sábias, os dos homens, os das mulheres, os das crianças... Não houve clemência, não houve compaixão!

Era preciso demonstrar ao mundo que os bárbaros do dólar são infalíveis e implacáveis. Morre, numa puugente e corajosa dignidade, um casal ainda jovem — provavelmente sem culpa e não merecedor por certo de tal pena; ficam duas crianças na orfanidade, ofendem-se acintosamente os mais puros e nobres sentimentos: a piedade, misericórdia, a doçura e bondade. Mas a dupla de malvados — e os infames que os manobram — triunfa sinistra e alvarmente. Eisenhower



e Dulles! Ficarão na História como símbolos do que pôde em nossos dias a maldade unida à estupidez. Porque deles dependia esta coisa simples e enorme — o perdão — já que são insensíveis à bondade e à Justiça.

Condenados, com base em fragilísimos indícios, à pena última, tentou contra os Rosenberg a infamíssima chantagem: confessai, denunciai, caluniai — e tereis a vida em troca da indignidade. Oh! sabemos bem que todas as polícias empregam esse meio tórpe; mas isto é sempre feito em segredo e a furto. Aqui não! Venos um governo e uma justiça a se comprazerem na publicidade da própria torpeza! Confessai, caluniai, delatai! — e tereis pelo menos algumas semanas de vida, sem brio e sem honra. Só mesmo um governo e uma justiça

que exprimem a podridão e a baixeza de uma classe histórica e irremediavelmente condenada — se atrevia a tanto.

Conta Ramalho Ortigão que o velho Alexandre Dumas mantinha, na mesma gaiola, um abutre e um pato — que se davam admiravelmente bem. E, aos que estranhavam tal convívio, esse homem de espírito que era também um grande coração — explicava que era a natural aliança da crueldade com a estupidez. Decida o leitor, entre os dois torpes responsáveis acima apontados — qual é o abutre, qual o pato. A menos que se admita, como mais provável, que a natureza de ambos tenha tanto de pato como de abutre.

G. S.

# PAULINO RECH, Mestre de Uma Geração

Depoimento de R. ARGENTIERE

As velhas cidades do interior do Estado de S. Paulo têm uma história fascinante e seus tipos curiosos. Alguns são homens de excepcional envergadura intelectual que nascem, vivem e morrem nas pequenas e médias cidades, e nunca pretenderam abandoná-las. É um verdadeiro fascínio que estas cidades exercem sobre estes homens. Aparentemente não sabemos a causa. Talvez seja porque os sábios procuram os lugares de menos ruído para as suas meditações. E é a pequena história de um sábio que vamos contar.

Amparo é uma velha e típica cidade da Mogiana, debruçada sobre o rio Camandocaia. Teve seu período áureo de história. Foi uma das primeiras cidades paulistas a ter ligação ferroviária, no Império. Isto se explica. O famoso café "Bourbon" que valia seu peso em ouro estava escrevendo um ciclo da história de S. Paulo. Ali, lutavam barões do Império e abolicionistas e republicanos. Foi uma base de operações vitais — por causa de sua proximidade com Campinas — da campanha dos Caifazes de Antônio Bento, Francisco Glicério e outros, na memorável campanha de abolição da escravatura negra. Era na calada da noite que os Caifazes iam roubar os negros para lhes dar liberdade, contrabandando-os para Campinas ou Santos. Os republicanos se reuniram, ali, muitas vezes em casa de Bernardino de Campos. Em Amparo também estivera D. Pedro II para dar "alento" ao Partido Monarquista.

## OS PRIMEIROS IMIGRANTES

Mesmo depois do 15 de Novembro, os barões do Império não perderam seus bens. Todas aquelas férteis terras do Camandocaia continuavam a lhes pertencer. Havia apenas uma troca de homens: substituiu-se o braço escravo pela sujeição do imigrante branco aos senhores da terra.

Alguns velhos moradores do Amparo — meus bisavós e avós faziam parte desse grupo, porém, chegaram ao Brasil indo diretamente a S. João da Boa Vista — dizem que antes de se dar a abolição da escravatura negra haviam chegado à cidade várias levadas de imigrantes. Era a primeira experiência que se tentava fazer para substituição do braço escravo pelo braço assalariado. Numa dessas levadas veio o velho Rech. Minha avó — sua compatriota de raça

— disse-me certa vez que o velho Rech deve ter chegado ao Amparo antes da libertação dos escravos. Viera do Tirol austríaco. Era um homem forte, montanhez, acostumado ao trabalho duro, porém, não insensível às coisas da inteligência. Amealhando pataca por pataca, dentro de pouco tempo comprou uma nesga de terra pantanosa à beira do Camandocaia, no fim da rua Duque de Caxias. Ali pôs um estábulo. O velho Rech saía à rua todas as manhãs com suas vacas para vender leite.

## AMBIENTE E REAÇÃO

Foi nesse ambiente que nasceu Paulino Rech. Não era ambiente de pobre, porém, de pessoas acostumadas ao trabalho duro. Já moleque o pai o obrigava todas as manhãs, a saltar da cama para acompanhá-lo em seu mister. Há ainda os velhos amparenses que se lembram do humilde Paulino vendendo leite nas ruas do Amparo. E, num ambiente estritamente feudal, como há cerca de 50 e poucos anos atrás, tudo fazia prevêr que Paulino não passaria além das fronteiras impostas pela profissão do pai. Não que seus pais fossem contrários aos estudos. É que não sonhavam sequer com a possibilidade de um filho doutor. Os primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil tinham uma psicologia especial gerada pelas condições de ambiente: amealharam, em dura luta, algumas centenas de contos de réis e, por motivos de segurança desejavam que os filhos seguissem profissões lucrativas, deixando os diplomas de doutores e a política para os "brasileiros de 400 anos", os descendentes dos barões da terra. Mas, o jovem Paulino não pensava dessa forma e um dia se foi do Amparo para estudar medicina. Anos depois — anos de sacrifícios e labuta — regressou à sua terra já formado.

## A MISSÃO DE MÉDICO

Paulino iniciou, então, uma carreira brilhante na medicina. Com sua figura esguia, o monóculo, os cabelos negros e bastos, Paulino era uma figura impressionante, de aspecto agradabilíssimo, que inspirava confiança a todos. Dizem que em medicina há uma moda para cada teoria ou médico. A moda no Amparo era Paulino Rech. Não havia descanso para este homem atenden-

do ricos e pobres, de dia e de noite. Moda ou não, o fato era que Paulino tinha o dom da medicina na ponta dos dedos. Que o digam vários casos de família. Minha tia Isabel, com apêndice supurada e peritonite era um caso liquidado. Paulino, no Grêmio Português empregou tudo o que a ciência sabia e, conseguiu salvá-la. Naquele tempo não havia penicilina nem sulfa.

Conquanto se mantivesse solteiro, não era visto nas rodas boêmias da cidade. Amparo vivia, então, um dos momentos culminantes de sua história econômica, com seu café valendo ouro. Na cidade corria um rio de champanha e se acendiam charutos com notas de 500 mil réis. Respirava-se, então, na cidade perfumes franceses de mulheres duvidosas despejadas diretamente de Paris para Amparo. Era um verdadeiro delírio. Paulino se mantinha completamente insensível a tudo isto. Sua vida era dedicada completamente à medicina. Poderia ter feito uma brilhante carreira de professor de medicina se quisesse. Preferiu, porém, como seu colega e amigo Martins Fontes manter-se numa cidade do interior.

## PAULINO COMO BOTANICO

Aos poucos, sua figura cresceu e se tornou lendária na cidade. Não era só a medicina que lhe fazia crescer esta fama, era uma outra coisa criada por suas mãos mágicas: as orquídeas. Paulino vinha há anos criando em sua casa, à rua Duque de Caxias, um orquidário maravilhoso. Gente de todo mundo vinha visitá-lo.

O amparense é profundamente regionalista porque ama o seu pedaço de chão. Mas, que aquela terra é bonita, é incontestável. Aquelas montanhas, a natureza, tudo dá uma sensação de bem-estar, encanto e enlévo. Talvez fosse este espetáculo que despertou em Paulino o seu gosto como naturalista.

Entrei pela primeira vez em seu orquidário há muitos anos. Em companhia de sua irmã Amélia (que era também sua assistente) assisti a técnica de cultivo das orquídeas. Ao vêr aquele espetáculo, ficou-me uma impressão imorredoura. Data dessa época a admiração por um homem cujas qualidades intelectuais estão acima de seu tempo e de seu ambiente.

Conquanto não fôsse um professor, Paulino tinha todo o didatismo de um catedrático. Dominava o ambiente sem impôr-se "ex-cathedra", apenas pela erudição e segurança do saber. Não tinha afetação. Atendia a todos com o mesmo interesse. Aos poucos se converteu num mestre laico da cidade. A seu redor giravam grupos culturais. Lembro-me de um deles: era o inesquecível Darvino de Oliveira, os irmãos Pascoal, o teatrólogo Pedro P. Pace e outros. Discutia-se, ali, de tudo.

Foi, pela primeira vez, em seu consultório do Largo do Rosário, que Paulino me mostrou um livro estranho com o fascinante título: "A Origem das Espécies", de Charles Darwin. Mas, antes que começasse a ler a obra. Paulino me disse que o "livro era pesado demais para minha idade. Deveria ler Haeckel primeiro e depois Darwin." Algum tempo depois é que me emprestou "A Origem das Espécies". Foi para mim como se tivesse encontrado a chave de um mundo perdido. Certa vez, contando a Graciliano Ramos como entrei no conhecimento de Darwin, contei-lhe esta passagem de minha vida. O velho Graça confessou-me que tivera, em sua terra, o mesmo processo de formação mental: de Haeckel chegara a Darwin, e ali ficara, pois, "não vejo — dizia-me o grande Graça — coisa melhor do que o transformismo".

#### CONFIANÇA NA CIÊNCIA

Paulino sempre tivera um entusiasmo e uma confiança sem limites pela ciência, em seu auxílio na modificação e na implantação de um mundo melhor. Exercia seu talento em todos os campos do conhecimento. Conhecia física, astronomia e mineralogia. Era um entomologista consumado. Em 1926, chegaram ao Amparo vários professores da Universidade da Alemanha para coletar material de entomologia. Paulino foi consultado onde este material poderia ser coletado. Um dos moletes coletores que ganhava então um tostão por espécimen raro caçado fui eu.

Apesar de rico, seu entusiasmo pela ciência e sua preocupação pelos destinos da Humanidade, levou-o a se interessar por outro campo, o da economia política. Foi em suas mãos que vi, pela primeira vez, um livro chamado "O Capital", de Marx, livro que ele dizia ser "a Bíblia da futura humanidade".

Sai do Amparo há mais de 20 anos. Nossos contactos estiveram durante este tempo todo interrompido. Entretanto, por mais distante que estivesse do Amparo, nunca me esqueci de Paulino Rech. Quantas e quantas vezes agradecia em meu coração o fato de ter nascido naquela cidade e de ter sido influenciado em minha formação científica por aquele homem!

#### A TEORIA E A PRÁTICA

Durante todos estes anos Paulino foi enriquecendo suas coleções de orquídeas. Do campo puramente teórico passou para o campo da prática. Paulino tinha no Amparo sua alma irmã. Era o notável Pedro de Araujo, médico como ele, higienista, biólogo, voltado a todas as questões práticas da ciência. Era bahiano de nascimento, mas se considerava amparense. Era um verdadeiro sacerdote da medicina. A qualquer hora do dia e da noite, por mais distante que estivesse o paciente, ia atendê-lo. Era um materialista obstinado e liberal, que não se pejava de jogar baralho com o padre de Socorro, progressista e socialista que não se pejava de ter amigos como o Navarro de Andrade; deliciava-se horas inteiras em sonhos com seu amigo Martins Fontes, em contraste violento com sua natureza de secarrão. Pedro de Araujo da mesma forma que Paulino, tinha adoração por Amparo. Seu prazer era fazer algo para ver a "cidade progredir". Andou tentando coisas possíveis e impossíveis. Lembro-me de uma delas, a castração de galinhas para engorda. Pedro de Araujo discutiu

com Paulino Rech a possibilidade de se conseguir a polpa da madeira para papel, libertando, assim, o país de uma

importação onerosa. Mandaram buscar sementes de pinheiros americanos e por um processo de adaptação plantou-as no Amparo. A experiência foi magnífica: os belos pinheiros amparenses podem ser vistos, agora nos terrenos do Grêmio Português, como testemunho de que nesta terra "em se plantando tudo dá." O plantio em alta escala não pôde ser feito, porque Paulino Rech teve de se afastar da cidade.

A mesma coisa aconteceu com a uva. Desta vez se associaram Paulino Rech, Pedro de Araujo e o industrial Nicolau Martorano. Queriam experimentar os terrenos montanhosos do Amparo para a produção de uvas de alta qualidade para champanha e vinhos finos. A experiência foi realizada com êxito notável, aclimatando-se, ali, uma espécie de uvas saborosíssimas. As experiências levadas a efeito por Paulino Rech no campo da produção são numerosíssimas para que possamos citá-las uma a uma. Invadiu até o campo da apicultura.

#### CASTIGO

Tive de fazer este depoimento pessoal porque o sábio Paulino Rech detesta a publicidade. E este depoimento é feito com profundo desgosto e mágoa, porque soube que Paulino Rech, por motivos políticos, foi condenado a dois anos de prisão. Não vamos discutir os motivos que levaram Rech a esta condenação — motivos políticos. A circunstância em que esta condenação se deu, é profundamente chocante. Então, um cidadão dêse porte, com estes serviços prestados à cidade natal, à Nação e ao Estado, pode ir para a cadeia somente porque professa uma ideologia contrária à dos poderosos do dia? Evidentemente, não.

Aqui fica o meu apêlo como amparense e brasileiro: é preciso, neste momento, uma mobilização ampla de todos os setores da opinião pública para que Paulino Rech seja libertado e devolvido ao seu laboratório e possa prosseguir em suas experiências. Porque Paulino Rech é um símbolo do Brasil progressista.

## DECORAÇÕES ZANINI LTDA.

PROJETOS E DECORAÇÕES ARTÍSTICAS

RUA CONSELHEIRO BROTERO, 892 — FONE.: 51-4231

# A Obra do Teatro Popular Brasileiro, Trazer a Arte Popular Para o Palco

Rep. de José Albertino Rodrigues

Poucas tentativas têm sido feitas no Brasil a fim de fazer teatro com base nas nossas tradições populares. Mas essas tentativas têm ido buscar nas manifestações artísticas do nosso povo apenas motivações para a criação de uma coreografia estilizada, onde o artificialismo sobrepõe-se à espontaneidade. Isso porque os profissionais do teatro descobriram a riqueza exuberante e inexgotável que domina nossas festas e danças populares. E em matéria de teatro de vanguarda havíamos chegado até aí.

Eis porém surgiu há poucos anos no Rio de Janeiro um movimento com características novas. Tratava-se de um grupo de jovens operários e operárias, comerciários, domésticas e estudantes que, sob a orientação de Solano Trindade propunha-se realizar um teatro autenticamente popular. Trata-se do Teatro Popular Brasileiro.

O nome de Solano Trindade já é bastante conhecido entre nós, pois a sua

obra de poeta e de intelectual progressista repercute em todo o Brasil. O poeta aproxima-se muito do homem de teatro e realmente eles são inseparáveis. E o que os une é justamente o seu caráter essencialmente popular. Aquêl modesto funcionário público residente em Caxias, subúrbio do Rio de Janeiro, nos trouxe uma nova mensagem poética, principalmente com aquêl seu famoso poema "Trem sujo da Leopoldina":

Trem sujo da Leopoldina

Parece cantar

Tem gente com fome, tem gente  
[com fome...]

## A FINALIDADE DO TPB

Mas a sua obra como teatrologo transmite uma mensagem não menos empolgante. Vejamo-la de perto.

Não se pode dizer, por exemplo, que Solano Trindade seja um folclorista,

porque êle é folclore autêntico e dos bons. E foi com êsse conteúdo que trouxe para o teatro nacional um aspecto novo. Quando apresenta o seu grupo teatral, preocupa-se não somente com as exigências de uma técnica teatral correta, mas sobretudo em não deturpar os temas folclóricos que encena. Quando procuramos Solano Trindade a fim de entrevistá-lo pedimos inicialmente que falasse sobre a finalidade do Teatro Popular Brasileiro, que dirige:

— A finalidade do T.P.B. é teatralizar o folclore brasileiro. Mas o nosso desejo é fazer um teatro folclórico com o máximo de autenticidade, atendendo apenas às exigências mínimas do teatro. Há também um preocupação de preservar as nossas melhores manifestações folclóricas.





### COMO SURTIU E COMO VIVE

Mas Solano é exigente na aplicação dos princípios a que se propôs. Foi justamente dessa rigorosa preocupação que surgiu o Teatro Popular Brasileiro. Eis o que nos diz:

— O Teatro Popular Brasileiro surgiu de uma divergência com o Teatro Folclórico Brasileiro, dirigido por Miécio Askanazi. Foi uma divergência de orientação motivada pela minha preocupação de evitar uma deturpação do nosso folclôre, inclusive com a inclusão de elementos estrangeiros, completamente estranhos a ele.

Assim foi que a 6 de junho de 1950,

fundamentos



nasceu o Teatro Popular Brasileiro. Vem sendo mantido graças às contribuições de intelectuais e artistas que se comprometem a dar módicas mensalidades. O auxílio oficial tem sido mínimo e até mesmo ridículo. Realiza seus ensaios no Serviço Nacional de Teatro, sendo que só com gratificações aos zeladores gasta cerca de 50 cruzeiros diários. "Com todo esse esforço, e apesar das dificuldades — diz Solano Trindade —, temos um material para exibição, com guarda-roupa, instrumental, etc., avaliado em 50 mil cruzeiros. Conseguimos isso, em grande parte, solicitando roupas de carnaval, depois de usadas e com o resultado de pequenos espetáculos que temos realizado." Esses espetáculos têm sido levados a efeito na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, na Faculdade de Direito de Niterói, no João Caetano (4 espetáculos) e em outros locais. Além de programas de televisão de que tem participado, o T.P.B. também tem sido levado ao cinema. Assim é que participou de "Aguilha no Palheiro", um filme que tem a direção de Alex Viany e encenou um candomblé para um filme da Astra-Filme, de Roma, que no último festival de Cannes foi premiado como o melhor documentário de exploração. Do repertório do T.P.B., podemos destacar: Maracatú, Bumba-meu-Boi, Escola de Samba, Samba Capoeira (carioca), Caboclinho, Côco, Pastoril, Frevo, Candomblé, Macumba Carioca, Pregões de Recife e a Dança do Palhaço da Folia de Reis, que se realiza ainda hoje em Caxias.

### OS ARTISTAS VÊM DO POVO

Pedimos a Solano que falasse sobre o seu pessoal. Accedeu prontamente, dizendo:

— São cerca de 50 figurantes, que vivem na maior harmonia. São todos amadores e, em geral, empregadas domésticas, operários, pequenos funcionários públicos. De u'a maneira geral, o seu nível de instrução é primário, com apenas dois com educação secundária. Temos alguns elementos, 3 moças e um rapaz, que foram criados em terreiro de candomblé e uma delas era filha de santo e o rapaz era Ogan na Bahia. Eles trouxeram uma grande contribuição para o T.P.B., para a apresentação do candomblé legítimo. Evidentemente, no samba e nas capoeiras cariocas, são aproveitados elementos criados nessas manifestações. O Côco, o Pastoril e o Caboclinho, são ensaiados, por minha esposa, Margarida, que é natural da Paraíba e que esteve em contato com esses folguedos desde criança.

Felizmente, essa obra de Solano tem sido bem compreendida e tem recebido valioso estímulo e ajuda de muitos dos

nossos intelectuais. Juntamente com Edison Carneiro, que ocupa o cargo de secretário do T.P.B., Solano Trindade levou para o seu quadro social nomes tais como: Manoel Diegues Junior, Josué de Castro, L. A. Costa Pinto, Érico Veríssimo, Djanira, Eneida de Moraes, Lila Ripoll, Augusto Rodrigues, Renato de Almeida, Grande Otelo, Miécio Tati e outros. De São Paulo, já deram sua adesão até o momento: Abguar Bastos, Alex Viany, Mauro de Alencar, Délio Miranda, Geraldo Campos, Ruth Guimarães, Di Cavalcanti e outros.

Ao lado da realização teatral propriamente dita, pretende Solano Trindade realizar em Caxias uma obra de grande alcance, que consistirá no seguinte, segundo suas próprias palavras:

### UM TERREIRO EM CAXIAS

— Além do teatro, pretendemos organizar um terreiro em Duque de Caxias, para estudos folclóricos, especialmente da Folia de Reis, Samba e Macumba Carioca, com biblioteca especializada para os associados. Pretendemos obter um local adequado para apresentar essas manifestações no próprio meio e na própria época, para atender aos associados e aos turistas também.

### EXCURSAO AO SUL

Perguntamos ainda a Solano quando apresentaria o Teatro Popular Brasileiro em São Paulo e respondeu-nos dizendo:

— Temos vontade de apresentar nossas produções o maior número de vezes possível, mas não conseguimos local para isso, pois não há uma ajuda séria nesse sentido. Temos um projeto de fazer uma excursão ao sul do país (Rio Grande, Santa Catarina e Paraná), que pretendemos realizá-lo brevemente. Nessa oportunidade então, pararemos em São Paulo para fazer a nossa apresentação.

Eis aí um exemplo para o teatro nacional, qual seja, a busca no meio do povo das suas mais autênticas manifestações, para dar uma base realmente popular ao teatro. E, ao mesmo tempo que traz essa importante contribuição para o teatro, o autor de *Poemas de uma vida simples*, que compreende tão bem os problemas do nosso povo e sabe como poucos dizê-los em versos, contribuiu igualmente para a compreensão e divulgação do folclore nacional, que constitui uma fonte inesgotável para a arte e para a literatura.

# UM BELO PAR: CANGACEIRO E SINHA' MOÇA

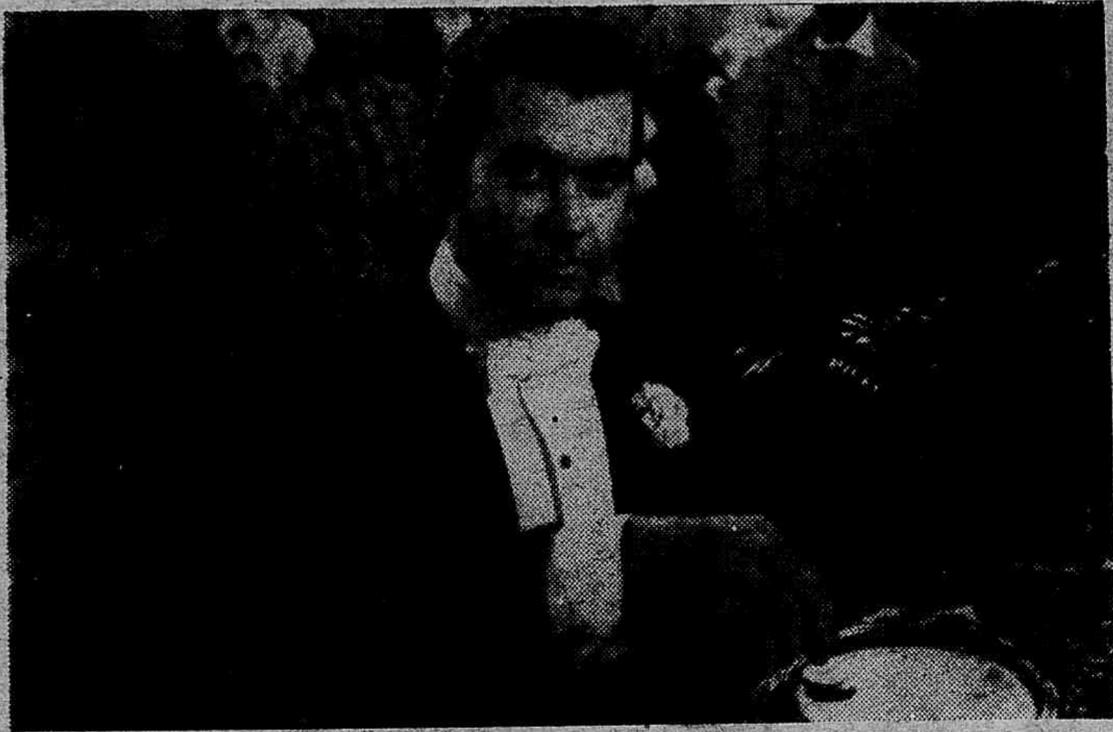
Braulio PEDROSO

O prêmio obtido pelo "O Cangaceiro" no Festival de Cannes situou, pela primeira vez, o cinema brasileiro num plano mundial. Até então, o nosso cinema era quase totalmente ignorado; apenas ligeiras notícias davam ar de sua vida. O êxito em Cannes de um filme nacional não tem um significado surpreendente, se tivermos o cuidado de analisar o motivo. E nem se enquadra no dito popular "santo de casa não faz milagre". "O Cangaceiro" fôra, antes de tudo, consagrado pelo público brasileiro. Pouquíssimos filmes, nacionais ou estrangeiros, tiveram casas tão repletas. Ao ir para o exterior, já era "O Cangaceiro" um filme premiado. Premiado, em seu país, pela opinião popular. Santo de casa faz milagre. Faz, como não! O que se precisa é saber como realizá-lo. E Lima Barreto o soube. Para tal dispensou a prece, a macumba, apenas voltou seus olhos do céu para a terra, deparando com o motivo nacional. Assim se explica a receptividade do público brasileiro, e assim se compreende, somente assim, a razão de seu sucesso num festival internacional de cinema. Pois o que o distinguira, entre os diversos filmes apresentados, foram as suas características próprias, típicas, nacionais. Sem o que, tombaria no charco do convencionalismo, do que não é brasileiro e nem coisa alguma cinema despersonalizado, cosmopolita, nenhuma.

A cultura artística mundial é o resultado da contribuição das artes nacionais, que têm por denominador comum o progresso da humanidade. Se os personagens de Balzac servissem tanto a Tolstoi como a Jorge Amado, ou vice-versa, não havendo, portanto, entre eles diferença de época, ambiente e costumes, Balzac, Tolstoi e Amado perderiam a razão de ser. A literatura seria uma massa uniforme, monótona, feita por fórmulas estereotipadas. E como o cinema também é arte, o mesmo se compreende para ele. Não existe uma fórmula internacional, não existem personagens internacionais, que reajam igualmente aqui como no Afeganistão. O sucesso de "O Cangaceiro" se prende ao fato de ter-se insurgido contra esta avalanche niveladora. E note-se bem: Lima Barreto, como disse acima, apenas deparou a realidade brasileira, não a sentiu completamente, e muito menos a interpretou. Mas o simples ato de tocar de leve num tema nacional foi o suficiente para ganhar o público brasileiro e a crítica mundial. Todavia, não queremos dizer com isto, que a simples escolha do tema determina o bom êxito de filme. Realmente, o tema é o fundamental, mas não é tudo. Sim, porque não adianta termos boas histórias se não soubermos contá-las. Lima Barreto soube exprimir-se através de uma boa forma, provando ser capaz de dominar os elementos técnicos e artísticos necessários a uma correta linguagem cinematográfica. Mas seu trabalho não foi plenamente satisfatório. Tropeçou muitas vezes por falta

de chão. E evidentemente, teve fluidez e força sempre que seus pés tocavam a terra, quando se apoiava na realidade do cangaço. Há uma diferença flagrante entre as cenas iniciais, ricas de detalhes, que surgem um pouco da vida da região sertaneja do nordeste,

com seus tipos e costumes; e as cenas arrastadas do namorico piegas de dois personagens absolutamente falsos. Apesar dessas debilidades "O Cangaceiro" tem o grande mérito de revelar ao cinema brasileiro a sua verdadeira nacionalidade.





### Cena de «O Cangaceiro» de Lima Barreto

“O Cangaceiro” indicou um caminho, um caminho que já foi seguido. “Sinhá Moça” adiantou-se a “O Cangaceiro” no trajeto que levará o cinema brasileiro a estruturar-se artisticamente, a um cinema que seja a expressão de um povo e de uma cultura.

“Sinhá Moça” aborda um tema nacional, histórico, que é o da abolição da escravatura. O filme histórico é um filão imperecível, que, todavia, requer para a sua exploração um maior esforço técnico e artístico. Há a necessidade das reconstruções, das pesquisas, etc.. Essa modalidade cinematográfica de um cunho educativo excepcional encerra problemas complexos tais como o da interpretação de um fato histórico. “Sinhá Moça” não chega a tanto, e nem isto pretendeu. “Sinhá Moça” é apenas um relato romancado que tem por fundo a luta abolicionista. Mas quanto ao caráter histórico de “Sinhá Moça” em relação aos filmes históricos americanos que não passam de ridículas aventuras ou grosseiras deturpações, não há termo de comparação. O filme, entretanto, ressent-se ainda de alguma influência comercial, principalmente no que diz respeito ao personagem principal calcado na figura hollywoodiana do Zorro (de dia ferrenho escravocrata, à noite paladino dos escravos). Essa é a falha mais grave do filme, que faz de seu personagem principal uma figura falsa, e consequentemente, inexpressiva. Mas tem em compensação,

contrapondo-se ao vacilante líder abolicionista, a imponência e firmeza do líder escravo. Com o desempenho de Henricão, já se pôde dizer que o cinema nacional criou realmente um personagem. E de um modo geral, tanto em dramaticidade como em interpretação, o que há de melhor em “Sinhá Moça” se relaciona aos escravos. Os demais integrantes do elenco são bons, cumprindo ressaltar o apuro na seleção dos tipos, que denota uma preocupação de seriedade dos realizadores (por exemplo, o latifundiário, o capataz, o balofo delegado, etc.).

Traçando-se um paralelo entre “Sinhá Moça” e “O Cangaceiro” constatamos haver superioridade do filme de Lima Barreto em algumas cenas isoladas, pois que no conjunto “Sinhá Moça” apresenta mais coesão. É melhor como desenvoltura dramática, principalmente levando-se em conta a maior verossimilhança de seu argumento, que revolta o espectador diante e o insulfa com a luta libertadora dos sofrimentos infligidos aos escravos. O filme desperta ódio ao regime escravocrata, e simpatia aos revolucionários de então, os abolicionistas. A luta e a organização dos escravos para a sua libertação é retratada, pois que ninguém se conforma com o cativo. Esse aspecto do filme é importante, quando se sabe que muitas vezes tentam imprimir aos negros um caráter de submissão ao escravizador. Há uma assimilação por parte do especta-

dor, porque, evidentemente, existe um conteúdo. Apesar de todas as falhas, aflora à superfície do filme uma mensagem de luta contra a opressão, de confiança no futuro. Em “O Cangaceiro” há realmente uma valorização do folclore, tanto que o espectador sai do cinema cantarolando “Muié Rendeira” e falando “cabra da peste”, mas é apenas isso que sobra do filme de Lima Barreto. O típico que há no filme, o que há de nacional é suficiente apenas para prender o espectador durante as duas horas de exibição, diluindo-se depois em sua memória.

“Sinhá Moça” e “O Cangaceiro” são sucessos insofismáveis. E o motivo determinante, como se viu, foi a escolha do tema nacional. Quanto a isto, devemos recordar que o êxito desses dois filmes foi previsto há dois anos quando pela primeira vez no Brasil foi levantado o problema do tema nacional, como fator artístico e comercial, numa mesa redonda promovida pela Associação Paulista de Cinema. A mesma tese foi defendida nas mesas redondas que se seguiram, tanto em São Paulo como no Rio. E outorgada pela autoridade dos Congressos Paulista e Brasileiro de Cinema. Aos que descreem das discussões e das organizações especializadas, ao constatarem hoje o êxito de “O Cangaceiro” e “Sinhá Moça”, devem se lembrar que não foi à toa que os profissionais de cinema concluíram que o cinema brasileiro somente teria amplitude nacional e alcance internacional no dia que fôsse realmente brasileiro.

# O CINEMA SOVIETICO A SERVIÇO DA PAZ

**Alocução pronunciada pelo cineasta Carlos ORTIZ ao microfone da Radio de Moscou.**

Colegas e amigos do Brasil.

Falo-vos da Radio de Moscou, no coração da URSS. A distância que nos separa, computada em quilômetros ou milhas, é sem dúvida incomensurável. Nunca, entretanto, me senti tão perto dos amigos do Brasil como nestes dias de convivência com o povo soviético, cuja hospitalidade me faz lembrar o coração sempre aberto do povo brasileiro.

Aquí estou integrando uma delegação de intelectuais brasileiros que visitam a União Soviética a convite da VOKS, sociedade que se destina ao fomento das relações culturais entre a URSS e os países estrangeiros. Nossa delegação se compõe de escritores e poetas, homens do rádio e da imprensa, cineastas e músicos. Aquí estão, entre outros, José Geraldo Vieira, o romancista de "Quadragesima Porta" e Mario Donato, o homem de "Presença de Anita". Jackson de Sousa e eu temos a honra de representar, nessa delegação, os profissionais do cinema brasileiro.

Como homem de cinema, diretor de filmes e crítico cinematográfico, era evidente que eu me iria interessar pelos problemas da Setima Arte na União Soviética. Participando, embora, dos programas comuns de estudos, viagens e passeios de toda a delegação, solicitamos, porém, algumas oportunidades para nos pormos em contacto com os cineastas soviéticos, para ouvirmos a narrativa de suas lutas e vitórias, de seus anelos e realizações.

Há poucos dias regressamos do Usbequistã, a mais jovem das Republicas Soviéticas, localizada bem no coração da Asia Central, a dez horas de vôo de Moscou. Em Tashkent tivemos o primeiro encontro com os cineastas soviéticos. No Ministerio do Cinema, na capital do Usbequistã, tivemos a oportunidade de conhecer Camilo Iermatov, que realizou uma notável película sobre a vida do poeta usbeco Alisher Navoi. Para fazer o filme de um poeta seria necessario outro poeta. Pois neste filme trabalhou não um só, mas dois poetas do Usbequistã: Camilo Iermatov, como diretor, e Uirgun, um poeta usbeco a quem coube a tarefa de escrever o argumento. Conheci-os ambos em Tashkent. Conversamos longamente sobre o cinema usbeco e soviético. Deixei-lhes dados, informações e material acerca da ardua luta do cinema brasileiro.

Vimos o filme de Iermatov sobre Alisher Navoi. Este poeta quinhentista, que cantou o amor e a liberdade, que além de poeta foi um sabio e, além de sabio, um politico inteiramente dedicado à causa da libertação e unificação do povo, é um herói nacional do Usbequistã. Seu nome vive nas praças e nas ruas, no teatro e na biblioteca de Tashkent. O filme de Iermatov sobre Alisher Navoi faz parte das homenagens que o Usbequistã lhe prestou em 1951, quatro seculos e meio depois da morte de seu vate.

Não é apenas a tecnica deste filme o que nos surpreende. Nem é mesmo o seu grande lirismo, a poesia que dele se desprende, de ponta a ponta. É sobretudo a densidade de seu tema e a sua força epica que revivem, nas telas de hoje, com um poder inimaginavel de persuasão, um personagem cuja atualidade é hoje tão grande como em meados do seculo quinze.

Com esta obra, Camilo Iermatov obteve o premio Stalin para o cinema. Quando o conhecemos, no Ministerio do Cinema em Tashkent, por ocasião da projeção de seu filme, ele ostentava na lapela a preciosa condecoração. Em Tashkent nasceu, viveu e filosofou o grande sabio Avicena, cujo nono centenario celebrar-se-á muito em breve. O cinema irá prestar uma homenagem a seu filho. E Camilo Iermatov foi o cineasta incumbido de dirigir essa nova produção.

Em Tashkent conhecemos outro cineasta cujo talento não é menor do que a sua modestia e simpatia. Refiro-me a Sabitov, que dirigiu o documentario em cores sobre o Usbequistã. Lindo filme. Um documentario de media metragem que nos dá, em pouco mais de 45 minutos de projeção, uma visão da jovem República Socialista usbeca, de sua recuperação, da faina de sua indústria e de seus colcoses, da riqueza de seu folclore, da vivacidade e poesia de suas danças, usos e costumes.

É um documentario em cores pelo sistema do sovcolor. Este processo, que oferece aos cineastas soviéticos margens praticamente ilimitadas de utilização artística, é algo de surpreendente. As telas do Brasil ainda não viram o sovcolor,

cujos resultados vão muito além de "Flor de Pedra", em agfacolor, que as nossas platéias tanto admiraram nos primeiros anos depois da guerra.

De volta a Moscou, tivemos o ensejo de visitar os studios da Mosfilm. Num dos bairros da capital, nas proximidades da majestosa Cidade Universitaria que os moscovitas acabam de construir, erguem-se os studios da Mosfilm, um dos maiores da URSS, que além da matriz em Moscou possui duas filiais em Yalta e Odessa. A Mosfilm abrange atualmente dez grandes palcos e dentro de dois anos terá mais dez pavilhões à sua disposição. Suas dependências compreendem, além de oficinas e laboratórios, um departamento de investigações científicas destinado a auxiliar a filmagem, um departamento de maquilagem plástica, famoso em todo o mundo do cinema.

Kuznietzov, o diretor dos studios, levou-nos para ver alguns dos pavilhões de filmagem. Num deles recebeu-nos cordialmente, falando um excelente castelhano, o famoso cinegrafista Edouard Tissé, amigo e companheiro inseparavel do saudoso Eisenstein, desde os tempos do "Couraçado Potiomkin", da "Greve" e de "Linha Geral". Tissé recorda-se, com saudades, de quando esteve no México, há pelo menos vinte anos, onde rodou a epopeia inacabada de "Que Viva México".

Na sala de projeção dos studios da Mosfilm, Kuznietzov mostrou-nos ainda algumas sequências já sonorizadas da produção soviética ainda em fase de filmagem. Vimos fragmentos de "O Posto de Guarda nas Montanhas", filme de Iudin que revive o heroismo dos jovens soldados soviéticos na defesa das imensas fronteiras de um país que abrange, geograficamente, a sexta parte do mundo. Vimos ainda duas belas sequências da segunda série do filme sobre o Almirante Uchacov, cuja primeira parte já se encontra em exibição nas salas de Moscou.

Entretanto, de todos os nossos encontros, palestras e debates com os cineastas soviéticos, o mais comovente de todos foi sem dúvida o que tivemos na tarde do dia 29 de abril, numa das salas da VOKS. Ali encontramos Raizman, diretor agraciado com o Premio Stálin; Guelovani, ator mundialmente famoso, que representou o papel de Stálin no filme "A Queda de Berlim", de Tchiaurelino; lá estavam ainda os argumentistas Papava e Maria Smirnova, ambos laureados; Arnstan, roteirista e diretor; Iudin, diretor; Tamara Macarova, a atriz de "Flor de Pedra" e seu esposo Guerassimov, diretor de "A Jovem Guarda"; Kuznietzov, diretor dos studios da Mosfilm.

Durante três horas discorremos sobre o cinema brasileiro e soviético. Os colegas da URSS lá estavam, ansiosos, esperando ouvir alguma coisa do cinema brasileiro, de sua história, de suas lutas, de suas dificuldades e reivindicações. Falamos-lhes do que tem sido o passado e o presente do cinema no Brasil, de nossos studios, de nossas organizações, de nossos vitoriosos e promissores congressos realizados no ano passado em São Paulo e no Rio. Cartazes, recortes e jornais, fotografias de filmes, tudo quanto trouxemos do Brasil para testemunhar a odisséia do cinema brasileiro, era avidamente disputado pelos cineastas soviéticos.

Foi uma tarde de cordialidade e de fraternidade, na qual procuramos exprimir, com o conhecimento de causa que temos, os anelos, ansiedades e preocupações, bem como a certeza dos profissionais do cinema brasileiro na vitória final da causa que defendem. Ao nos despedirmos, o argumentista Papava, a cordialidade e a simpatia em pessoa, saudou em nome de seus colegas a luta e os lutadores do cinema brasileiro. Agradei-lhe em nome dos colegas do Brasil. Disse-lhes de nossos desejos e votos de prosperidade para o cinema soviético. Exprimi-lhes a aspiração unânime dos profissionais do cinema e de todo o povo brasileiro de rever, em nossas telas, os filmes da União Soviética, que construiu um notavel cinema a serviço da cultura e da amizade, do bom entendimento e da paz. Exprimi-lhes também a esperança dos nossos cineastas de verem um dia, em futuro não muito remoto, os filmes brasileiros projetados nas 20.000 telas fixas e nas 30.000 telas ambulantes da União Soviética.

Há pouco nos dissera Kuznietzov, quando deixavamos os studios de Mosfilm: "Trocamos um dia os nossos filmes. Nós, cineastas soviéticos, estamos convencidos de que é melhor trocar filmes do que trocar canhões".

Moscou, 5 de maio de 1953.

# O CONGRESSO CONTINENTAL DE CULTURA

## UMA LIÇÃO DE OTIMISMO E DE PAZ

(Secretário da Delegação Brasileira)

Eduardo Sucupira Filho

Durante sete dias — de 26 de abril a 3 de maio — teve lugar em Santiago do Chile o Congresso Continental da Cultura, que reuniu insígnias personalidades continentais, atendendo ao apelo de Gabriela Mistral, Sanín Cano e García Monje. Mais de 400 homens da cultura dos países americanos deram seu apoio, e constituíram-se comissões de patrocínio para difusão dos objetivos do conclave, que obedeceram ao seguinte temário: a) preservação do caráter nacional da cultura e estímulo ao desenvolvimento cultural dos povos americanos; b) incentivo ao intercâmbio entre os países do Continente; c) defesa da liberdade de criação e de opinião, da ética e dos interesses profissionais dos homens de cultura e dos intelectuais em geral.

No discurso de saudação aos 200 intelectuais representando quinze países da América, perante um público imenso que lotava integralmente as dependências do Teatro Municipal da capital andina, o sr. Héctor Marcondes Restat, decano da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Chile e membro do presidium do Congresso fez o discurso de saudação, destacando as elevadas finalidades daquele conclave de escritores e artistas. O ato solene do Teatro Municipal constituiu uma antecipação eloquente do espírito de compreensão que imperou durante todo o Congresso. Naquela ocasião, fizeram-se ouvir o mexicano Diego Rivera e o argentino Jorge Thenon; Jorge Amado e Origenes Lessa, a norte-americana Betty Sanders e o polonês, católico, Iaroslav Iwaszkiewicz, convidados de honra e tantos outros. Seguiu-se um ato artístico, que incluía poesia latino-americana, em que foram interpretadas obras dos mais representativos poetas, como Rubén Darío, Castro Alves, Pablo Neruda... Um trecho poético de Castro Alves — interpretado por Ari de Andrade — despertou grande entusiasmo e foi saudado com vibrantes palmas.

### "MINHA PRESENÇA É UM SIMBOLO..."

Betty Sanders, delegada norte-americana, membro da *Latin American Research Committee and Peoples Artists*, captou as atenções gerais. Foi portadora de uma mensagem de saudação de escritores, universitários, cientistas e músicos estadunidenses. "Estou aqui sozinha — disse Betty Sanders — porque consegui vencer todos os obstáculos da viagem. Minha presença é um símbolo do desejo de estarem aqui centenas de pessoas, cujos esforços se quebraram de encontro à negativa de concessão de passaportes. Se não fosse isso, aqui estariam Paul Robeson, Howard Fast, Albert Kahn, Charles White, Michael Gold, V. J. Gerome, o dr. Du Bois, Alberto Maltz e muitos outros..."

O conclave do Chile deu início à "era transcendental da cultura americana pelo progresso e a convivência fraternal e pacífica", como tão bem acentuou o delegado argentino, Jorge Thenon. Suas palavras foram o eco antecipado da vibrante proclamação em torno do primeiro ponto do temário, que dizia que o Congresso "deu-nos a convicção indestrutível de que o debate travado nesta reunião fraternal sobre os problemas que afetam as nossas culturas nacionais se baseiam nos interesses e nas aspirações de nossos povos, dos quais queremos ser intérpretes fiéis".

### A I SESSÃO PLENÁRIA

Iniciaram-se as sessões plenárias na Sala Filarmônica do Teatro Municipal, e um dos primeiros oradores inscritos foi o cineasta José Ortiz Monteiro, cuja intervenção versou sobre a defesa do cinema nacional. Disse êle: "No Brasil, conhecemos a importância cultural do cinema. Na cidade de São Paulo, capital do Estado brasileiro de S. Paulo, os cinemas venderam 50 milhões de ingressos em 1952. Em troca, os grandes escritores brasileiros nunca venderam mais do que 5 mil exemplares de suas obras. No Brasil, a história do cinema é uma história de lutas". E prosseguiu, tecendo comentários e expondo uma situação que era a mesma existente em outros países da América, provocando a atenção dos congressistas, que, inúmeros, ao tema se referiram, como Pablo Neruda e Maria Rosa Oliver; Nicolás Guillén e Benjamin Subercaseaux e Iaroslav Iwaszkiewicz. Assunto palpitante, que deu origem a inúmeras sugestões e medidas práticas, uma das quais, a convocação do I Congresso Continental de Cinema, foi decidida a realizar-se em São Paulo, no próximo ano de 1954.

### PRINCIPAIS INFORMES

O informe sobre o primeiro ponto do temário esteve a cargo do escritor chileno, Fernando Santiván. "Nosso Congresso — salientou Santiván — situa o problema de defesa de suas características nacionais nos domínios da cultura, dentro dos aspectos específicos que ela nos apresenta, como homens da cultura, empenhados em lutar, como estamos, contra todos e cada um dos obstáculos que impedem o florescimento de nossas culturas".

A exposição sobre o segundo ponto coube ao escritor Origenes Lessa, que mostrou como os países da América se encontravam completamente isolados no panorama continental. Salientando a importância da contribuição dos congressistas para soluções práticas em favor do intercâmbio cultural, ao terminar, apresentou também sugestões sob a forma de perguntas: "Como animar e manter vivo o fogo do intercâmbio? Através de comitês permanentes em todos os países?"

Convocando os governos a comprar menos armas e menos aviões de combates e dedicar maior quantidade do orçamento para a cultura do espírito e as atividades da paz?"

Ouvimos sugestões interessantes através da palavra de Diego Rivera, de Jorge Amado, de Nicolás Guillén... O poeta Luiz Vidales externou a firme convicção de que as decisões do Congresso ajudariam a romper o isolamento de sua pátria, a Colômbia. Do poeta haitiano, René Depestre, ouvimos dizer que a vida da cultura era inseparável da causa da paz: "Sem isto, o espírito é desviado de suas perspectivas de melhoria humana e se converte em presa, em vítima sangrenta da guerra fatora da morte". — afirmou êle.

### DISCURSO EM GUARANI

Acontecimento de relêvo foi o discurso em guarani, proferido pelo delegado paraguaio, Efrain Morel, como em guarani foi inscrito também o nome do conclave: *Nembyaty Guazu Arandu Guera Nane Continente Gua*. Constituiu uma demonstração de independência e de força de uma língua, antes considerada injustamente como língua inferior, e amiude espezinhada. Um símbolo de reafirmação da linguagem de todo um povo, que vinha ali se manifestar, por seus próprios meios de expressão, em defesa da cultura.

Joaquim Gutiérrez, de Costa Rica, mostrou que a cultura é a consciência de uma nação. "Se nos cosmopolizarmos, pereceremos" — aduziu. A seguir, prestou uma homenagem a Graciliano Ramos, pedindo aos congressistas um minuto de silêncio.

Ouvimos Leônidas Barletta, diretor do Teatro Popular de Buenos Aires, assinalando que era imprescindível combater as causas do isolamento dos povos americanos, e que só seria possível o trabalho intelectual em um clima de respeito às liberdades fundamentais do homem. Ouvimos Gregório Bérman, que denunciou a dura situação em que se encontra a ciência na América, destacando que a orientação belicista imposta às ciências impede seu desenvolvimento.

### FALAM DELEGADOS BRASILEIROS

Ari de Andrade demonstrou que a poesia é muito mais universal quanto mais e melhor reflita os sonhos, as lutas e as esperanças de seu povo. Ouvimos a palavra de outros delegados brasileiros, como Dalcídio Jurandir, Túlio de Lemos, Edino Krieger, Paulo Dantas, Waldemar Cordeiro, Teresa D'Amico, Paulo Werneck, Djanira Mota e Silva, Antônio Bulhões de Carvalho, Antônio de Luna, e podemos afirmar que a delegação do Brasil teve destacada atuação, e as intervenções brasileiras causaram excelente impressão.

A seu tempo, essas intervenções serão dadas a conhecer, bem como a

participação dos delegados brasileiros nas várias comissões do Congresso. Assim, participaram das comissões de teses para elaboração do primeiro ponto do temário, Dalcídio Jurandir, Mauro de Alencar e Edino Krieger; segundo ponto: Orígenes Lessa, Vilanova Artigas, Carlos Scliar, Djanira Mota e Silva; terceiro ponto: Ortiz Monteiro, Jamil Almansur Haddad, Bulhões de Carvalho, Túlio de Lencos e Carlos Nicolaewski.

Inúmeras e importantes mensagens, em número de várias centenas, de muitos países, foram lidas durante as sessões plenárias. Destacamos dentre elas as de Waldo Frank, Elias Ehrenburg, de Garcia Monje, Ana Seghers, Arnold Sweig, Marcel Cachin, Picasso, Sérgio Milliet, Di Cavalcanti, Portinari, Niemeyer, Marcel Prenant, George Teissier, Cardosa y Aragon e outros de entidades culturais da França, Itália, Polónia, Tchecoslováquia, China, etc..

Jorge Amado pronunciou um discurs-

so, de extraordinária importância, mostrando que todos os homens da cultura reunidos no Congresso debatiam temas "sentidos e vividos de forma dramática pelos intelectuais em geral, fossem quais fossem as divergências sobre outros assuntos". Dirigindo-se a Benjamin Subercaseaux, acentuou: "Estamos convencidos uns e outros de que devemos defender as culturas de nossas pátrias, que devemos popularizar e estimular seu desenvolvimento. Estamos convencidos, também, de que devemos defender os direitos éticos e materiais dos trabalhadores americanos da cultura. Estamos igualmente convencidos de que a cultura só pode aproximar-nos, uns dos outros, e de que jamais nos distanciará, pois a cultura é fator de paz e de amizade".

O discurso de Jorge Amado, quer pela riqueza de seu conteúdo, quer pelo seu tom ardente de sinceridade, causou profunda emoção entre os congressistas, que o aclamaram com vi-

brante ovação, ao mesmo tempo que Jorge Amado e Benjamin Subercaseaux estreitavam-se as mãos, numa demonstração eloquente da magnífica unidade que presidiu o funcionamento do Congresso desde as primeiras horas. Ouvimos também a palavra de Dalcídio Jurandir, igualmente valiosa: "Este certame tem uma importância decisiva para as relações culturais dos países do Continente e do mundo" — disse êle. Conhecemos pouco do desenvolvimento cultural do resto dos países do Continente e nossa inquietação se enca-minha para uma maior aproximação. Nosso propósito é o de acentuar a defesa das culturas autótonas, e ampliar a sua difusão".

#### A DELEGAÇÃO CHINESA

Acontecimento sem precedentes, foi a presença da delegação chinesa, convidada de honra do Congresso e da qual participaram o economista Li-I-

# Resoluções do Congresso

O Congresso Continental de Cultura, reunido em Santiago do Chile com a participação de delegados dos vários países da América Latina, depois de debates aprofundados em torno dos problemas culturais do continente, tomou as seguintes resoluções:

## PRIMEIRO PONTO DO TEMARIO

### Proclamação aos intelectuais e aos povos americanos

Nós, intelectuais da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos da América do Norte, Guatemala, Haiti, México, Paraguai, Uruguai e Venezuela, reunidos pela primeira vez em nossa história, no Congresso Continental de Cultura, realizado em Santiago do Chile, solenemente declaramos que:

As proposições, deliberações, e debates se expuseram e desenrolaram dentro das mais irrestritas normas de liberdade e respeito. Nelas deram sua palavra, sua opinião e seu testemunho, homens de ciência, escritores, artistas, plásticos, músicos, professores, homens do cinema, do teatro e do rádio, jornalistas e profissionais das três Américas.

O Congresso nos deu a convicção indestrutível de que o debate travado nesta reunião fraternal sobre os problemas que afetam às nossas culturas nacionais, se baseia nos interesses e nas aspirações comuns de nossos povos, dos quais queremos ser interpretes reais.

Assumimos, pois, esta responsabilidade. Obedecendo o mandato de nossa assembléia, dirigindo-nos agora com imensa comoção a todos os intelectuais da América e à nossa grande família de povos, para dizer-lhes que:

1) — Consideramos um dever irrecusável o dos homens de cultura se consagrarem com perseverança e amor a aprofundar e iluminar os elementos que constituem a cultura de cada um dos nossos países, o de zelar, com sua ação, pelo seu magnífico patrimônio e estimular seu melhor crescimento.

2) — Ante as sérias evidências apresentadas pelos delegados, consideramos que para poder realizar os propósitos enunciados é indispensável que nossas nações alcancem uma autêntica independência, sejam efetivamente donas de seu destino se libertem de suas profundas aflições materiais.

3) — No curso de nossas deliberações, ouvimos o insistente clamor de todas as nossas pátrias manifestando a convicção comum de que nem a artes, as ciências, a literatura, nem a imprensa, poderão expressar plenamente suas idéias e sentimentos sem um clima de liberdade, garantia e respeito aos direitos dos homens e das culturas.

4) — Durante o desenrolar do Congresso se tornou também evidente que todos os desajustes e fricções entre nos-

sas nações criam um clima nocivo ao desenvolvimento cultural, agravado no plano mundial pela ameaça de uma nova guerra. Os intelectuais da América queremos a paz em nosso continente e no mundo inteiro. Só assim nossas culturas nacionais poderão desenvolver-se em sua plenitude.

Que a cultura seja um poderoso vínculo que una a todos os povos no caminho da grandeza e da fraternidade!

## PRIMEIRO PONTO DO TEMARIO

Convite aos intelectuais dos Estados Unidos, da União Soviética, da Inglaterra, da República Popular da China e da França.

Os intelectuais da América, reunidos no Congresso Continental de Cultura, no desejo de oferecer uma contribuição prática à causa da paz e da amizade entre os intelectuais e os povos;

convencidos de que o entendimento entre as nações do mundo é indispensável para que prosperem as artes e as ciências, e vendo com inquietude a ameaça que pesa sobre a vida de todos os homens e sobre todos os valores da cultura;

interpretando as mais antigas e generosas tradições de nossa América e conscientes da responsabilidade que nos cabe:

Convidamos os representantes da cultura dos Estados Unidos da América do Norte, da União Soviética, da Inglaterra, da República Popular da China e da França, para que se reúnam em alguma das repúblicas latino-americanas e discutam fraternal e livremente suas afinidades e diferenças.

Conclamamos todos os intelectuais de nosso vasto Continente, para que favoreçam a realização deste encontro, confiando em que será um passo decisivo para um acordo entre os governos destas cinco grandes nações, que assegure a pacífica convivência no mundo e o florescimento universal da cultura.

## SEGUNDO PONTO DO TEMARIO: INTERCAMBIO CULTURAL

### Declaração aos intelectuais dos povos da América

Nós, intelectuais americanos, reunidos em Santiago do Chile, no Congresso de Cultura, depois de haver discutido e examinado em amplos debates os problemas do intercambio cultural entre nossos países, como entre os nossos próprios países e as outras nações do mundo, declaramos aos povos da América e a todos os intelectuais americanos:

1.º) O intercambio cultural é indispensável para impulsionar o crescimento das culturas nacionais. Pois só mediante um contacto cada vez mais direto entre todas estas

fundamentos

-Man, o filósofo Tcheng-Tsi-Ming, o intérprete King Kwang. Assistimos à sua chegada no recinto do Congresso, no momento justo em que falava um delegado brasileiro. Impressionante ovação saudou a delegação chinesa e as palmas se prolongaram por muitos minutos, num crescendo de entusiasmo. A saudação de Li-I-Man foi breve e ressaltou o grande respeito que o povo chinês professa pela cultura de todos os povos do mundo, aduzindo que numerosas obras literárias do ocidente haviam sido traduzidas para o chinês. No dia seguinte ouvimo-lo uma vez mais na tribuna do Congresso, afirmando que o povo chinês "agora e sempre quer enriquecer-se com os melhores frutos da cultura que exprime a boa saúde espiritual e os sentimentos honrados da humanidade. O povo chinês está habituado a beber chá, mas isto não quer dizer que não possa beber café. Os povos da China, graças à genial direção do Presidente Mao-Tse-Tung, amado por todo o po-

vo, obteve uma grande vitória nestes três curtos anos. Nossa cultura nacional, que tem uma história rica, abundante está se desenvolvendo de maneira florescente, como jamais aconteceu em nossa história".

A descrição de todos os lances do Congresso exigiria muito espaço, principalmente se quiséssemos reportar-nos aos atos públicos, às exposições, às festas em residências particulares, ao grande ato festivo de encerramento no Teatro Municipal, o do "Goyescas", em honra das delegações estrangeiras, aos festivais folclóricos no Municipal e à representação da peça de Casona — "Siete Gritos en el Mar" — em homenagem aos congressistas, que foram saudados do palco pelo ator Fernando Flores, membro também da delegação chilena.

#### IMPORTANTES RESOLUÇÕES

As importantíssimas resoluções ado-

tadas no Congresso culminaram no convite dirigido aos intelectuais dos Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra, República Popular da China e França para que "se reúnam em alguma das Repúblicas latino-americanas e se comuniquem fraternal e livremente suas afinidades e diferenças". "Chamamos a todos os intelectuais de nosso vasto Continente — prossegue a declaração — para que obtenham a realização desse encontro, confiando em que será um passo decisivo para um acôrdo entre os Governos das cinco grandes nações, que assegure a pacífica convivência no mundo e o florescimento universal da cultura".

Foi esta a principal contribuição prática dos intelectuais reunidos no Chile em benefício da causa da paz e da amizade entre os intelectuais e os povos.

O secretariado continental que irá pôr em prática as decisões do Congresso deverá reunir-se brevemente na cidade do Rio de Janeiro.

# Continental de Cultura

culturas é possível estimular o seu crescimento e desenvolvimento, enriquecer o acervo comum e ampliar as possibilidades de cada um de nossos povos. Através deste mútuo conhecimento se reforçam, além disso, a amizade e o respeito mútuos, aumenta e enaltece o sentimento de fraternidade e se reforça a manutenção da paz, base fundamental da existência humana. O intercâmbio cultural entre todas as nações é uma necessidade imperiosa, pois, para o progresso do continente.

2.º) Obstáculos e dificuldades de toda ordem têm surgido nos últimos anos, para se opôr a um livre e aberto intercâmbio cultural quer entre nossos intelectuais e as culturas fronteiras, quer entre nossas culturas e criadores de culturas e as culturas e criadores de cultura dos demais países do mundo. Tais dificuldades e obstáculos aparecem como resultado de uma tensão internacional que hoje ameaça com o desencadeamento de uma nova guerra mundial. Por isso é necessário empenhar-se para que esses impedimentos ao livre trânsito das idéias e formas culturais de toda ordem desapareçam dando curso a um intenso intercâmbio continental e internacional.

3.º) É inadmissível que em virtude de razões de ordem política e ideológica se levantem valas artificiais entre os países, criando distâncias intransponíveis entre eles, mediante leis estatais ou aplicação de medidas legais destinadas a outros fins: nos referimos à aplicação dos controles econômicos, à discriminação nos passaportes, à pressão governamental e aos obstáculos opostos à livre circulação do livro e das obras de arte.

4.º) Conclamamos todos os intelectuais da América, a todos os trabalhadores da cultura, escritores, artistas, homens de ciência, professores, como todas as pessoas interessadas no progresso social e histórico de nossos povos a colocar sua fé nos princípios anteriormente enunciados, juntando a sua vontade de ação à nossa para propagá-los e defendê-los, porque consideramos que são de vital importância para a cultura de nossa pátria.

#### TERCEIRO PONTO DO TEMARIO

##### Exortação aos governos, às entidades culturais profissionais e aos intelectuais da América

Os intelectuais americanos reunidos no Congresso Continental de Cultura, declaram que a cultura não pode estar

submetida à censura declarada ou sub-repício de órgãos policiais ou administrativos, aos quais não reconhece competência para julgar e pontificar sobre a capacidade criadora dos intelectuais e a qualidade de suas produções. Afirma igualmente que as leis, decretos, regulamentações e atos oficiais destinados a condicionar ou limitar as diversas manifestações das atividades culturais, constitui uma lesão direta à própria cultura, tanto no sentido de sua moralidade como no de sua necessária expansão popular.

Portanto, o Congresso Continental exorta os Governos da América para que dentro de suas respectivas jurisdições, eliminem todos os obstáculos que se opõem ao livre exercício da cultura.

#### II

O Congresso Continental de Cultura se dirige a todas as entidades culturais e profissionais do Continente e a todos os homens preocupados pelo estado atual e o florescimento futuro de nossas culturas nacionais para conclamá-los a uma compreensão ampla, generosa e operante de suas próprias responsabilidades. Aos intelectuais cabe a preservação dos direitos inseparáveis do duro e formoso ofício que escolheram e esta é uma obra ética que devem empreender em comum. Em consequência, o Congresso exorta todos os intelectuais da América para que fortaleçam a consciência destas liberdades essenciais como fundamento do espírito criador para que se convertam eles próprios em consciência vigilante da cultura da América e para que coordenem sua ação na certeza de que o esforço de cada qual será mais proveitoso se acompanha o esforço de todos.

#### III

Ao mesmo tempo, o Congresso Continental de Cultura examinou a situação objetiva e real da maior parte dos trabalhadores intelectuais da América, privados das possibilidades materiais de estudar, de investigar, de aplicar suas capacidades técnicas, científicas ou artísticas, de publicar seus livros, de realizar e expôr seus quadros, de executar suas músicas, etc. Tais dificuldades de índole material conspiram tanto como as de ordem moral, contra o desenvolvimento ativo da cultura, constituem novos motivos de empobrecimento do espírito e podem acarretar, se não se adotam remédios urgentes, um despojamento dos meios de existência da própria cultura nacional.

O Congresso exorta, portanto, todas as entidades culturais e profissionais da América e todos os intelectuais a trabalharem coordenadamente em favor de seu direito a uma vida digna, em favor de seu direito elementar de viver do ofício que escolheram, sabendo que nisso descansa igualmente o interesse da cultura e, igualmente, da sociedade.

## REMINISCENCIAS

# MONTEIRO LOBATO E A IMPENSA DO POVO

Pedro Motta Lima

Monteiro Lobato era a peça principal na engrenagem de nosso plano. Falávamos dele desde as primeiras reuniões da travessa Honorina, em Botafogo.

Quando lhe pedimos a primeira entrevista, no Rio, apenas dois ou três o conhecíamos pessoalmente. Ele marcou o encontro no café Chave de Ouro, onde tomava habitualmente o seu lanche. Em torno de duas mesinhas unidas formou-se a roda de moços magnetizados pela presença do criador de Jeca Tatú.

Levávamos com a idéia para nós amadurecida um plano de ação que requeria algumas décadas de luta. E o instrumento idealizado para iniciar essa luta: o esquema de um jornal com os respectivos redatores e colaboradores escolhidos. Já tínhamos até o título: "A Manhã".

Ombros encolhidos, o sorriso de modestia pregueando-lhe as pálpebras, sob as densas sobrancelhas negras, Lobato assumia naturalmente a direção daquele grupo. Ouvia-nos com um interesse tão vivo, em seu olhar brilhante tamanha alegria, mesmo sob a expressão irônica mal dissimulada, que só muito mais tarde, passados tantos anos e à custa de nossa própria experiência, poderíamos alcançá-la em sua plenitude.

Finda a exposição, abriu um sorriso mais largo.

— Vocês pensam que me trazem um programa de jornal — comentou. Mas isso, meus filhos, é uma vasta plataforma de governo. É um plano de revolução.

Abanava a cabeça, ria para dentro, achando graça e ao mesmo tempo enternecido. Tinha diante de si meia dúzia de anjos que o convidavam a tomar de assalto e renovar o velho céu. Uma atitude afetuosa, que não nos melindrava, como não nos melindravam as palavras em que exprimia sentimentos contraditórios de ceticismo e esperança.

Quis saber porque nos lembramos dele e lhe oferecíamos o posto de comando. Sim, a sua obra autorizava, até certo ponto, uma iniciativa como a nossa naquele primeiro contacto. Na verdade, porém, ainda não havia tido ocasião de alinhar todos os seus pensamentos e as soluções que julgava adequadas para os problemas do Brasil.

— Vocês, jornalistas, serão adivinhos?

— Porque — e essa verificação o encantava — nós lhe levávamos um programa que era também seu, idéias que eram suas. Enquanto se batia em São Paulo na batalha afinal perdida por uma grande empresa editora, em moldes novos, rapazes vivendo no Rio punham em ordem um programa que já estivera em suas cogitações e vinham convidá-lo a defender esse programa num

jornal diferente de todos quantos existiam no país.

Fez uma pausa, concentrando-se subitamente, em ar sério. Depois indagou no tom de quem se inclina a um acôrdo:

— E o dinheiro?

O dinheiro nós supúnhamos, tarefa mais fácil para ele. Nossa resposta lhe provocou uma gargalhada. Bravos, bravos! Acreditávamos que ele podia levantar na praça tanto dinheiro? Concluiu que seu crédito não estava totalmente esgotado, pelo menos entre a juventude... No entanto, era um recém-falido. Qualquer de nós teria mais crédito. E esse crédito seria tanto maior quanto menos falássemos de alguém que tivesse pertencido à firma Monteiro Lobato & Cia...

— Se fôsse para fazer um jornal igual aos outros, seria fácil. Era passar no escritório da Light, da City, da Standard Oil, e os cofres se abririam. Mas aí o programa seria diferente...

O programa do jornal do aventureiro seria de entrega de nossas riquezas naturais, e não a pesquisa e a exploração por nossa conta. Nada de petróleo, que não existia oficialmente em nossa terra. Nem de carvão nacional, sempre caluniado e sabotado. Siderurgia, indústria pesada? Pois se as nossas reservas de minério, as maiores do mundo, estavam sendo cobiçadas pelos norte-americanos da Itabira Iron!

Dinheiro? O Instituto do Café e os fazendeiros da Rural estavam dando a muito jornalista.

— Até eles — acrescentava —, os forretas mais sovinas que já vi!

No entanto, dariam com a condição de que o jornal gabasse o plano de valorização, dissesse que na monocultura assenta a riqueza da nação. Como obter dinheiro dos barões do latifúndio, com um programa em que se inclui a defesa dos camponeses, a reforma agrária, a divisão das terras não cultivadas?

— Outro ponto escandaloso do programa: o combate ao analfabetismo. Isso é tocar no interesse mais sensível dos notados. É pôr em risco as nossas sagradas instituições.

E argumentava, cerrando o sobrecenho. Primeiro, porque alfabetização implica outras conquistas paralelas. Depois, porque um povo alfabetizado chega aos mais abomináveis excessos, nega-se à obediência, não trabalha mais para os grandes senhores.

— Além disso — acrescentava com um sorriso especial — devemos pensar em muitos tropêços e sacrifícios que hão de vir. Inclusive a cadeia, torturas, atentados pessoais. Os donos do mundo são capazes de tudo.

Como pudesse parecer que essas ponderações realistas — que Lobato comprovou em carne própria, levado à cadeia da ditadura do Sr. Getúlio Vargas por afirmar que no Brasil havia petróleo — arrefeceriam nosso entusiasmo, apressou-se a atenuá-las com uma

promessa de apoio. Paternal, afetuoso, pediu-nos que voltássemos a discutir com ele o projeto. Haveríamos de descobrir uma forma de reunir o dinheiro necessário. Prometia-nos pôr também sua cabeça a pensar.

Estávamos do meio para o fim de 1925, um dos grandes anos de agitação renovadora. Alguns de nós já conhecíamos duras prisões e a vida subterrânea. Apoiávamos ativamente os levantes de 1922 e 1924, prolongados na Coluna Prestes, que do mais profundo interior do país nos estimulava à ação. Havia mesmo os que tínhamos vindo das grandes greves e tentativas insurrecionais do proletariado, de 1917 a 1920. De minha parte, ruminava então a primeira meia dúzia de livros marxistas-leninistas, em vésperas de ingressar no Partido Comunista.

Mas no círculo da travessa Honorina, que ali formava em torno de Monteiro Lobato, não afinávamos todos por um só diapasão ideológico. Pelo contrário, nossa camaradagem e união se consolidava à custa de constantes discussões. Nosso acôrdo era apenas sobre as grandes questões centrais e imediatas. Alguns se inclinavam ainda ao agrarismo semi-colonial de Alberto Torres. Outros partiam desse positivismo brasileiro, que nas condições peculiares de nosso país transformou em fermento revolucionário alguns dos princípios da ortodoxia teocrática de Comte, brotada do esterco da contra-revolução europeia. Não faltava um ou outro católico de convicção, ao lado de militantes do mais extremado acatolicismo.

Era já então a experiência da possibilidade de uma amplíssima frente patriótica. Por cima de tudo nos ligava o sentimento de responsabilidade perante a vida — tão importante para os jovens — e perante nossa pátria, especialmente perante nosso povo. Doíam-nos a verificação de um atraso vergonhoso. Não apenas em relação a outros povos. No cotejo da nossa com anteriores gerações. Queríamos retomar a abandonada tradição de Castro Alves, Tobias Barreto, José Veríssimo, Silvio Romero, Salvador e Lúcio de Mendonça, José do Patrocínio, Alcindo Guanabara e — mais que todos — Euclides da Cunha.

Nossas longas conversas, repetidas em tardes seguintes, versavam todos os problemas, administrativos, econômicos, políticos, culturais. Eramos anti-acadêmicos em arte e literatura. Mas não nos deixávamos embasbacar pelo movimento de arte moderna, que alguns do nosso grupo satirizavam e denunciavam como diversionismo. Compreendíamos o sentido de sua filosofia dissolvente, pessimista, canalha, hostil ao povo. Patriotas, não éramos chovinistas, reconhecíamos a força do internacionalismo para a comum defesa dos povos. Nossa preocupação se concentrava no conhecimento real das possibilidades do país e na confiança em uma vitória das forças progressistas e democráticas.

Com que apaixonado interesse acompanhávamos as polémicas do velho Gonzaga de Campos, um técnico, um funcionário honesto, afirmando contra a opinião oficial a existência do petróleo! Como os agentes dos trustes o caluniavam! E como o insultavam os jornais de aluguel! Desenterrávamos as monografias e os relatórios escondidos nos arquivos dos ministérios, os pareceres e os votos vencidos nas comissões técnicas do Congresso, tratando de ferro e manganês, do tão difamado carvão nacional, das possibilidades de desenvolvimento da hidro-eletricidade.

\* Faltava-nos, a nós, moços beirando os vinte e cinco anos, pouco mais ou menos, apesar da experiência de alguns em cargos de responsabilidade na imprensa, ensaiando-se quase todos na história, na crítica, na ficção, na poesia, nas letras jurídicas, na pedagogia, na filosofia, o que nos faltava — supunhamos — era "alguém", um nome feito que inspirasse o respeito e a confiança recusados à juventude, ontem ainda mais do que hoje. Mas os nomes feitos ou eram vivedores, céticos, ou tinham posição conhecida contra os nossos pontos de vista. Poucos homens havia com o prestígio de Lobato, a quem não precisássemos converter. Ele se mostrava sensibilizado por aquele julgamento de um grupo de jovens. Mas voltando à questão fundamental dos recursos, dizia-nos:

— Vocês me fazem lembrar...

Em seus olhos se reascendia aquele humor cheio de compreensão mas nem por isso menos malicioso.

— É um conto russo, creio que de Tchecov. Um grupo de jovens, assim como vocês, decidiu salvar a pátria, matando o primeiro ministro. Durante vários dias prepararam o atentado, nos mínimos detalhes. Só à última hora verificaram que não tinham nem um "kopek". Não dispunham de dinheiro para comprar o revólver...

o

Não soubemos como levantar o dinheiro. Lobato ausentou-se do Rio. Mas nosso grupo não se dispersou totalmente. E quando um jornalista destacado na imprensa de oposição deixou cuidadosamente certo matutino carioca para fundar o seu jornal, levamos-lhe um título, um programa e uma equipe de profissionais. Na primeira fase d'"A Manhã", com Mario Rodrigues na direção, sendo Monteiro Lobato um dos colaboradores semanais, sustentamos algumas das principais idéias do primitivo programa. Logo compreendemos, porém, que ali não o podíamos levar avante. A equipe se desligou do jornal quando ele se reorganizou em sociedade anônima, com a participação de grandes empresas estrangeiras. Fez-se uma nova tentativa com "A Esquerda".

Mal vivendo, sempre em busca do clima das montanhas, Lobato colaborava de vez em quando, mandava-nos sobretudo elementos para a campanha mantida contra a negação oficial da existência do petróleo. Ao fim de três anos, "A Esquerda" nos mostrava de novo a inutilidade dos esforços individuais ou de grupos isolados, como o nosso.

Só dez anos após as reuniões no café Chave de Ouro, a 27 de abril de 1935, "A Manhã" resurgira para sustentar integral e consequentemente os

sar no Partido Comunista. E recordávamos, com sua formidável memória, al-pontos centrais dum melhor programa. Era, então sim, um jornal de outro tipo. Apoiava-se em um grande movimento de massas, o movimento nacional-libertador. Seu firme alicerce era o povo. O sópro criador que o animava, como a tôdas as iniciativas patrióticas e progressistas de então até hoje, era o partido de vanguarda da classe operária, o Partido Comunista do Brasil. Só nessas condições poderíamos daí por diante manter uma imprensa consagrada às aspirações patrióticas, ao sentimento anti-guerreiro e anti-fascista, à consciência democrática das forças decisivas da nação.

Ao receber o primeiro número d'"A Manhã", Monteiro Lobato mandou-nos uma carta de Campos do Jordão. De longe, êle reconhecia e saudava o jornal sonhado dez anos antes. Comparava-o a "uma lufada de ar fresco". E nada traduziria melhor seu júbilo, em carta escrita naqueles dias, por certo após uma noite insone, marcados os minutos ao ritmo tremendo das dispneias. Embora doente, foi nessa fase o colaborador mais pontual da primeira coluna, na página editorial.

Quantas coisas aconteceram depois! A vida dispersou os componentes do círculo da travessa Honorina. Forças novas, sobretudo a classe operária tomando cada vez mais o papel hegemônico na vida nacional, estão conduzindo os ideais de progresso, de libertação nacional e de paz à vitória definitiva.

Dez anos depois de 1935, a uma distância de vinte anos das conversas no café Chave de Ouro, quando já contamos o tempo assim, pelas décadas, vamos rever em sua mais alta performance

àquele homem escolhido como bandeira de intelectuais que mal o conheciam então. Monteiro Lobato acabava de ingressar nos pormenores que registro agora, revivendo aqueles primeiros encontros, quase românticos.

— E que posso fazer ainda? — perguntava. Assim doente e envelhecido... Pudesse eu recomeçar agora, ainda que fôsse como há vinte anos!

Até os últimos dias de vida, porém, Lobato serviu à pátria e ao povo. No remate de sua grande obra há não apenas uma enorme contribuição ao trabalho de esclarecimento e mobilização de profundas massas camponesas. Há sobretudo um roteiro oferecido aos que se dedicam a escrever para o povo. "Zé Brasil", o pequeno grande livro de maior difusão no país, é um modelo de síntese e clareza, ao alcance da massa à que se destina especialmente, sem nenhuma concessão à chulice das "caipiradas" de São João, em que nossos irmãos do campo são caricaturados até ao insulto. "Zé Brasil" é a elevação de Jeca Tatú, pela mão de Prestes e do Partido Comunista, ao justo plano da dignidade humana. E diz-nos a cada escritor e a cada militante que nunca é tarde demais para servir à causa da libertação nacional e social de nosso povo.

Como reatando as conversas daqueles tempos distantes, Monteiro Lobato se congratulava conosco, na hora da despedida, à última vez em que nos vímos:

— Agora já podemos fazer a imprensa com que sonhávamos, hein? O povo a defende. O povo garante o dinheiro. Já podemos comprar o revólver...

Buenos Aires, 1953.

**LEIA  
ASSINE  
DIVULGUE**

**FUNDAMENTOS**

**REVISTA DE CULTURA MODERNA**

# LIVROS E REVISTAS

## «People's China»

### Pekim

— N.º 6 DE 1953

O número é dedicado à memória de J. V. Stálin, o grande amigo dos povos de todo o mundo, o campeão da Paz. Em seu artigo, intitulado "A Grande Amizade", Mao Tse Tung faz um histórico do que foi a contribuição de Stálin para o desenvolvimento do socialismo na URSS, depois da morte de Lênin, bem como de sua grandiosa contribuição no campo teórico do marxismo-leninismo. Stálin, diz o líder chinês, desenvolveu de forma criadora a teoria de Lênin sobre a lei do desenvolvimento desigual do capitalismo e a teoria leninista de que o socialismo pode ser vitorioso, primeiro, em um só país. Contribuiu para a teoria da revolução nos países coloniais e semi-coloniais, e desenvolveu a teoria de Lênin sobre a construção do Partido. Falando das tarefas que o desaparecimento de Stálin impõe, declara: "Nossa tarefa é transformar a dor em força. Em memória de nosso grande mestre Stálin, a grande amizade que se acha ligado ao nome de Stálin, existente entre o Partido Comunista da China e o povo chinês de um lado, e o Partido Comunista da União Soviética e o povo soviético, de outro, será incommensuravelmente aumentada. Os comunistas e o povo chinês intensificarão, mais ainda, o estudo dos ensinamentos de Stálin, da ciência e da técnica soviética, para construir seu país".

Sung Ching Ling (Mme. Sun Ia Tsen) faz um apêlo para que o nome de Stálin sirva de inspiração à luta do povo chinês. Mostra como seus ensinamentos iluminaram os caminhos dos que lutam pela paz e conclama os que acreditam "em Stálin e sua causa, a levar avante a luta onde ele a deixou".

Chu Teh, comandante e chefe do Exército Popular Chinês diz do sentimento que domina o exército e o povo chinês com a perda de J. V. Stálin. "É convicção nossa que sob a bandeira comum de Lênin e Stálin, a força unida dos povos chineses e soviéticos será invencível. Nossa causa comum há de avançar, de vitória em vitória".

Ki Chaia-lung faz uma apreciação do orçamento chinês para 1953, basendo-se no informe do ministro das Finanças, Po-Ai-po. O total da

receita será de ..... 233.499.100.000.000 de iuans, provindo 49,12% de impostos, 29,97% dos lucros das empresas estatais, 4,40% dos juros sobre empréstimos e seguros, e os 16,51% restantes oriundos de outras rendas. A despesa atinge o mesmo total, da Receita e será assim aplicada: 44,34% para a reconstrução econômica do país 14,90% para projetos culturais, sociais e educacionais, 22,38% para a defesa nacional, 10,19% para administração, 6,63% para a reserva total, e os restantes 1,56% para outras despesas.

Em suplemento, o informe de Po Ai-po sobre o orçamento. Queremos destacar dos inúmeros dados apresentados pelo autor, os referentes ao aumento do consumo de mercadorias em 1952. As porcentagens que passaremos a referir são dadas em relação às vendas de 1951. Roupas de algodão — 41,42% mais que em 1951; açúcar — 55,05% mais; fósforos — 73,35% mais; carvão — 27,63% mais; querosene — 146,82% mais, sal — 24% mais. No plano cultural, objetiva o governo popular para 1953 o seguinte melhorar o nível dos 50 milhões de alunos das escolas primárias, elevar em 109,3% o número dos alunos dos ginásios; em 148,4% os que frequentam os cursos colegiais, em 162% os cursos secundários de pequena duração, destinados a operários e camponeses; em 112,9% as escolas técnicas secundárias; em 107,4% os cursos de formação de professores secundários; e, finalmente, em 108,9% os cursos universitários e pré-universitários.

A.B.P.

## «LA NOUVELLE CRITIQUE»

«La Nouvelle Critique», revista francesa do marxismo militante, publicou um número especial (n.º 45 de abril-maio de 1953) dedicado à memória de Stálin, contendo os documentos das Jornadas Nacionais de Estudos dos Intelectuais Comunistas.

A revista FUNDAMENTOS saúda a publicação deste número da revista pela riqueza de seu conteúdo, número que, segundo a apreensão ativa à memória de Stálin... nele vendo-se o testemunho do esforço empreendido pelos mais lú-

gidos representantes da cultura francesa e na própria base do ensino staliniano, e isto nos domínios os mais diversos».

Stálin e a França é o título do importante artigo de Jean Fréville, escrito no conhecido estilo atraente deste grande amigo do povo brasileiro. Não é sem emosse destinaa a dar «Uma roção que lemos neste artigo sentação de Jean Kanapa, uma homenagem a Luiz Carlos Prestes, quando Fréville mostrando que Stálin não somente edificou o socialismo num sexto do globo, mas foi também o guia, o teórico da revolução mundial «seus trabalhos de 1926 e 1927 sobre os problemas colocados pela revolução chinesa permitiram a Mao-Tse-Tung elaborar uma estratégia revolucionária que devia conduzi-lo à vitória final de 1949. Maurice Thorez, Dimitrov Gottwald, Rascosi, Carlos Prestes e outros, foram seus discípulos».

Jean T. Desanti num ilustrativo estudo de filosofia explica «Porque o pensamento burguês nega a objetividade das leis». Annie Besse escreve «Sobre o humanismo socialista». Francis Cohen mostra o imenso papel desempenhado por Stálin no desenvolvimento do cinema soviético e Paul Noirot se detem sobre «Stálin e a fraternidade dos povos liberados».

No que se refere aos Documentos das Jornadas Nacionais de estudos dos Intelectuais Comunistas, para compreender a importância destes documentos basta citar que são os textos integrais dos informes, intervenções e resoluções das jornadas que reuniram 603 intelectuais comunistas de toda a França, nos dias 29 e 30 de março de 1953, após uma preparação de mais de 2 meses, à base principalmente da última obra de Stálin: «Os Problemas Econômicos do socialismo na U. R. S. S.

Os intelectuais comunistas das seguintes disciplinas: filosofia, história e geografia, francês e letras clássicas, línguas vivas, psicologia, psicologia escolar, orientação profissional, sociologia, linguística, direito, economia política, matemática, física, química, biologia, ciências naturais, geologia, medicina, etc. apresentaram informes e intervenções.

As jornadas foram abertas por um informe de Victor Leduc e encerradas por uma magistral intervenção de Georges Cogniot. A luz dos «Problemas Econômicos do

Socialismo na U. R. S. S.», este manual dos comunistas de nosso tempo, cada intelectual participante foi chamado a trazer os elementos de verificação e as armas ideológicas extraídas no seu próprio trabalho científico para discussão, sob um duplo tema: «A objetividade das leis da natureza e da sociedade e suas consequências — O Humanismo socialista, — este tema resumindo dois essenciais da obra de Stálin.»

## «POLITICAL AFFAIRS»

(Revista Teórica e Política do Socialismo Científico) — Nova Iorque — Maio de 1953.

«Stálin e a Co-Existência da URSS e dos Estados Unidos», é o título do artigo assinado pelo Presidente do Partido Comunista Americano, William Z. Foster. — O autor faz uma apreciação da teoria staliniana da possibilidade da coexistência pacífica dos dois sistemas caracterizando-a como um dos grandes obstáculos que se antepõem às provocações guerreiras do imperialismo americano. E, com base ainda nos ensinamentos de Stálin, mostra que a razão dessa possibilidade decorre do fato de existir entre os povos americano e soviético um interesse comum em manter a paz. Mas, aduz, não basta tão somente essa comunidade de interesses para evitar a guerra, pois, sabido como é que o povo americano não tem em suas mãos as rédeas da nação, isso implica na necessidade de um forte movimento pró paz, capaz de barrar o caminho dos imperialistas, capaz de derrotar os provocadores de guerra. Constatando que os magnatas de Wall Street estão, sem sombra de dúvida, dispostos a marchar para a guerra, dá-nos, porém, Foster os motivos que os impediram até agora levar a cabo seus propósitos. Trata-se da crescente resistência democrática, tanto no exterior, como na própria América. Em primeiro lugar, por sua importância, contribuem para desenvolver essa resistência a União Soviética e seus aliados, pois a lembrança do que aconteceu a Hitler faz com que os mais 'atomaníacos de Wall Street' pensem um pouco antes de atirar. Em segundo lugar o fato de os povos da Europa, Ásia e América Latina darem demonstrações de que não concordam em morrer numa guerra imperialista. Finalmente, em terceiro lugar, a resistência do próprio povo

americano à guerra. Os fracassos constantes do imperialismo yanque e o despertar da consciência anti-guerreira do povo americano contribuem para diminuir o perigo de guerra, mas não se pode dizer que sejam eles bastantes. Para compreender a grande teoria de Stálin, da coexistência pacífica entre o socialismo e o capitalismo, para levá-la à prática, é mister que as forças da Paz, em todo o mundo, se mantenham alertas, numa permanente vigilância.

Merecem destaque o artigo de Alexander Bittelmann sobre problemas da economia americana, o trabalho de Alex H. Kendrick em que aborda o tema "O Governo Eisenhower e o Perigo Fascista", bem como o de Pauline Hosek, "Alguns Problemas da Luta Pela Paz".

A. P.

## «Multitud»

«Multitud», dirigido por Pablo de Rokha, é um excelente jornal dos intelectuais progressistas do Chile. Em seu número 80, da primeira quinzena de abril último, «Multitud» presta expressiva homenagem a Stálin. Juan Ruiz, em seu artigo intitulado "Stálin", depois de salientar a "sua grande figura de teórico e construtor que não tinha meias tintas nem contornos confusos", afirma:

"A este homem que a propaganda adversária matou cem vezes sem conseguí-lo, ao qual se pintou como feroz, solitário e retraído, recordam hoje não somente os oitocentos e cinquenta milhões de seres humanos de homens, mulheres e crianças que ele libertou, mas outras muitas dezenas de milhões que na Europa, Asia, Africa, América, em toda a terra sofrem, trabalham, se sacrificam e morrem pelo triunfo do proletariado que é o triunfo de todos os homens e do futuro sobre o passado, a exploração, a fome e a guerra".

"Multitud" presta homenagens à poetisa Winnett de Rokha, cuja obra, de conteúdo político e popular, é expressão da poesia progressista do continente. Vêm publicados, em "Multitud", vários poemas de sua autoria — "Crianças da U.R.S.S.", "O herói sobre a história", "Lá Pasionária", "Os Viajantes Maravilhosos", "Lenin", etc. Do seu upoema a Lénin, destacamos o final:

"Do lado dos inocentes foste látego e furacão para os traidores noturnos. Fa-

ro de relâmpagos no vertice da história, heróico condutor de multidões sedentas e doce, mui doce camarada.

A sombra dos cravos vermelhos tua linha de fogo acaricia o sorriso de pedra de Karl Marx".

"Multitud" anunciou, também, a publicação de uma antologia dos poemas de Pablo de Rokha por ocasião do 30.º aniversário da aparição, em 1922, de "Os Gemidos", isto é, em maio ou junho últimos. Do grande poeta chileno "Multitud" publica uma série de belos poemas, como, por exemplo, "Funeral pelos heróis e mártires da Coreia".

Entre outros artigos, "Multitud" divulga ainda: "Marx o Espirito do Fantasma do Comunismo", de Baltazar Balcani; "Primeira Elegia", de Dámaso Ogaz; "Poema" de Félix Gabriel Flores; "Por um Cinema Nacional, creador e democrático, de Pablo Diaz; "Colombia, imperio do terror" por Enrique del Valle.

## «CADERNO SUBURBANO»

— Iolandino Maia. Edição «Temario» — 1953. Em modesta edição da revista «Temario» acaba de ser publicado no Rio de Janeiro o livro acima enunciado. É composto de vinte e dois sonetos, tendo por constante o suburbio onde o poeta nasceu. Os versos de Iolandino Maia adquirem, por isso, um certo lirismo provinciano que se mantém muito bem dentro do seu temperamento e do gênero que escolheu. Alguns sonetos chegam, mesmo, a se elevar sobre outros conseguindo manter um bom nível poético. Esses são justamente os que tratam de temas mais atuais e humanos e não simplesmente prosaicos como em alguns outros.

Devemos louvar nesse poeta a audácia de apresentar um livro de sonetos no momento em que a maioria dos poetas novos acha que esse gênero poético já morreu e também pela escolha de alguns temas. Sem se alçar até à poesia revolucionária esses sonetos tratam com muita ternura de temas bem nossos, nacionais e mesmo suburbanos mas nem por isso menos dignos de serem cantados. Entre a produção desse jovem que, ao que parece, está estreando agora devemos salientar os sonetos "Persiana", "Natal", "Alvorada Vermelha" e "Noturno". Isso, porém, não repre-

senta, uma escolha crítica, mas as preferências de um leitor. O certo é que Iolandino Maia, com um pouco mais de apuro técnico e mais vigilância estilística, continuando no caminho que vai e aprofundando sua inspiração nas lutas do nosso povo, poderá nos dar uma boa poesia.

## «URSS»

«URSS», revista da delegação soviética no Uruguai, dedica o seu n.º 19 ao 1.º de maio, dia internacional dos trabalhadores.

Entre as várias matérias que publica sobre as comemorações do Primeiro de Maio na União Soviética, transcreve o discurso que, em nome do Governo Soviético e do Comitê Central do PCUS, pronunciou o Marechal N. A. Bulganin, na Praça Vermelha, por ocasião do memorável desfile comemorativo da data.

Saudando o dia internacional dos trabalhadores, o Marechal N. A. Bulganin reafirmou a política de paz da URSS, dizendo, a certa altura:

"O Governo Soviético estará disposto a qualquer entendimento com os governos de outros países, encaminhando verdadeiramente no sentido de acabar com a tirania internacional, querendo ver assentadas por atos as declarações de paz que fazem os dirigentes dos citados governos. Mas até o momento, não existe o menor sintoma de que hajam reduzido a carreira armamentista, de que tenham diminuído a vasta rede de bases militares disseminadas pelos territórios que se limitam com a União Soviética, nosso Governo continuará manifestando sucessivamente a devida preocupação de garantir a defesa e a segurança de nossa Pátria. Nosso Governo conclama a fortalecer nossas forças armadas para estar pronto a revidar a todo momento as tentativas das forças hostis de quaisquer espécies, que tentem impedir o avanço pacífico e vitorioso do povo soviético para a sua grande etapa: o comunismo".

Sobre o 1.º de Maio, divulga ainda «URSS» importantes artigos de N. Krivenko, Iuri Boriakovski, e Uigun.

V. Arefieva, em trabalho sobre a construção das primeiras obras do comunismo-impotância geográfica e histórica do rio Volga, salienta a influência econômica que

das obras, as gigantescas comportas e centrais hidroelétricas, que serão um marco na marcha para o comunismo.

Além de outros artigos, «URSS» transcreve o texto do Congresso dos Povos pela Paz dirigido ao Governo Soviético, bem como a «Resposta do Governo Soviético».

Acompanha o número 19 de «URSS», em separata, o livro de J. V. Stálin — «Problemas Econômicos do Socialismo».

## LIVRARIA DAS BANDEIRAS

### A FESTA DOS ESCRITORES NA «LIVRARIA DAS BANDEIRAS»

A Festa dos Escritores, realizada pela Livraria das Bandeiras, na tarde do dia 25 de maio último, com a participação de dezenas de escritores e de numeroso público, alcançou um êxito invulgar.

Nessa festa original, pela primeira vez realizada em São Paulo, os autores de livros tiveram a feliz oportunidade de manter contacto próximo com os seus leitores, mantendo com os mesmos animadas palestras e, assim, colhendo pessoalmente as opiniões do público em relação às suas obras. Enquanto os fotografos e os operadores da televisão funcionavam, colhendo aspectos da tarde festiva, os escritores autografavam livros, muitos dos quais vendidos por conhecidas artistas paulistas, como Silas Roberg, Sonia e Anita Greiss, radialistas, a pianista Ana Stela Schic e a pintora Eva Fernandes.

Entre outros escritores e poetas, participaram da Festa dos Escritores os seguintes: Afonso Schmidt, Antonieta Dias de Moraes, Brasil Machado de Campos, Domingos Marcelini, Helena Silveira, Jamil Almansurd Haddad, Jorge Rizini, Maria de Lourdes Barros Leitão, Mary Apocalipse, Paulo Dantas, Reinaldo Bairão, Sra. Leandro Dupré, Pontes de Moraes, Geraldo Rodrigues, Maria de Lourdes Teixeira, Lazineha Luiz Carlos de Caldas Brito e A. C. de Carvalho.

Com a sua brilhante iniciativa, que conquistou os mais entusiásticos aplausos dos meios culturais paulistas, a Livraria das Bandeiras revelou-se uma pioneira. E' de se esperar que se repitam, com frequência, festas do gênero.

O PROXIMO NUMERO DE "FUNDAMENTOS" SERA DEDICADO AO ESCRITOR AFONSO SCHMIDT.

PUBLICAREMOS POEMAS E DIVERSOS ORIGINAIS DE SUA AUTORIA, ALÉM DE ESTUDOS E REPORTAGENS SOBRE A SUA VIDA E OBRA.

## ATUALIDADES FRANCESAS

- ☆ Literatura
- ☆ Artes
- ☆ Aluns de reproduções
- ☆ Dicionários
- ☆ Revistas
- ☆ Jornais

SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

## LIVRARIA FRANCESA

Sociedade de Intercâmbio Franco-Brasileiro Ltda.

SÃO PAULO

RIO DE JANEIRO

275, Rua Barão de Itapetininga —  
Telefone 36-6091 — Caixa Postal:  
5728 — End. Tel. "INFRABRAS"

54-A, Av. Presidente Antonio Carlos —  
Telefones 42-4847 e 42-8829  
— End. Tel. "FRANLIVRO" —

## INDICADOR PROFISSIONAL

### ADVOGADOS

● AVLAD MARTINS FERRAZ  
Rua Anchieta, 34 — Sobreloja  
Fone 33-7929

● RIO BRANCO PARANHOS

● AGENOR BARRETO PARENTE

Praça da Sé, 371 — 10.º — sala 1014  
Fone 32-3768

● CÉLIO MANÇO VIEIRA  
● ALBERTO MAURO CONTADOR  
Rua da Liberdade, 21 — 3.º andar —  
Sala 306 — Fone 35-2502

● LÉA NOVAIS  
● CICERO SILVEIRA VIANA  
● JULIO MARIO  
DIAS DE MORAES  
Praça da Sé, 371 — 4.º — sala 415  
Fone: 35-3314

● RAIMUNDO PASCOAL BARBOSA  
Avenida 9 de Julho, 40 — 5.º andar —  
Sala 5-D

● HOLANDO NOIR TAVELLA  
Rua Senador Feijó, 69 — 5.º andar —  
Sala 51

● MAURICIO DE OLIVEIRA  
Rua Senador Paulo Egidio, 34 — 3.º  
andar  
FONE 32-6333

● ITURBIDES BOLIVAR DE AL-  
MEIDA SERRA  
Rua Benjamin Constant, 23 — 1.º andar  
— Salas 1 e 2  
Fone 32-8568

### MÉDICOS

● DR. ANTONIO BRANCO LEFE-  
VRE  
Moléstias Nervosas  
R. Marconi, 94 — 9.º Andar Tel 36-6073  
● DR. JOÃO BELINI BURZA  
Clínica do Sistema Nervoso  
Av. São João 1.086 — 18.º — Apt. 1.804  
Fone: 34-6935

● DR. ALVARO DE FARIA  
Molestias pulmonares e do coração  
RAIOS X — Eletrocardiografia  
Das 15 horas em diante  
Rua Benjamin Constant, 61 — Fo-  
ne: 32-1350

● DR. JAYME ABOVSKY  
Membro correspondente da Sociedade  
Brasileira de Saúde Pública. Clínica de  
Crianças  
Rua Cons. Crispiniano, 53 — 11.º Andar  
— Conjunto 112 — Tel. 36-0577